



CANTINO CASTELLO BRANCO



LIBRAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir

- 1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mystérios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O juden.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere
55 — Mystérios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — THEATRO: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — THEATRO: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca*, recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna I Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zinco-grafica da 1.^a edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.^a edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.^a edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

- | | |
|---|---|
| 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet. | 16 — Esgotado |
| 2 — Esgotado. | 17 — Esgotado. |
| 3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet. | 18 — O ultimo amor, por Ohnet. |
| 4 — Esgotado. | 19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneff. |
| 5 — Esgotado. | 20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp. |
| 6 — Esgotado. | 21 — Esgotado. |
| 7 — Esgotado. | 22 — Esgotado. |
| 8 — Esgotado. | 23 — Camilla, por G. Ginisty. |
| 9 — Esgotado. | 24 — Trahida, por Maxime Paz. |
| 10 — Esgotado. | 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot. |
| 11 — Esgotado. | 26 — Esgotado. |
| 12 — Esgotado. | 27 — Esgotado |
| 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget. | 28 — Esgotado. |
| 14 — Esgotado. | 29 — Mentiras, por Paul Bourget. |
| 15 — Esgotado. | 30 — Marinheiro, por Pierre Loti. |
| | 31 — Esgotado. |
| | 32 — A Evangelista, por Daudet. |

- 33 — Aranha vermelha, por R. de Pcnt Jest.
 34 e 35 — Esgotado.
 36 — Parisienses!... por H. Davenel.
 37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
 38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmiento.
 39 — Esgotado.
 40 — Esgotado.
 41 — O abbade de Favières, por J. Ohnet.
 42 — Esgotado.
 43 — Esgotado.
 44 — A nihilista, por C. Mendés.
 45 — Esgotado.
 46 — Morta de amor, por Delpit.
 47 — João Sbogar, por C. Nadier.
 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
 51 — Esgotado.
 52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
 54 — A sogra, por Laforest.
 55 — Colomba, por P. Merimée.
 56 — Katia, por L. Toïstoï.
 57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
 58 — Duplo amor, por Rosny.
 59 — Esgotado.
 60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
 62 — Esgotado.
 63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
 64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
 65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
 67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
 68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
 69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
 71 — Depois do amor, por Ohnet.
 72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
 73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
 75 — Uma ondina, por Theuriet.
 76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
 77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
 78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
 80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
 81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
 82 e 83 — O Destronado, por A. Ribeiro.
 84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
 85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
 86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
 87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy



OBRAS
DE
CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

X

CAVAR EM RUINAS

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
— RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
LISBOA

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir



- | | |
|---------------------------------------|--|
| 1 — Coisas espantosas. | 52 — Lucta de gigantes. |
| 2 — As tres irmans. | 53 e 54 — Memorias do carcere. |
| 3 — A engeitada. | 55 — Mysterios de Fafe |
| 4 — Doze casamentos felizes. | 56 — Coração, cabeça e estomago. |
| 5 — O esqueleto. | 57 — O que fazem mulheres. |
| 6 — O bem e o mal. | 58 — O retrato de Ricardina. |
| 7 — O senhor do Paço de Ninães. | 59 — O sangue. |
| 8 — Anathema. | 60 — O santo da montanha. |
| 9 — A mulher fatal. | 61 — Vingança. |
| 10 — Cavar em ruinas. | 62 — Vinte horas de liteira. |
| 11 e 12 — Correspondencia epistolar. | 63 — A queda d'um anjo. |
| 13 — Divindade de Jesus. | 64 — Scenas da Foz. |
| 14 — A doida do Candal. | 65 — Scenas contemporaneas. |
| 15 — Duas horas de leitura. | 66 — O romance d'um rapaz pobre. |
| 16 — Fanny. | 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado. |
| 17, 18 e 19 — Novellas do Minho. | 68 — Noites de Lamego. |
| 20 e 21 — Horas de paz. | 69 — Scenas innocentes da comedia humana. |
| 22 — Agulha em palheiro. | 70 e 71 — Os Martyres. |
| 23 — O olho de vidro. | 72 — Um livro. |
| 24 — Annos de prosa. | 73 — A Sereia. |
| 25 — Os brilhantes do brasileiro. | 74 — Esboços de apreciações litterarias. |
| 26 — A bruxa do Monte Cordova. | 75 — Cousas leves e pesadas. |
| 27 — Carlota Angela. | 76 — THEATRO: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas. |
| 28 — Quatro horas innocentes. | 77 — THEATRO: II — Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo. |
| 29 — As virtudes antigas. | 78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas ! |
| 30 — A filha do Doutor Negro. | 79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola. |
| 31 — Estrellas propicias. | 80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores. |
| 32 — A filha do regicida. | |
| 33 e 34 — O demonio do ouro. | |
| 35 — O regicida. | |
| 36 — A filha do arcediago. | |
| 37 — A neta do arcediago. | |
| 38 — Delictos da mocidade. | |
| 39 — Onde está a felicidade ? | |
| 40 — Um homem de brios. | |
| 41 — Memorias de Guilherme do Amaral. | |
| 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa. | |
| 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz. | |
| 47 e 48 — O judeu. | |
| 49 — Duas épocas da vida. | |
| 50 — Estrellas funestas. | |
| 51 — Lagrimas abençoadas. | |

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LPov.
C3493c

CAVAR EM RUINAS

ROMANCE

O livro hade ser do que vai escripto n'elle.
B. RIBEIRO — *Menina e moça.*



4.^a edição, conforme a 1.^a, unica revista pelo auctor



1920

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

347892
14. 3. 38.

CAVAR EM RUINAS

Nota das edições que tem tido este volume até á presente

- 1.ª edição—Lisboa—sem data (1867)—Livraria Campos Junior — 1 vol. de 252-2 pags. — D'esta 1.ª edição ha exemplares com novo frontispicio, sem data e indicação de 2.ª edição e com prefacio.
- 2.ª edição — Lisboa — 1903 — Vol. 10.º da Collecção Pedro Correia.
- 3.ª edição — Lisboa — 1912 — Vol. 10.º da nossa collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.
- 4.ª edição — Lisboa — 1920 — que é a presente.

PREFACIO

Os livros antigos pagam liberalmente a quem os atura. Não ha velhice mais dadivosa e agradecida do que a d'elles. Sentam-se comnosco á sombra de arvores, suas coevas, e contam-nos coisas que viram os plantadores das arvores. Nos silencios das noites giadas dos nossos janeiros, elles, que os contam aos centos, aconchegam-se de nós e conversam com o mesmo affecto das tardes estivas, embora o frio lhes esteja orvalhando os pergaminhos das capas. Optimos amigos que nem quando nos adormecem se agastam, e até soffrem ser ouvidos sem ser escutados!

Referem elles, á volta de passagens deleitosas, casos mortificativos. De hortos enverdecidos e jardins recendentes, a subitas, vos transferem aos agros das gandra e ladeiras fragosas em que sentis o dissabor do desencantamento. Que faz isso? Mandae-os calar; folheae, voltae olhos para as amenidades d'onde saistes ou ide em cata d'outras: que elles, os soffridos velhinhos, vos não hãode, por despeitados, sonegar ao inventario, todo vosso, as contas de ouro de sempre altissimo quilate misturadas com outras despreciadas e desluzidas pelo atrito dos seculos.

Dos amigos vivos, mais lidos, sabedores e inventivos, quantos tendes que vos enchessem oito dias de palestra alternada de ridente comedia e penetrativa tristeza de catastrophes?

Mas não ides mais de vontade para o escutar de grandissimos infortunios, que vos fazem e mostram de cinzas esquecidas uns vultos viventes e apaixonados?

O que ahi vae por chronicas de frades, por livros menos lidos do que as chronicas, bons para historia, optimos para phylosophia, e melhor de tudo, balsamicos e vivificantes para corações

despegados do «hoje em dia» e do nublado «amanhã» que a sciencia, a cada hora, vae innoitando mais, apagando-lhe esplendores que já n'um tempo entreluziram á espiritualidade do santo ou á candidez do poeta !

O Presente é este sincero desgosto de muitos e intermitente embriaguez da felicidade de poucos. O Futuro é um descuido do maior numero e uma afflicção de poucos espiritos que vieram sãos a um mundo cheio de aleijados. O Passado, o passado, é já agora o unico, seguro e abençoado refugio de quem pode ir por trevas dentro a bater azas de luz e a poisar-se lá sobre ruinas, onde não chega a pedra d'estes fundibularios que tem seus arsenaes nos enxurdeiros das cidades florentes.

O Passado, que não é coisa morta, que ainda pulsa muita vida em arterias de marmore e refrigera os ossos requemados do sol de dois mil annos na corrente do Tibre ; o Passado, que tem suas noitadas festivas no theatro de Pompeu e no circo de Domicia ; que se banha nas thermas de Aureliano e Constantino ; que se esfria dos arvores italicos sob os porticos de Faustina e de Hercules, ou aromatiza o sangue nos jardins de Celonia Fabia e de Julio Cesar . . . Oh ! abençoado é este degredo das almas condemnadas cá ! Além é como casa de saude e convalescença para enfermos d'estas lagôas pontinas almiscaradas por drogas e essencias da Civilisação, que bufarinheiros pregoam no intuito de fazerem sua cumplice á nobilissima neta de Platão, á filha dilectissima de Jesus, á mãe estremecida de João de Deus restaurador de enfermos, e de Vicente de Paulo redemidor de creancinhas !

Abençoado degredo, o Passado, para todos ; mas ainda prestadio e humanissimo para os que o ignoram ou desdenham, quando os desterrados são Castilho, e, como elle nas horas de repatriados, se sentam, sonhadores infinitos, no fuste das columnas que já sustiveram grinaldas de Virgilio, e d'alli desferem toadas das reminiscencias que trouxeram.

Ah ! quem podéra viver a vida do poeta, sabedor de quanto ha dito e feito e destruido a prosa ! Ir com elle ao exilio do Passado, com elle que tem na sua individualidade o espirito vital e intellectivo do cyclo de gigantes que ainda vos não a medir seu tamanho pela extensão de suas ruinas ! Que me Deus livrasse de me haver com Heinsios e Grenovios, com exumadores

de deuses a milhares e esfossilisadores de peregrinos jarrões da Etruria! Com o meu Castilho é que eu me queria em Roma, na Roma que elle vê e palpa, com a mão de Ovidio na sua, com os olhos de Virgilio nos seus, com o talento e almas de ambos no amar e sentir, no entender e contar mysterios convizinhos do empyrio, voluptas e azedumes do coração, alegrias e ensinamentos do campo,—as bellezas d'este mundo, unicas em que Deus parece estar-se revendo ainda!

Mas não chegam lá impulsos de vontade. Demanda longa catequeze e mui provada iniciação o remontar-se a tanto quem o melhor dos annos bordejou n'uma sciencia de costeação que é a melhormente negociada nas feitorias d'estes chatins de cá: sciencia que vem a ser a minha, bem feitas as contas, contas que, apesar de bem feitas, não cança quem m'as glosé.

Tambem tenho o meu refugio do passado. Algumas duzias de livros levantados em cêrco á volta de dez palmos de taboado de pinho sem alcatifa nem xadrezado marcam as fronteiras das minhas delicias. E' o que tenho. E dentro d'isto, n'uns dias de saudade do meu querido Castilho — que ainda alli se me figura dizendo-me como Virgilio teria poetado se houvesse nascido em Portugal—na ausencia d'elle continuei a ouvil-o na locução diamantica de Fernão Mendes e Bernardes. Era um desabafar saudades com elles que tinham cortejado Castilho n'este recinto, como a bom amigo que os andara apresentando e recomendendo com graciosa urbanidade e primor de phrases muito saboreadas, como muito suas, dos dois velhos.

Ao compasso da conversação ia eu desconcertando e fabulando a meu modo algumas das sisudas e concertadas noticias dos meus consoladores. Queiram elles descoimar-me da culpa de nimiamente facêto na publicidade das praticas que tivemos; e me perdoem, se alguma vez me esqueci d'elles entretido com uns antipodas, que tambem os tenho cá, para me ajudarem a parvoejar quando é necessario.

S. Miguel de Seide,
9 de setembro de 1866.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



As moscas

O demonio que tem em si espiritualmente todos os máos costumes da mosca, quiz tambem ter a sua exterior figura.

P.^e M. BERNARDES — *Flor.* 2.^o pág. 26.

Este introito vem, ao que parece, descabido n'um livro que entende em coisas antigas, posto que as moscas não sejam modernae.

Desculpem-me a impertinencia do motivo.

Escrevo nas angustias em que o Pharaó escreveria n'aquelles dias da excruciente praga dos mosquitos. Zumbem á volta de mim em legiões que irrompem das carvalheiras visinhas das minhas janellas.

De cada ferroadada dolorosa, espirra uma gota do suor do phrenesi. Trespasam-me com os seus estiletos até ao cerebro. Está como sujo e sevandijado d'ellas todo o laboratorio das minhas idéas.

Salta-me de repente a idéa explicativa da mingua de escriptores n'este paiz das moscas. Não ha cabeça de ferro que vingue resguardar d'ellas os camarins do pen-

samento. Ao quarto estio, como que os mais viçosos e esperançados engenhos sorvam-se e apodrecem conspurcados por estes demonios, como judiciosamente lhes chama o meu oratoriano Bernardes.

Que fez a antiguidade, que fizeram as civilizações em favor do genero humano contra as moscas?

Aqui vem o justificado encabeçamento d'este assumpto em materias muito mais levantadas, mas certo menos aconchegadas dos padecimentos da humanidade.

O que fizeram as civilizações contra as moscas? Boa pergunta! Não fizeram nada. Milhares de inventos e aperfeiçoamentos nos diversos systemas de matar a gente, isso sim. Quanto ás moscas, estamos como no principio: matamol-as como Eva matou a primeira que lhe ferrou nas suas bentas nalgas: ás bofetadas.

Li, pouco ha, o *Diccionario de Conversação*, repositorio de toda a sciencia sobre tudo, inclusas as moscas. Que diz? Manda-nos fazer gabelas de fetos, pendural-as, esperar que as moscas se impoleirem á noite, e apanhal-as n'um sacco. Que progresso! Este systema insecticida data da invenção dos fetos e dos sacos.

Ha uns papeis impregnados de peçonha que as matam; mas que nauzeas e sujidade! As moribundas vem espernear sobre a carta anilada que escreveis á vizinha, escabujam agonisantes no vosso tinteiro, e outras vezes morrem-vos nas orelhas ou nas fossas do nariz, quando se vos não agarram, nas ancias da morte, a uma pestana.

Tamanho medo e horror cobraram os antigos das moscas que se apegaram a um deus que os defendesse d'ellas. Myiodes e Jupiter apomyio eram as divindades eleitas para a destruição das insolentes sevandijas. Beelsebut, diabo e mosca tudo é um. *Beelzebut* quer dizer

«idolo das moscas»—nome posto ao idolo dos Accaronitas, á conta dos enxames d'ellas que referviam sobre a sangoeira das victimas immoladas ao idolo. Um dos titulos mais rasoaveis que o demonio tem é o de *Principe das moscas*.

E, todavia, perversissimos talentos escreveram a apologia da mosca. Estes scelerados chamaram-se n'este mundo Luciano e Leão Baptista, sujeitos que eu nunca li, nem viria a conhecer de nome, se o padre Manoel Bernardes m'os não apresentasse para que eu os mande n'este livro eterno á execração da posteridade.

Heliogabalo presenteava os seus amigos com moscas vivas. Que mimo! e que amigos elle tinha!

Imperadores podem dar moscas e coisas peiores que tudo lhes será encarecido.

Já um adulator palaciano disse a um rei que as moscas que o mordessem e participassem do seu real sangue seriam de melhor casta do que as outras. A meu juizo, a mosca cevada na anca de um gordo onagro leva vantagem á que desangra algum costado arganzaz de rei. Reis e onagros são eguaes perante a mosca. Não ha bestinha fera mais democratica do que esta!

E mulheres chamadas «moscas»? Era sobrenome insignne e amoravel de poetisas em Thebas e Sparta. Mosca se apellidou uma filha de Pythagoras, e outra em quem o meu Bernardes desfaz com justissima razão, dizendo que «foi assim chamada por que era famosa meretriz amiga de se pôr nos corpos para lhes tirar o sangue». Santa Maria Egyptiaca, antes de santa, não foi das melhores moscas; depois um padre Theophilo Raynaldo querendo nobilitar com foros celestiaes a mosca, denominou-a santa: «mosca mystica». Que não dirão Theophilos!

O diabo é mosca.

A poetisa é mosca.

A meretriz é mosca.

A santa é mosca mystica.

Em verdade, a mim hoje, n'este ardentissimo 16 de agosto de 1866, tudo me parece moscas, e todas, sem excepção das mysticas, remetto ao demonio, como a principe d'ellas.

Eis um caso em que o demonio para ser pessoa de bem se transfigurou em mosca. Hade ser contado por quem fez da lingua portugueza a mais graciosa do mundo :

«...Chuniberto, rei dos longobardos, retirando-se a um seu aposento interior, consultava com um ministro seu confidente, a morte de outros dois que lhe eram odiosos. Veio alli n'este tempo uma mosca que o rei quiz matar com um canivete que acaso tinha na mão; mas escapou-lhe e sómente lhe cortou um pé. Vieram depois aquelles dois homens a palacio ignorando o mal que contra elles estava determinado. Porém, sem se saber como nem por onde, appareceu-lhes alli um coxo, que trazia um pé postiço de páo; o qual os avisou que se retirassem logo, por que estava el rei determinado a os matar. Elles assim o fizeram, recolhendo-se á igreja, ao couto de S. Romão martyr. Admirado Chuniberto de se revelar um segredo que não tinha passado do seu peito mais que á notícia d'aquelle conselheiro, o qual se não tinha ainda apartado da sua presença, mandou perguntar aos omisiados por que causa haviam fugido; e, confessando elles a verdade, se entendeu que aquella mosca do pé cortado, era o mesmo coxo do pé de páo, isto é o demonio já em uma, já em outra figura, conforme para a sua malicia e fraudulencia lhe foi necessario.»

Notem, leitores, que o demonio é como alguns anjos infelizes d'este mundo : até na pratica das boas acções são maliciados de fraude e trapacidade. O padre congregado, que conta a historia, veracissima como todas as suas historias, querendo á fina força menoscabar aquella meritoria acção do infernado príncipe, pondera :

«Não faça duvida que o demonio não é o que atalha homicídios, se não o que induz a elles : por que não seria esta a unica vez que Deus obriga a este seu inimigo a desmanchar as mesmas teas que tinha ordido; e assim bem podia achar-se na consulta da morte, e depois na revelação do segredo.» (1)

Que logica ! Não se póde ser demonio honrado, nem desgraçado bom n'este mundo !

Tornando ás moscas, o inferno estava despovoado, se estas, que eu vou matando a murros, fossem diabos.

Quem podesse ser elephante n'este mez de agosto ! O elephante, assim que a mosca lhe toca, arruga o coiro e esmaga-a. Que deleitação carniceira a dos felizes d'este mundo incoirados como elephantes ! umas caras que a gente vê capazes de se enrugarem e entalarem não só moscas, mas pirúas que pousassem n'ellas !

Por ultimo, leitor que soffre moscas, o que vossa excellencia me pede, é remedio que as desime e afugente ? Eil-o ahí extrahido de Aldivrandus, no liv. 3.º de *Insectis* : Pendura-se no tecto a cabeça ou a cauda d'um lobo.

E mais nada.

A difficuldade é achar lobos : n'estas terras onde eu vivo os lobos são comidos pelas moscas.

(1) Flor. voi. 2.º, pag. 27.

Frades, ursos e um duque de Bragança

... Já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento
 viu a gente
 Terem tão piedoso sentimento...

CAMÕES — *Lus. C. III. Est. CXXVI.*

I

Aconteceu estar, uma vez, o padre S. Francisco em oração mental, e ver uma estatua, parecida com outra que Nabuco vira sonhando. Eram de ouro a cabeça, de prata os braços e ventre, os joelhos cobre, parte dos pés ferro e outra parte barro.

O santo não entendia aquillo, e ficou enleiado. Eu, peccador, se similhante estatua visse, e podesse colhel-a ás mãos, vendia-a toda até aos joelhos; e, se me ella saisse um lôgro de vapor e sombra, quedava-me a calcular quantos marcos de prata me daria o ventre real e tangivel da estatua e quantos de ouro pesaria a cabeça. *Confiteor.* Deram comigo n'esta bruteza de instinctos os

economistas. A vida moderna vae assim mareada de calculos vis. D'isto procedem as «tristezas modernas» de que os poetas se deploram, e eu d'ellas e d'elles.

S. Francisco, o seraphico fradinho, ao ver a estatua, entrou em afflictivas conjecturas sobre o entendimento de tal symbolo. Eis lhe acode um anjo peritissimo a explicar o mysterio. «Os differentes metaes, disse elle, significam as mudanças que na tua ordem se hão de fazer até ao fim do mundo. Do ouro, em que foi fundada, descerá a prata, e assim irá desmerecendo até á pobreza e fragilidade do barro.» Até aqui andou bem o anjo e melhor o chronista do caso. De feito, quem hoje tem cincoenta annos, póde gabar-se de ter visto realisada a profecia no desfazer-se o barro dos pés da estatua, da qual apenas ficaram os calcanhares, por serem ferro. A barriga, que era prata, e a cabeça, que era ouro, essas bem sabemos onde ellas param, e quantas barrigas venerandas e cabeças regeneratrizes se refundiram d'ellas. Dos calcanhares não fizeram cabedal os salteadores. Agora pagam elles o erro, por que uns couces, que lhes batem na consciencia, quem lh'os dá são os calcanhares de ferro da estatua que viu o glorioso padre S. Francisco.

O anjo interprete, continuando a explicar, asseverou que a ordem franciscana seria eterna e honrada por varões perfectos. Falhou n'este ponto; no mais adivinhou como quem era. A omnipotencia do saber novo! A economia politica desfez, ha quarenta annos, o que estava planeado no céu em tempo de S. Francisco! Foram-se de vez os franciscanos; desfez-se, refundiu-se a estatua em palacios, alegres, estrondosos como prostibulos da Roma cezárea; tudo levou sumiço, afóra os calcanhares que eram de ferro, ferro forjado e batido na incude da

providencia, por causa d'aquelles couces mencionados acima.

A ordem de S. Francisco, aqui ha coisa de tres seculos, deu visos de estar apostemada interiormente nos dois reinos da peninsula hespanica. Fr. João de Guadalupe, frade castelhano, lembrou-se da estatua que vira o pátriarcha, e julgou-se na prevista época do barro. Aperta os rins, sae do convento, com a alma incendiadissima de zelo, e clama nas praças de Tolosa: «Venha comigo ao dezerto quem quizer salvar a religião seraphica!» Não foi ninguem. Os frades mais claustraes e observantes encolheram-se á sombra da disciplina conventual; e os estragados, offendidos por aquelle brado, conjuraram-se em guerra solapada a frei João.

Parte o fradinho para Roma, e volta com um breve para a fundação de frades reformados. Os padres, chamados «observantes» sollicitam e obtem outro breve, com que embargar o de frei João; e vae frei João solícita e obtem, de pancada, dois breves contra o breve dos adversarios. E todos estes breves foram dados pelo mesmo Alexandre VI. Em que andanças o pae de Lucrecia Borgia, Rodrigo Borgia, o vigario de... (oh! blasfemia!) trazia os franciscanos e o espirito santo!

Fr. João de Guadalupe fundou as primeiras casas chamadas dos «Capuchos», em Castella, e logo delibrou vir fundar uma em Portugal. Optima lembrança! Tirante Castella, não havia no globo torrão mais de medrança para fradarias que o de Portugal, nem para a nova sementeira reinado mais propicio que o de D. Manoel!

Entram frei João e um companheiro até Lisboa.

Precede-os um anjo, se não foram dois—um anjo para cada frade. Chegaram á côrte; e, ao atravessarem o Ter-

reiro do Paço, encontram uma vistosa companhia de fidalgos sobre seus fogosos frizões ás upas e recuadas. Era D. Jaime, duque de Bragança com os seus palacianos e criados. O sobrinho d'el-rei D. Manoel dá d'olhos nos dois capuchos e repara com estranheza no habito nunca visto.

Pára, faz parar a comitiva, contempla os fradinhos descalços, aquelles habitos rotos e curtos, os capellos agudos, os braços recolhidos, as faces maceradas, aquillo tudo que bradava penitencia.

Chegam os frades, que vão seu caminho, d'olhos em terra.

— Quem sois e a que vindes? lhes pergunta o duque.

— Somos, respondeu frei João, frades reformados da ordem d'os menores, e vimos de Castella por certos negocios de importancia a esta côrte.

E logo o duque, tocado desde o alto, volveu com santo enthusiasmo:

— Padres, recebereis uma casa n'este reino, se vol'a offerecerem e fizerem de boa vontade?

— Essa nos traz, senhor, a elle, disse frei João, e proseguiu suspirando: e pois Deus assim ordena nossas coisas, sem duvida que a mesma deve ser tambem a sua.

— Não ha tempo agora para mais — tornou o duque — depois de jantar ireis a minha casa. (1)

Foram os frades aos paços do duque, psalmeando de caminho um alternado *Gloria in excelsis*; e referiram

(1) E' o dialogo trasladado da *Chronica da Provincia da Piedade* por Fr. Manoel de Monforte, pag. 28.

ao príncipe a historia da sua intentada reformação empedada de trabalhos, odios e suggestões de Satanaz.

O duque, apoz ouvi-os com edificado animo, disse :

— Pois Deus vos trouxe a Portugal em tempo que para com perfeição o servir, heis mister amparo, estae certos que achareis em mim sempre affectuoso patrocínio. Eu vos tomo á minha conta. E para que saibais quanto é assim, ponde-vos a caminho para Villa-Viçosa, e n'ella vos mandarei fazer convento, onde experiencia vos mostrará que não são minhas obras differentes das palavras.

O duque de Bragança, que assim fallava aos capuchos, era moço de vinte e um annos, gentil, formoso, porém triste e quebrado de olhar como quem para lagrimas sómente os tivesse, e cansados d'ellas os fechasse ás alegrias d'este mundo.

II

E tão triste, porque?

Querido do rei e do povo; mais rico, mais fastoso que o rei, e mais que elle amado da nação, aos vinte e um annos, por que se fugia do mundo, nas florestas da sua Villa-Viçosa, o filho d'aquelle D. Fernando degollado em Evora?!

Que lhe faltava para os regalos da vida, da alma e das delicias que aromatisam o ar do peito e decompõe a luz do sol em raios encantadores?

Não tinha elle de esposa a mais formosa menina de Hespanha, D. Leonor de Mendonça, filha dos duques de Medina Sidonia?

Não era ella a mais opulenta das herdeiras dos dois reinos?

Era tudo: de formosa fazia esquecer que era rica; e de rica diminuia os gabos á formosura. Assim mesmo, o duque não amava Leonor.

Amaria outra quando sua mãe, e seu tio el-rei D. Manoel o constrangeram a esposar aquella? Não o dizem os chronistas. Damião de Goes deixa entrever a violencia do casamento e a mortificação do duque, n'este dizer: «Dom Jaimes, duque de Bragança, filho do duque «D. Fernando, foi homem prudente e muito dado á religião; mais desejoso de n'ella servir a Deus que não «em outro estado. Pelo que contra sua vontade e com «desgosto, por comprazer a el-rei e á rainha D. Leonor, «seus tios, e á duqueza D. Izabel sua mãe, posto que «n'aquelle tempo andasse muito doente de humor melancolico, cazou em idade de vinte e um annos... com «D. Leonor de Mendonça... moça sem ainda ter idade para se entre elles poder consummar o matrimonio, «do que o duque desgostoso... etc.» (1)

Do historiador o que podemos, pois, averiguar é que o duque, ao tempo em que o casaram, andava *muito doente de humor melancolico*, e não melhorou com o casamento, antes se lhe azedou a bilis de se ver cazado do modo mais descommodamente imaginario que podia ser. D. Leonor era uma galantissima menina, affeiçãoada a bonecas e a borboletas, mui festeira de gatos e periquitos d'África: é o que eu esgaravatei em papeis ineditos, que hão de vir a lume, quando em Portugal se escrever historia sinceramente phylosophica.

Se o duque fosse um homem vulgar, folgaria de ir

(1) *Chronica d'el-rei D. Manoel, primeira parte cap. LXI.*

esperando em quanto a esposinha ia crescendo com as suas adoraveis creancices, e, ao mesmo tempo, deixaria que á flôr dos alvos seios das damas de sua côrte se andasse volitando o coração, sem offensa de Deus nem maior escandalo do proximo.

Não era moço d'isso o nosso impolluto D. Jaime. A virtude, já rara n'aquelle tempo, levou-o da mysantropia ao ascetismo. Ora, a esposa, quando elle se dobrava no genuflexorio aveludado do seu oratorio, cortava-lhe o enlevo da oração, trazendo-lhe os gatinhos recém-nascidos da gata predilecta, ou outra historia de gatos que se peoravam em tigres no peito do devoto.

Tal era o estado moral de D. Jaime, quando se encontrou com os capuchos no Terreiro do Paco.

III

Chegou frei João de Guadalupe a Villa-Viçosa, e logo o duque lhe mandou eleger o local do convento. Construíram os capuchos umas cabanas na cerca, pelas quaes se repartiram solitarios em oração. O duque mandou tambem fazer sua cabana pelo molde das fradescas, a qual se ficou chamando «oratorio do duque».

Deixemos a frei Manoel de Monforte o goso de nos referir o viver do marido de D. Leonor entre os seus fradinhos :

«N'elle (no oratorio) gastava muitas horas em oração mental, nos tempos que se exercitavam n'ella os religiosos, e juntamente se achava nas communidades que faziam assim do còro e officios humildes, como outros exercicios monachaes. Com elles comia no

«refeitorio, não só as vezes que os queria honrar com a
«presença da sua pessoa e *recreal-os com as iguarias*
«*da sua mesa*, (1) se não tambem outras muitas que que-
«ria mortificar-se a si mesmo, contentando-se de comer
«dos manjares grosseiros dos frades. . . Não faltava pela
«meia noute ás matinas, fazia no refeitorio as peniten-
«cias, dizia prostrado por terra suas culpas como se fôra
«o mais humilde noviço. . .»

Aqui, se ala o frade chronista a eminencias de mais
puchado estylo e exclama: «. . . A quem não edifi-
«caria, ver um tão grande principe em a flôr de sua
«idade e primavera dos annos, quando estes estão in-
«fluindo vaidades e altivezas, arrojor por terra as sedas,
«arrastar brocados, ajoelhando-se aos pés de uns pobres
«frades descalços?» (2)

E a duquezinha Leonor que fazia? Brincava com os
seus treze annos, ganhava medo á cara do extatico es-
poso, fugia-lhe como filha assustada das carrancas pa-
ternas, e via-se no espelho com um certo ar de quem
encontra nos olhos algum revérbero de fogueira que la-
vra e queima nos nervos do peito como em farripas de
algodão em rama.

IV

Um dia, o duque desapareceu de Villa-Viçosa e dei-
xou uma carta ao rei, dando-lhe conta de sua firme re-

(1) Ah! bons patuscos de capuchos! . . . *Nota do compositor.*

(2) *Chronica da Pied.* pag. 31.

solução de fazer-se frade capucho, em cujo proposito vae a Roma a pedir dispensa do anno de approvação, e professar. Pede a D. Manoel que faça mercê de sua casa e honras a seu irmão D. Diniz; e da esposa não diz nada. (1)

Esta carta foi deixada a um dos capuchos, sob clausula de ser entregue, volvidos dias; o frade, porém, temendo-se da ira do rei, entregou a carta no dia seguinte ao da saída do duque.

D. Manoel carregou o sobrolho ao frade, e no mesmo ponto despachou fidalgos em cata do sobrinho por quantas estradas levavam a Roma.

Dos enviados os mais felizes foram uns que pozeram o fito em Callatayud, no reino de Aragão. D. Jaime, aquartelado n'uma estalagem d'aquella cidade, sabendo que era procurado, avençou-se liberalmente com a estalajadeira para que ella o sonegasse. A cavilosa, porém, avisada do premio que os fidalgos offereciam a quem descobrisse o duque, denunciou-o. Tem graça e ao mesmo tempo faz pena o despeito erudito com que o chronista dos capuchos exprobra a deslealdade da estalajadeira: Escreve elle: «Se o duque quizera manifestar-se, «não podéra buscar meio mais accomodado que o que «tomou para mais segurança, descobrindo em segredo á «sua hospeda quem era; pois é este tão difficultoso de «guardar que Chilon, phylosopho antigo, o avaliou pela «mais ardua cousa do mundo; e assim disse Aristoteles «que só aquelle o poderia guardar que na bocca podés-

(1) Damião de Goes suppõe que o duque intentava tomar habito de religião em Jerusalem, e aqui passar todo o discurso de sua vida. *Chronica de D. Manoel*, 1.^a parte, cap. LXI.

«se consentir uma viva braza de fogo: por tal julgava o
 «segredo. Mas, sendo esta a qualidade do segredo para
 «com todos, ainda nas mulheres mais periga: por cuja
 «causa de tres cousas de que Catão se arrependeu em
 «a vida, foi uma d'ellas descobrir segredo a mulher. Não
 «sentiu tanto Sansão a entrega que d'elle fez Dalila;
 «nem Sizara (a não perder a vida) podéra sentir mais a
 «traição de Joel, como o duque sentiu a falsidade da
 «que o hospedava.»

Forçado pelas supplicas dos fidalgos e maiormente pela carta d'el-rei, desandou D. Jaime para Portugal e acolheu-se mais carregado de humores máos aos seus paços de Villa-Viçosa.

Entretanto, os capuchos levavam tunda brava dos seus confrades em Castella. Os franciscanos de S. Thiago, os mais tracistas de todos, urdiram taes intrigas aos seus irmãos, filhos do mesmo S. Francisco, que poderam obter dos reis catholicos ordem de prisão dos capuchos. Esconderam-se os fundadores em casa de D. Alvaro, irmão do justicado duque de Bragança, e tio de D. Jaime, até que outros breves, comprados no balcão do pontifice Borgia, os depressou provisoriamente.

Mas, d'ahi a pouco, os inimigos conseguiram que de Roma se expedisse novo breve contra os capuchos.

Frei João de Guadalupe saiu para Roma, e morreu no caminho.

Frustrado o engenho d'este frade, conspicuo chatim das mercadorias da Santa Sé, a ordem capucha perdeu o esteio e vacillou. O mesmo foi ordenar D. Manoel que os frades incontinentemente saíssem de Villa-Viçosa. D. Jaime saiu contra a ordenança de seu tio; o rei replicou-

lhe com o breve em que o papa mandava extinguir a congregação da Piedade.

Os capuchinhos abaixaram a cabeça humilde e d'ali se foram a emboscar-se na serra d'Ossa, asperrimo e deserto valhacoito de ursos e outras alimarias. Dos muitos ursos, em castelhano «ossos» tirou aquella serra o nome d'Ossa. Embrenhados por cegos matagaes, estavam os frades cuidando em formarem choças das rama-rias, quando o rei, aporfiado inimigo d'elles, á conta de-lhe aliciarem o sobrinho para a ordem capucha, os mandou desentranhar-se dos bosques e sair do reino.

Se ha lance digno de pincel que obedecesse a dois impulsos grandiosos—genio e piedade—é este :

Ajuntaram-se os frades e desceram do viso da serra, despedindo-se lagrimosos das penhas e arvores em que tinham passado alguns dias e noites de oração. Ao compasso que iam descendo, saiam de suas furnas os ursos e paravam a vel-os passar.

Os frades iam cruzando grandes benções sobre os ursos, e as feras inclinavam as suas cabeças compadecidas diante dos pobres desterrados.

O' ursos mais catholicos do que o proprio papa, ó honrados ursos, se ainda hoje a vossa posteridade florescesse na serra d'Ossa, quantos homens de bem iriam demandar a vossa convivencia ! quantos eleitores vos dariam seu voto ! que esperanças não teria ainda Portugal de se ver regenerado por um ministerio de ursos da vossa casta ! Lá os tenho visto, apanhados nos matos do parlamento ; mas, justiça vos seja feita, da vossa linhagem não eram !

V

Agora passemos dos ursos aos frades, e depois á devota besta-fera chamada D. Jaime de Bragança.

Os perseguidos foram a Roma, e voltaram com um breve que lhes mandava restituir as suas casas.

Roma! . . . que devassidão era aquillo!

Estava o duque em Guimarães. Escreveu desde ali aos frades victoriosos assignando-lhes tres casas em Portugal: uma em Chaves, outra em Thomar e a terceira em Barcellos. Vieram os frades, e o duque exultou, considerando-se promotor d'aquella santa milicia, ante quem as legiões do profundo iam de vencida. Ora imaginemos como andaria em palminhas de cherubins a alma de D. Jaime, glorificada e recommendada ao seu creador por tres comunidades de capuchos! A mim me quer parecer que ás orações dos frades deveu D. Leonor de Mendonça achar graça nos olhos de seu marido, coisa provada pelo nascimento de um menino que se chamou Theodosio e de uma menina chamada Isabel.

Assim mesmo, não obstante os filhos e as jaculatorias dos agradecidos frades, a tristeza abhorrida do duque no viver domestico, não se desvaneceu. D. Leonor ainda ajudada com as graças dos filhinhos não ganhou o coração do marido. No meu entender, a esposa repulsada das caricias licitas, procurou-as menos legitimas, e por ventura as menos deshonestas. Póde ser que, por mera garridice hespanhola, se deixasse adorar puramente do gentil e fidalgo mancebo dos seus paços, chamado Antonio Alcoforado.

Posto este nome, já celebrado em soláos, romances e

tragedias, recorda-se logo o leitor de que, na madrugada de 2 de novembro de 1512, o duque D. Jaime, aquelle devotissimo das cinco chagas, que se mettia nas cabanas a orar com os seus capuchinhos, entrou á alcôva de D. Leonor, e a matou a punhaladas, depois de haver mandado um negro cortar a cabeça de Antonio Alcoforado com um manchil da cozinha.

Os historiadores conclamam a innocencia da duqueza, fundados no testemunho de um Tristão Guedes de Queiroz, genealogista da casa de Bragança. (1)

Leu o leitor a nota? Achou cabalmente justificada a innocencia da duqueza e do fidalgo? Se sim, tambem eu. Bandiemos a nossa urbanidade com a dos historiographos do successo. Seja-nos facil admittir assassinos de esposas innocentes na casa de Bragança; que menor infamia vae n'isso que presumir duquezas adulteras. Historiadores mais delicados ainda que os propugnadores da innocente Leonor, nem se quer disseram do facto. Damião de Goes, por exemplo, chegado á morte da duqueza, diz: «Depois da morte da qual senhora, elle o (duque) se casou no de 1520, com uma dama formo-

(1) Diz assim o atrapalhado explicador do tragico equivoco do duque: «... A causa do ciume, com que este duque D. Jaime matou a duqueza, foi que havendo dado algumas joias á duqueza, deu uma das que lhe havia dado a uma dama do paço, a qual era galanteada de um moço fidalgo do mesmo duque; e como a dama dêsse a joia ao seu amante, e o duque lh'a visse no chapéo, perguntou á duqueza por ella, que por lhe parecer que o duque soffressê mal que ella a houvesse dado á dama, lhe respondeu que em seu poder a tinha como as de mais: mas o duque estimulado do ciume havia feito a pergunta, lhe pedisse que lh'a mostrasse, confirmou sua temeraria suspeita, e matou a innocente matrona... etc.»

«sa, prudente e discreta por nome D. Juanna de Men-
«donça...»

Tabaquiemos e discutamos: este Damião de Goes, chronista mór do reino, é o' mais antigo historiador do caso, e quem melhormente podia referil-o. O chronista orçava por doze annos, quando a duqueza foi assassina-da. Se elle quizesse ou podesse ser sincero, não estava eu aqui a levantar desconfianças sobre a innocencia de D. Leonor. Muito á puridade: o silencio d'elle a respeito das boas qualidades da duqueza, os gabos ao duque e as louvaminhas á prudencia e discrição da segunda mulher do real' assassino, não arguem alguma coisa menos decorosa á memoria da primeira?

E, demais, quem contestou o auto do summario que o duque mandou escrever ás duas horas da madrugada, ali á face dos dois cadaveres ainda quentes? (1)

(1) Já corre impresso o auto no *Romanceiro* do meu amigo Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, pag. 202 do 1 vol. A raridade d'este livro, desculpa a reproducção do auto, que é o seguinte: «Anno do nascimento etc. Aos dois dias do mez de novembro, 1512, duas horas ante-manhã pouco mais ou menos, em Villa-Viçosa nas casas do Reguengo, onde ora pousa o senhor duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria e João Alvares Mouro, juiz ordinario na dita villa. Pelo dito senhor duque etc. foi dito ao dito ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morta a senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assi Antonio Alcoforado, filho de Affonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar ambos, e achar que dormiam ambos, e lhe commetterem adulterio; pelo que o dito ouvidor e juiz se foram a uma camara, onde a dita senhora sohia dormir; e ahi jazia morta a dita senhora duqueza, e assi o dito Antonio Alcoforado, junto na dita camara, um junto do outro, o qual foi vista a dita senhora por o

Afim de justificarem o remorso do duque nas publicas demonstrações de suas penitencias, dizem os chronicistas que elle as fizera rigorosas, incluindo n'ellas uma romaria a S. Thiago de Galliza, e accrescentam que el-rei D. Manoel quizera prender o duque e o obrigou a retirar-se, até que, mediante o discorrer do tempo, lhe perdoou.

Os invencioneiros a si mesmos se desmentem.

Em novembro de 1512 matou D. Jaime sua mulher, e logo em agosto de 1513 D. Manoel lhe deu o commando de dezoito mil infantes e dois mil e quinhem-

dito ouvidor e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabellião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degolada, que cortára o pescoço cerce todo, e outra grande ferida por detraz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe appareciam os miolos; e junto com a dita ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E o dito Alcoforado tinha o pescoço corto; e em a cama da dita senhora estava um barrete, dobrado de voltas, preto, que diziam esses que ahi estavam que era do dito Antonio Alcoforado, e o dito ouvidor, e juiz mandaram fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dito caso, e mandaram ao dito Gonçalo Lourenço e a mim tabellião, que assignassemos este auto; a qual dita senhora duqueza estava vestida, e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto, com uns perfles de tafetá amarello; e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso aleonado; e assi o dito Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado, com meias mangas, e colar e pontas de velludo rôxo, e umas calças vermelhas, e uns borzequins pretos, e çapatos, e um saio preto, e uma custa de coiro preto com uma guarnição de prata: e antes que se acabasse este auto de fazer, chegaram Diogo de Negreiros, escrivão, deante o dito ouvidor, e viu os sobreditos na dita camara jazer mortos: etc.»

tos cavallos para conquistar a cidade de Azamor. Ganhou a cidade, consolidou o dominio dos portuguezes em Africa, e voltou a Portugal, onde foi recebido com estrondosas festas, a tempo que Leão X dizia missa pontifical em acção de graças e mandava n'um sermão exaltar as virtudes e proezas do duque de Bragança.

Ora vejam que penitencias fazia o duque!

E, em prova da má vontade que o rei lhe tinha, encontramol-o pouco depois com o honroso encargo de ir receber nas fronteiras a rainha D. Leonor, sua terceira mulher.

Em 1520 casou com D. Joanna. Deu-se bem com esta, quanto podemos inferir da copiosa prole com que nobilitaram esta boa terra de Portugal. D'esta senhora saiu aquelle D. Constantino, visorei na India, que não deu por trezentos mil cruzados o celebre dente do bugio, e o mandou pizar n'um almofariz! Este feito christianissimo basta para contra-pezar na balança do supremo juiz todos os peccados do pae, do avô e dos netos. Como se á gloria eterna de D. Jaime não sobejasse ter dado este discreto filho, accresceram mais uns tres que seguiram a carreira ecclesiastica; um d'estes foi arcebispo de Evora, e outro conego regrante; o qual para dar a seu pae netos illustres, fez filhos e filhas que viveram com a herdada pureza de costumes. Além d'estes ainda o duque D. Jaime se perpetuou em mais cinco filhas legitimas e duas bastardas.

E assim andou o duque penitenciando-se até aos cincoenta e tres annos, em que foi cingir na fronte ducal a corôa dos anjos, abonada pelos capuchinhos, de quem elle sempre foi liberal protector.

D. Jaime era digno de um céu melhor do que este em que a gente falla todos os dias! Que bom homem!

Devemos-lhe nada menos que a fundação da ordem dos franciscanos da Piedade, n'um tempo em que os capuchos em Portugal tinham sómente por amigos os ursos da Serra d'Ossa e elle.



O primeiro inquisidor portuguez

Um inquisidor-mór tolerante e illustrado.

ALEXANDRE HERCULANO — *Da origem e estabelecimento da inquisição.*

Graduou-se Diogo da Silva em ambos os direitos, na universidade de Coimbra, com taes primores de sabio e discreto, que das aulas passou logo ao desembargo do paço e aos bancos dos conselheiros de el-rei D. João III.

Era caso novo cumular-se tanta honra e ganancia em annos tão verdes! Onde iria parar a velhice de moço tão prosperado? Vel-o-iam no mais verde da mocidade sentado no escano dos secretarios de estado? Que singulares dons tinham influido tão imperativamente no animo do rei?

Isto perguntava a inveja assombrada, quando o joven desembargador Diogo da Silva, por noite alta, sentado á sua banca despachava autos e revolvia papeis concernentes aos negocios do estado.

Em uma d'essas noites veladas em pró e serviço da justiça, viu elle subitamente diante de seus olhos espa-

voridos uma grande bandeja cheia de cabeças, mãos, pernas, braços e orelhas de homens justicados. Ergueu-se de salto, quiz fugir do espectáculo hediondo; mas a bandeja avançava quanto elle se retrahia d'ella. N'isto, sôa uma voz distincta, que dizia assim: «Vê ahi, Diogo, qual é tua vida!»

Calou-se a voz e sumiu-se a bandeja.

Quedou o desembargador aturdido e cogitativo no entendimento das estranhas palavras e visão. Caiu logo no sentido d'ellas, entendendo que Deus o não queria para sentenciar criminosos á morte, e o chamava a dar vida a almas anniquiladas pelo crime. Reflectiu, e disse de si para comsigo: «Se taes são as iguarias dos desembargadores, d'aqui me dou por despedido d'el-rei, da côrte, do senado e de tudo quanto póde dar o mundo.»

Ao outro dia, foi em demanda d'el-rei, renunciou nas reaes mãos os officios, e saiu da côrte.

Asperrima e rigorosa de vida era a ordem franciscana reformada da provincia da Piedade. Foi-se a Borba, bateu á portaria do convento do Bosque, entrou e vestiu o habito de noviço.

Ahi entra o demonio com elle!

Estava, uma vez, Diogo orando na sua cella, e vae o patife, em figura de cão assanhado, entra por alli dentro a ladrar, atira-se a elle, apanha-lhe a cabeça entre os colmilhos espumantes, pucha que repucha, até que a final o deixou. Cruzes e santo breve da Marca!

D'outra feita, ia o ex-desembargador com outro Diogo, frade leigo, por uns valles fóra, e ouviram uma toada pungentissima que dizia: «Que farei, triste de mim?»

A' terceira lastima, estavam os caminheiros á beira da voz, que proseguiu em tom plangente: «Que caminho heide fazer? Mal-aventurado o que dá testemunho

falso!» E foi-se em vapor, estrondeando horrendamente por esses ares fóra.

Esta coisa não era demonio; mas regulava por isso: era, explicou o outro Diogo, uma alma condemnada ao inferno, a qual devia saber, pouco alterado, o verso de Bernardim Ribeiro:

Triste de mim, que farei?

Perguntava ella: «que caminho heide fazer?» Vê-se que tinha perdido o caminho de casa. Não valia a pena affligir-se com isso, visto que as saudades não podiam ser desesperadas. Em quanto ao estrondo que fez ao ir-se para onde quer que foi, isso é prerogativa de todas as almas condemnadas fazerem muita bulha para nada, como diria Shakespeare.

O demonio desenganou-se e deixou-o. A gente regala-se de ver tamanho mariola burlado por um desembargador! Que tempos aquelles! Hoje cada desembargador, excepto quem me lê, se o é, tem dez demonios e mais, em si, e outros dez fóra de si a parlamentarem com as partes. Por maneira que a bandeja, que appareceu a Diogo da Silva, se se mostrasse a um dos de hoje e fosse de prata, elle deitava-lhe as unhas.

Professou e ordenou-se o nosso honrado moço e subiu logo ao pulpito, onde grangeou creditos primaciaes. D. João III nomeou-o seu confessor, e pouco depois bispo de Ceuta. Já levantado a tão alta jerarchia, deu notavel exemplo de humildade. Estava n'um convento conversando com outro frade. Apparece o guardião, e reprehende-os de quebrarem o silencio. Não contente com isto, impõe-lhes a penitencia de entrarem no refeitorio, ao ou-

tro dia, cada um com seu trambôlho na bocca. O bispo de Ceuta entrou de acha nos dentes e recebeu submisso a admoestação.

De bispo de Ceuta passou a inquisidor geral d'este reino, e foi o primeiro. Não ganhem já odio ao frade. Este homem vira uma bandeja de orelhas e cabeças, havia annos. A isto hade a historia attribuir a moderação humanitaria do primeiro inquisidor, no tempo em que o seu real confessado o atiçava á carnificina.

O senhor A. Herculano não attribue á visão da bandeja o animo compadecido do bispo de Ceuta; sem embargo, poupa-o e até o louva em muitos pontos da sua historia da *Origem e estabelecimento da inquisição*.

Em honra do meu personagem, trasladarei os fragmentos que lhe nobilitam a memoria. . . «Pelo que, porém, respeita ao inquisidor-mór, existe o testemunho insuspeito dos proprios conversos que, segundo já vimos, o reputavam homem honesto e moderado.» (1)

« . . . Ao mesmo tempo o bispo de Ceuta recebia ordem para delegar os seus poderes no bispo do Porto, em cuja severidade el-rei, segundo parece, confiava mais do que na de frei Diogo da Silva. Sem que, porém, recusasse obedecer, o inquisidor-mór ponderou ao monarcha a possibilidade de ser aquelle attentado obra dos inimigos dos conversos, e a prudencia com que cumpria proceder em tal caso.» (2)

Reporta-se o insigne historiador no referido *attentado* a umas proclamações affixadas na cathedral e egrejas de Lisboa, annunciando a chegada do verdadeiro Messias

(1) 2.^o Vol. pag. 176.

(2) Pag. 207.

e o embuste do christianismo. D. João III e a gentalha queriam para logo hecatombas de judeus que ameigassem a divindade offendida, e o inquisidor-mór contrariava suavemente o rei n'este seu dizer em carta, lanço que aproveitamos de fazer conhecidas a probidade, a linguagem e a orthographia do douto bispo: «*Se deve muito olhar a emtenção com que hos tais escritos se puseram, se per ventura sefez por indinar V. A. e seus ofieiaes e os do padre santo e os povos contra hos christãos novos, e per pessoas de pouca prudência, ou se ho fezeram erejes.*» (1)

Estas judiciosas reflexões, no ponderar do senhor Herculano «não só provam que frei Diogo da Silva não era um fanatico, mas indicam tambem que, supremo juiz do tribunal da fé, conhecia por experiencia as calumnias e artificios que se inventavam para fazer condemnar os christãos novos.» Finalmente, frei Diogo, evadindo-se pela unica vereda por onde podia levar sua alma lavada de remorsos, pediu que o demittissem do encargo.

Assim lh'o outorgaram, e logo o transferiram ao arcebispado de Braga. Aceitou e foi doente de tristeza, alquebrado de lutar contra o braço do rei, contra o braço do papa, do nuncio, dos seus collegas mythrados que o compelliram a fugir para onde não ouvisse o estallejar dos ossos dos hebreus no potro e na fogueira. No intento de apagal-as parece que elle tinha chorado lagrimas de sangue; por que, ao fim de nove mezes, expirou.

Foi sepultado na Sé bracharense.

Volvidos annos, o arcebispo D. Agostinho da Cruz desejou saber onde estava o cadaver de D. Diogo da

(1) Fragmento da carta publicada pelo sr. A. H.

Silva; e não havia encontral-o. Até que o conego Francisco da Costa, insinuando a mão n'uma sepultura, topou o cordão de S. Francisco cingido á cintura do prelado. D'alli foram aquellas veneraveis cinzas trasladadas para a capella de S. Giraldo.

Diogo da Silva foi o mais honrado e bemquerente homem d'aquella geração infamissima de reis e papas e bispos e cortezãos. Elle, que, podera, com a benção do espirito-santo, levantar uma horrenda celeuma de gemidos e abrir cachoeiras de sangue, não fez chorar uma lagrima que lhe não custasse muitissimas das que afogam no coração os rebentos da vida.

Não foi canonisado. Esta honra de mais a mais!

IV

Uma epistola de Garrett e o Porto

Vós, facundos engenhos, cuja gloria
Contra os golpes do tempo permanece
Para brazão vivei da eternidade.

J. DE SOUSA — *Obras posthumas.*

Garrett, aos vinte annos, estava no Porto d'onde escrevia em verso a um seu amigo. Filinto Elyσιο ministrou-lhe a epigraphe da carta, que diz assim :

Vejo, mas longe, vir surgindo um dia,
Que hade pôr entre mim, entre estes getas
Terra em meio.

Garrett quiz uma vez representar no parlamento o Porto, sua patria. O candidato adversario e os seus, saltaram descabreados ao jardim juvenil de Garrett, e apanharam lá uma flôr que picara a vaidade dos portuenses. Sairam com ella á praça : era a epistola de Almeida Garrett de vinte annos. Começava assim :

Em que pensas, amigo, que se occupa
N'este grande aldeão que chamam Porto
O teu G... amigo?

Chegou ao conhecimento dos eleitores que o author de *Frei Luiz de Sousa* tinha atirado ao Porto a injúria de *grande aldeão*. Isto bastou ; que o restante da ode não no entenderam. Garrett ou desistiu ou perdeu a eleição. Todos aquelles alvares assentavam os pés de cima sobre os refêgos da barriga e regougavam :

— Chamar ao Porto *grande aldeão* ! . . .

Ora acontecia que o poeta, na mesma epistola, tinha dito :

D'aqui, d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando
 As feições renovadas
Com que a antiga familia portugueza
Se distinguia outr'ora : o brio, a honra,
Os sãos costumes, puro amor de patria,
 A singela franqueza,
A nobre independencia de outras eras
Resurgirão d'aqui.

Não perceberam. A *geração crescente*, presagiada pelo vate, era pontualmente a geração de eleitores que escocearam da urna o author de *D. Branca*. Tomem lá poetas como videntes !

Na carta, verberava Garrett os *fidalginhos de má medra*. Os fidalgos do Porto queriam-no para seu representante, os de geração, de sangue e de brios. Os outros, que se tinham germinado no lodo e sangue das guerras civis, repulsaram-no. Estes é que verdadeiramente eram :

..... fidalguinhos de má medra...

Mudadas duas lettras da ultima palavra do hemistichio, saiam melhormente definidos.

A justiça infallivel! Como Garrett pagou cara a offensa aos velhos, e a lisonja á geração amantilhada em suas faixas!

Dizia o poeta :

E então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje encuberto
De nevoeiros britannos
Resplenderá co'a natural belleza
Que villões.....
Cocknéys, caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.

Cocknéys caixeiros! conclamaram os calças de coiro, *cocknéys* . . quer dizer . . . quer dizer que os caixeiros do Porto são . . .

— Não, senhor, atalhava o mais lido no *Periodico dos Pobres*. Eu digo o que é *cocknéys*. E' que elle poz ao p'ra traz, metade da palavra que devia estar na dianteira. A palavra ás direitas é *neyscòcks*. O que elle quer é dizer que os caixeiros do Porto são *Maneis-Côcos*.

— Apoiado! é isso que elle quer dizer! ulularam os eleitores da rua das Congostas.

Um aprendiz de inglez, filho de um dos javardos, observou que *cocknéys* caixeiros, queria dizer *caixeiros de Londres*.

O pae envergonhou-se da sandice do filho, e bateu-lhe com as proprias orelhas na cara.

Garrett, como deputado pelo Porto, estava perdido.

Contra conventos vocifera tambem o poeta. Quem lhe tomaria a serio as iras! Elle, que não saía de locu

torios e grades de freiras! Verdade é que as paredes dos pombaes, onde arrulhavam as rôlas franciscanas ou bentas, eram altas e inexpugnaveis a trabucadas da lyra. Lembram-se bem d'aquelle soneto dos seus dezoito annos d'elle, obrigado a mote, e remessado como ariete ao muro do convento e á virtude de uma qualquer freira rebelde?

Esses muros que amor, rasão despreza,
Que erguem do fanatismo a voz trovosa,
Deixa, ó Nise gentil, deixa-os vaidosa
De escutares a voz da natureza, etc. (1)

N'aquelle tempo, 1817, era mania de todos os poetas enfiar a voz da natureza nos ouvidos das amadas, pela acustica do soneto. E é coisa digna de reparo que os sonetos, sem exceptuar os de Garrett, bem que suggeridos de tão magestosa essencia como a natureza, saíam chillros e içados da farragem dos oiteiros. O porquê bem no sabem. A natureza, como fonte de desejos, é má inspiradora; vilesce os anhelos, materialisa-os, pende-os a uma certa bruteza de erotismo.

Nos annos da juventude, faltou a Garrett o anjo loiro do ideal, a graça do céo, o raio de luz purissima que não se espêlha nas lagôas cá debaixo, embora a natureza lhe enverdeça e enflora as margens.

Ou então, estaria elle já cançado de avoejar nas altas regiões da idéa-anjo, e se deixou cair na mulher fórma, obedecendo ás prescripções da natureza?

Foi isso. Eu tambem já de lá venho.

Garrett, quando sonetava ás freiras, tinha dezeseite

(1) Vol. XVII, das *Obras*, pag. 106.

annos. Desculpe-se. Assim é; mas, aos quinze, em 1814, dizia elle n'um soneto, escripto em Angra, que já tinha soffrido desenganos a centos. Aos quatorze annos!

Só eu, com desenganos cento e cento,
Só eu, por Délia sempre desprezado,
Teimo cada vez mais no meu tormento. (1)

D'esta arte, póde entender se o cair nas paixões da natureza animal quem não podia sonetar espiritualmente como Ferreira e Diogo Bernardes, Miranda e Camões.

As santas musas do puro amor, nunca se avieram muito com o author das *Folhas caídas*. Se lhe sorpresavam a alma com a inspiração das *Azas*, era momentaneo o arrobo.

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que em me eu cansando da terra
Batia-as, voava ao céo.....

Garrett, nos derradeiros dias da vida, lembrava-se d'esta poesia, e com a voz quebrada a repetia e affagava como a filha das mais amadas e mais para saudades ao despedir-se.

Tornemos á epistola e ao Porto.

As inglezas e inglezes, os fidalgos e os caixeiros co-cknéys eram lancetadas que lhe repuchavam golfos de bilis.

Oh! quando te heide eu ver, patria querida,
Limpa de inglezes, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie
Do fidalguesco lixo!

(1) Vol. XVII, pag. 101.

Irá com elle a sordida ignorancia,
 E o seu teimoso *bê*, nasal resfol'go
 Que arripia, náusea, aturde e zanga ;
 Irá co'esses gallegos
 Coachar no lodo vil d'onde a mofina
 Nos trouxe o sestro bracharo maldito
 Que o «rotundo fallar» da nossa origem
 Tão feio corrompeu.

Inglezes ainda o Porto os tem. Primeiro do que elles se acabarão mosquitos em adega. As inglezas perderam-se no revolutear d'aquelle immenso gentio: nem já ha distinguil-as pelos pés! A *sordida ignorancia*, d'essa não ha vestigios, nem do *bê*, nem do *resfôlego nasal*. Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o *v*. Tudo é *vom* e *vonito*. As damas principalmente, mais communicativas com as de Lisboa, já penduram uma chroma de sons de cada palavra interrogativa. *Passou vem?* Este *vem* é um zunido, que dura o tempo necessario para o interrogado responder com a historia de uma anasarca em si e duas hepatites chronicas na familia.

O *sestro bracharo maldito*, diz Garrett. Desgraciosa calumnia! Em Braga, tirante a gente miuda, fallam o portuguez limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito gráo as instruidas. O author da *Filha do marquez* á fina força queria que os bracharenses fossem gallegos. Por isso lhe patearam a comedia em Lisboa.

Não lh'a patearam os braguezes: foram os pés da providencia e da justiça. Em Lisboa folgam as platéas de ver que os minhotos sejam naturalizados em Galliza no theatro. Minhoto portuguez é absurdidade que escandalisa a basofia dos lisboetas. O insigne actor Roza, por sustentar em scena o meu *Morgado de Fafe*, agalle-gou-o. Com que nevralgias de coração via eu as graço-

las portuguezas do meu jovial personagem injuriadas pela pronuncia, como se a graça fosse exclusivo de Galiza, ou lisboetas só de chalaças gallegas podessem rir!

Garrett sacrificava os seus patricios e seu bom siso á hilaridade dos de Lisboa.

Outra coisa.

Como trajariam as damas portuenses em 1817? Diz o poeta :

.....
Enfronhadas á força, á força gebas

Desairosas bonecas!

Arrojai-me no Doiro co'esses trajos,

Portuenses donzellas! — Quem podéra

Pleitear comvosco em formosura e graças

Se quaes sois vos mostrasseis?

Fórmias que Venus para si tomára

D'essa mortalha de invenção fradesca

Quem as libertará? Bioco negro

De donde mal vislumbra

Raro lampejo de celeste face

Oh! quem o rasgará?...

Deviam de ser as mantilhas. Lá se foram, senão todas, de certo as que embiocavam celestes faces. Algu- ma reformada mestra de meninas, ou tia de janota da rua dos Mercadores, ainda vae á missa d'alva ou Laus- perenne com sua mantilha de sarja. Ai! eu ainda conhe- ci mulheres formosas de mantilha. A graça com que ellas as apanhavam e refegavam na cintura! Como as nalgas se relevavam redondas debaixo do lapim! E o bamboar dos cabellos anelados sob o docel negro e ar- queado da côca! E não vae longe isto. Ainda são bellas muitas das mulheres que eu via mostrarem o pé en- cruzado de fitas por debaixo da orla da lustrosa manti-

lha. Quando ellas tornarem, saiba o seculo XXI que fui eu quem, n'esta anarchia de modas francezas, commemorou com saudade a magestosa veste com que nossas avós se fizeram queridas de seus maridos e d'outros.

Parece que na mocidade de Garrett os frades tinham desafinado o orgão vocal das damas do Porto.

.....
 Quem lhe hade restituir o som canoro
 Que torpes fradalhões desafinaram
 C'o ensino ignorante.....

Pobres senhoras! não tenho mais que dizer a este respeito... Pobres senhoras!

Ainda bem que, repulsa a fradaria, o som canoro se abemolou por afinação tão doce que já hoje doze senhoras portuenses, a fallar n'uma sala, dão idéa aproximada das orchestra's eternas da bemaventurança. E parece-me que é o que lucramos com o calaram-se os frades.

Ora, quem diria que o author da epistola impressa a pag. 118 do XVII volume, viria a escrever *Camões, O alfageme, D. Branca e Frei Luiz de Sousa?*

Como aquelle juizo e coração se depuraram e refizeram no desterro, no estudo e nas dôres intimas, dolorosa bigorna em que aos bons anjos do infortunio compraz retêmporar a alma!

O mosteiro de Lessa

Desconsolado y triste me quedé en
aquella soledad.

ANAYA, *Auroras de Diana*.

A' ponte de Lessa, acha vossa excellencia uns barquinhos que o levam rio acima até á cêrca do convento.

Aprôe alli onde os salgueiros saem a recebe-lo sob um pavilhão de ramas.

Suba por essa vereda pedregosa e ladeada de sôbriros e carvalhos sem folhas, sem frondes, sem casca, mortos, ou vivos o necessario para que saiba que o successor dos frades no senhorio da mata é um sujeito que esgalha as arvores para lenha, e as esfolta para vender a casca aos tintureiros e artífices de rolhas. Quanto á bolota, a que não póde vender, come-a, ou vende a que não póde comer.

Vá subindo rente, e ao longo d'esta parede que se para o bravío das hortas e pomares. Aqui tem uma porta. Entre, que o convento da Conceição de Matosinhos deve estar aqui dentro.

— Mas esta portaria de padieira lisa com portadas

vermelhas e uma aldraba de cabeça de javali, é porta indicativa de convento franciscano?!.

— Não, senhor. A porta que esteve aqui, está hoje na quinta do sr. conselheiro Anthero Albano, em São Payo além Douro, defronte de Sovereiras. Comprou-a por quatro moedas. Vá vossa excellencia lá vê-la, se quizer; que o dono da quinta é urbano quanto se espera do mais estremado cortezão. Vá que, se o não enlevam contemplações artisticas no bello rendilhado de portadas manuelinas, prometto-lhe duas horas de poetico scismar, se subir aos adarves da casa meio gothica meio arabe do senhor conselheiro Silveira Pinto. Mas nem por isso deixe de relançar olhos ás columnas que enquadravam a antiga porta da Conceição. Aquelles relevos, bem que modestos, e arabescos, dado que desprimorosos, tem que ver. E depois ha ahi muito menos para ver que para pensar.

Por debaixo d'aquelle arco passou...

Não antecipemos.

Estamos ainda em frente da porta vermelhaça que foi substituida á outra.

Vossa excellencia reparou na aldraba em fórmula de javali. O meu parecer é que o dono d'aquillo tem o seu busto á porta; e, como pessoa utilitaria, dá que fazer ao busto, fazendo-o aldrabar.

Pois aldrabemos.

Vem abrir uma mulher vestida de serguilha e lama.

— Muito bons dias.

— Viva vossemecê, quer comprar pêcegos ou maçãs? pergunta a pomareira.

— Não, senhora: queriamos pagar-lhe o favor de nos deixar ver o convento.

— Qual convento?! volve ella espantada.

— O convento da Conceição.

— Cá não ha nada d'isso ha muito. Aqui dentro o que ha é a casa do senhor fulano. Onde vão os frades! . . . Nem eu já me lembro d'elles. . .

Diz isto a sorrir da nossa ignorancia a mulher.

— Bem sabemos que não ha frades lá dentro; mas a casa que elles deixaram. . .

— Isso foi-se. O senhor fulano comprou isto ao senhor sicrano, e já não achou ca convento nem onde elle estivesse.

— Nem onde elle estivesse! . . . Ora essa!

— Isto é um modo de fallar. Lá que elle esteve, esteve; mas isso foi lá no tempo de minha mãe que ainda cá veio á desobriga c'um fradinho muito santo e bom homem, não desfazendo em ninguem. Olhe, vossemecê póde entrar, se quizer, que eu mostro-lhe onde foi o convento.

— Pois, sim, vamos, se dá licença.

Cá estamos. Se esta mulher nos deixasse! . . . Aqui nos hade vir aos olhos uma lagrima e é preciso que ella não veja. . . Felizmente batem á porta. . . E' um rancho de senhoras do Porto que pedem pêcegos e maçãs. São poetisas que vem scismar no paraizo terreal e comer do fructo que sua ayó comeu á tripa forra para nós o estarmos agora pagando. Lá vae a mulher. Deixal-a ir. Eil-a que volta o rosto contra nós e diz:

— O que ha que ver ahi está. O convento era alli, e a egreja acolá.

Rimou e despediu-se.

Onde ella disse *alli* era um casarão com algumas duzias de janellas architectadas á feição das da rua Augusta, assim vistosas e pittorescas.

Onde ella disse *acolá* era um palheiro, com quatro janellas, duas frestas e duas portas.

Bem. Sente-se vossa excellencia n'este beiral da eira, e conversemos.

II

Ha quatrocentos e setenta e quatro annos que um frade franciscano, de nome Gonçalo Marinho, cavou entre rochedos umas paredes de cella, cobriu-as de palha e acolheu-se a ellas com alguns companheiros. Vê aléni, ao norte, uma ermida ás cavalleiras de um rochedo em que batem e espumam as ondas? Chamam alli S. Clemente das Penhas. Fôí lá! ao pé d'aquella ermida, que se ajuntaram conventualmente cinco frades, com umas coberturas de burel e picote, as quaes, estendidas sobre tabuas, lhes davam o dormir regalado do espirito que se deleitava nas dôres dos ossos.

No verão caía sobre elles o fogo do sol. No inverno, as ondas, afogando os penhascos da defeza do conventinho, alagavam o mosteiro e levavam na ressaca as pobres alfaias dos anachoretas.

E elles, assim que o mar de Deus abatia, cobriam de esmolado colmo os cenobios, mendigavam as mantas e tabuas do leito, carpintejavam o oratorio e louvavam o Senhor.

E, quando não louvavam o Senhor em côro ou em contemplativo silencio, adoravam-no ainda escrevendo de engenho proprio ou trasladando do alheio livros mysticos.

Alli chegaram mancebos de illustre geração a pedir o habito. Dos mais afflictos e desesperados da vida, contarvos-hei de um que soube amar e morrer de amores d'este

mundo nos braços de Deus. Era um moço da camara de D. João I: chamava-se Fernando Rebello. Tinha sido muito feliz. A mulher mais peregrina que seus olhos viram, amou-a. Pediu-a, deram-lh'a, santificou a sua ternura e creu que os anjos deviam invejal-o. E os anjos, de feito, invejaram-no; por que um dia, desceram até onde estava a esposa do rival e roubaram-lh'a. Fernando poz as mãos, e ficcu no spasma da sua dôr, a alternar um olhar de louco, entre o céu e uma sepultura. O céu azul, sereno, estrellado. A sepultura pedra, frialdade, silencio. Nunca mais!

Quando este brado se lhe acordou da léthargia d'alma, espertada pela mão de ferro da razão, Fernando saíu de Torres Vedras, transpoz serranias, dez dias e dez noites, chegou além áquelle penhasco e amortalhou-se.

Chorou e esperou, sempre vestido para a viagem. Afinal, alli ou n'outra parte, a esposa o viu, e, descendo, lá se foi com eile céu dentro, e lá estão, se é que o alento d'elles não suspira na aura que baloiça esta bonina, ou não é aquella borboleta que sacode o ouro de suas azas na taça de um jasmim. Seja o que for e onde for: devem ver-se e entre-adorar-se. Deus não podia fazer o coração, o amor, a dôr, a morte e o anniquilamento. Os homens é que eram capazes de fazer isto. Peior do que isto é que não.

— Não divague. Diga-nos do convento. . .

— Ahi vou, e aproveito o lanço de pedir a vossa excellencia que me vá á mão, quando o sabor do romance, esta ervilhaca do pão da sciencia e dos espiritos circumspectos, entrar ob e subrepticamente na minha narrativa. . .

O convento esteve alli oitenta e tres annos. Elegantemente escreve um chronistã da ordem: «Oitenta e

tres annos sustentámos esta praça de S. Clemente das Penhas.» Alli se deram batalhas formidaveis contra a natureza humana, chamada em vulgar «demonio.» Era fome e sêde, a revezes com oração e disciplinas. Fallar em jejuns n'aquellas tocas, seria pleonasma. A verdadeira penitencia d'aquelles santos devia ser, comer uma ou duas vezes por semana... Bem sei... Já vossa excellencia me quer ir á mão...

— Visto que se interrompeu, lembro-lhe que é d'este convento da Conceição que eu desejo saber...

— Não que este convento veio d'além.

— Então pôde ser que tornasse para lá.

— Não, senhor; se para lá tivesse ido, estaria agora feito em therma de algum brasileiro; e vossa excellencia, indo lá, em vez do frade vestido no seu habito, encontrava o brasileiro com os calções e camisola de banho, sentado no penedo a calcular quanto elle faria de azeite se lhe viesse dar á porta uma baleia desmaiada. Agora alarguei-me por causa da facecia de vossa excellencia... Estamos no convento da Conceição. Já sabe que foi alli. Este logar era uma quinta, chamada da Granja, que pertencia ao balio de Lessa. Dois bemfeitores compraram isto e deram-no aos frades de S. Clemente.

D. Affonso V demorava então por Zamora a entender n'aquella infausta batalha com Castella. Um dos frades, chamado frei Pedro Pão e-Agua (veja que unção de nome!) foi a Zamora pedir licença ao rei e ao balio de Lessa para fundar convento aqui. Mandaram-no aguardar oportunidade. Logo adiante voltou o rei «gastado e desgostado da guerra» como diz o chronisra frei Manoel da Esperança.

Estava no Porto em 1476, d'onde enviou Pero de Sousa a avisar Luiz XI da sua ida á França. Calcule

vossa excellencia quaes seriam os desgostos e paixões de Affonso V! Pois, não obstante, veio aqui ver esta quinta, concedeu a licença, marcou o local do convento, das hortas e pomares, mas dinheiro não deu, por que não tinha um *espadim*. (1)

De volta de França, a posição monetaria do rei não melhorou. Diz o frade chronista, que el-rei Affonso V, *quando veio, achou acesas em tanto fogo as armas que de parte a parte se vendiam e compravam os prisioneiros como se todos foram mouros*. Se vossa excellencia tolerasse uma effusão ou diffusão historica, eu diria quem dava o exemplo dos conloios e veniagas infames á chegada do filho de D. Duarte. . .

— Vá lá isso, mas não se demore.

— Quem se vendeu a Castella foi Lopo Vaz de Castello Branco, que se levantou contra o seu rei com a villa de Moura de cujo castello era alcaide. Bandearam-se com elle outros fidalgos, que se passaram a Affonso V, quando viram o caudilho voltar costas a Castella e vender-se ao rei que tinha atraído. O principe, que já tinha sido e foi depois D. João II, como pessoa dos bons figados que vossa excellencia sabe, olhou á roda de si procurando gente capaz de bem lhe executar uma traça digna de principe — que a historia cognominou *perfeito* — e vi João Palha, Mem Palha, Pedro Palha e Braz Palha — um palheiro completo — e Diogo Gil e Ruy Gil. «Vão vossês, disse-lhes o principe, finjam um aruido; e, como quem foge á minha justiça, peçam a Lopo Vaz que os receba no castello, e depois vão com

(1) Moeda de cobre mandada cunhar por Affonso V. Também correram de prata com o mesmo nome.

elle a folgar no escampado e matem no.» Não se enganou com os fidalgos. Foram. Lopo Vaz acolheu-os, comeu com elles, deu-lhes suas camas, e para divertil-os de tristezas e sustos, levou-os a regalar n'uma cavalgata á esplanada. O hospedeiro alcaide... (Ruy de Pina diz tudo em pouco) *fiando-se d'elles o mataram.*

Não sei se o dinheiro do rei foi para os Gis, se para os Palhas, se para quem foi: o certo é, que elle muito a custo espremeu por entre os dedos uma esmolita para os frades começarem o convento, e mais tres alve-neis dos que andavam trabalhando no mosteiro da Batalha.

Erguidas as paredes a meio, cantaram missa, e descontinuarão a obra, á mingua de recursos. N'isto, morreu D. Margarida de Vilhena, mulher de João Rodrigues de Sá, alcaide mór do Porto, e lega ao convento as suas joias, que importaram duzentos mil reis. Cresceu a fabrica, e acabou-se o convento. Em 1481 estava povoado.

III

Era já cerrado e de seculos o arvoredado da grande mata que devia ser tudo isto que vossa excellencia vê enverdecido de milharaes. Os chronistas gabam as suas apraziveis abobadas de ramagens e as capellinhas entranhadas por devezas e bosques. Das ruas será ainda por ventura uma que lá passa em baixo, com sua enorme mesa de pedra onde as senhoras portuenses estão comendo as maçãs. Capellinhas ha uma ou duas, desabri-

gadas de arvores, em terra esmoutada, desgraçadas e que não dizem coisa de nada nem a devotos nem a poetas. Os passarinhos também fugiram, uns passarinhos domesticos, os quaes, dizia Frei Manoel da Esperança, que lhes iam comer á mão, representando de algum modo n'estes bosques a grande felicidade do paraizo da terra onde os brutos mais feros mansamente guardavam obediencia a nossos primeiros paes. E acrescenta: «E posto que isto nasça da criação que lhes damos, considerada a santidade da casa, o attribuem a mysterio muitos seculares graves.» Tanto era mysterio, que, veja lá, se ouve rouxinol, calhandra ou pinta-silgo!

Algumas poucas avesinhas que por aqui passam esvoaçadas da espingardaria dos caçadores, escondem-se lá em baixo nos amieiraes do Lessa, por que é aquelle ainda o rio do tempo dos frades; serpentêa sereno como ia, espelha ainda o céu no mesmo crystal. O padre Esperança tem uns dizeres maviosos ácerca do seu Lessa. Ora attenda: «Toda esta formosura nos realça a visinhança de Lessa, o qual cortando vagaroso pór muitos prados alegres dá suspeitas de os ir deixando por violencia. Chegado a esta casa, parece que se esquece de continuar seu curso, fazendo difficultoso nosso juizo em querer determinar para que parte caminha.»

— Bonita imagem a do esquecer-se o rio de continuar o curso, e a outra de ir violentado!

— São bonitas, sem duvida: mas o padre Esperança, sendo capacissimo de invental-as, como as encontrou inventadas, copiou-as de D. Rodrigo da Cunha, que as dera á luz dois annos antes. O bispo do Porto escreve assim do rio Lessa: «*Lethes* . . . que com mais propriedade se lhe poderá dar este nome *pelo muito que se es-*

quece de fazer seu curso, caminhando sempre tão socgado que *póde dar suspeita, vae forçado*, por ventura por se lograr mais de vagar dos logares tão frescos por onde passa. (1)

D'este *esquecimento* do rio tambem se não esqueceu, vinte e dois annos depois, frei Nicoláo de Santa Maria. Lá vem tambem o Lessa *correndo tão manso e quieto que parece se esquece de fazer seu curso*. (2) E o academico Antonio Cerqueira Pinto, na historia do *Senhor de Matosinhos* tambem imagina que rio vae levado por força e contra vontade.

— Então o primacial na formosa idéa foi D. Rodrigo Pinheiro provavelmente.

— Provavelmente não foi. Esta idéa nasceu com o primeiro homem, como vou provar-lh'o.

Diogo Bernardes, muitos annos antes de D. Rodrigo da Cunha, sonetando inspirado pelas aguas do Mondego, escrevia :

Parece que tambem forçadas descem
Segundo se detem em seus rodeios. (3)

Antes de Diogo Bernardes . . .

— Se faz favor . . .

— Ah! tem vossa excellencia razão de me interromper, que o meu plano era atravessar com vossa excellencia as gerações até ao Paraizo para lhe provar que já

(1) *Cathalogo dos bispos do Porto* — 2.^a parte, pag. 204, ediç. 1742.

(2) *Chronica dos conegos regrantes de S. Agostinho*, liv. VI, pag. 270.

(3) *Rimas varias*, son. XXIX ediç. de 1770.

nos ineditos de Adão se encontraram as mesmas idéas applicadas ao Eufrates.

Recolhamo-nos ao assumpto, mas deixe vossa excellencia que eu lhe repita uma bonita copla de uma canção de Francisco de Sá de Menezes a este rio:

O' rio Lessa
Como corres manso!
Se eu tiver descanso
Em ti se começa,

IV

A fabrica do convento era pobre. Os arquinhos do claustro eram de tijolo, sem barandas por cima. Tinha capacidade para vinte e quatro moradores, vinte e quatro cubiculos á feição d'outros que vossa excellencia ainda pôde vêr nos arrabaldes de Vianna, em S. Francisco do Monte. Da Conceição, diz o chronista: «Tudo aqui é santo e devoto, por que até as paredes, onde parecem mais toscas, estão gotejando alentos de santidade.»

Mais miuda relação do convento não na encontrei ainda. Da igreja direi o que me lembrar das chronicas. Esteve aqui uma imagem de pedra de oito palmos em alto, esculptura do celebre Diogo Pires, santeiro, a quem D. Affonso V a mandou fazer em Coimbra por preço de sete mil réis e pouco mais de tres mil réis de pintura. Esta preciosa antigalha, aqui ha vinte annos, esteve escondida na alcova d'um lavrador de Matosinhos. Não sei onde pára.

Por conta da imagem, refere-se o caso de um carpinteiro, espirito forte do seculo xv. Quando a Senhora da Conceição chegou á barra de Matosinhos, repicaram os sinos. O carpinteiro perguntou que era aquillo. Responderam-lhe que era santa Maria que vinha para o mosteiro. O bargante, que estava carpintejando, blasfemou d'esta forma, cuidando que a santa era de páo: *Tão gorda gallinha tivera eu como assára com ella!* Palavras não eram ditas, caíu lh a enxó sobre um pé, do qual manquejou toda a vida.

— Que historias me está contando! Faça-me a mercê de basculhar da pratica esses aranhões milagreiros.

— Milagreiros, diz vossa excellencia! Milagre seria cair a eixó de gume sobre o pé do carpinteiro e não o ferir.

Milagres, se vamos a isso, eram duas peles de jacarés, que estiveram penduradas nas paredes da igreja, como ex-voto de uns sujeitos que lhes fugiram dos colmilhos por intercessão da Senhora. Estes coiros, desconfio que o animalaço, comprador d'esta casa, fez d'elles um rob-de-chambre.

Agora dir-lhe hei quem esteve por aqui.

— Diga; mas não conte com auditorio; se me dá licença, vou vêr quem está a comer os pêçegos. Ora que me faz a mim saber quem esteve por aqui?!

— Eu vou já interessar a sua rebelde curiosidade. Aqui veio do Porto por seu pé D. João II e mais o filho. Não sei se veio depois que fez degolar o duque de Bragança, se depois que apunhalou o duque de Vizeu.

— Viria para empenhar as orações dos frades de santa vida no bom successo do assassinio de D. Fernando da Silveira em França.

— Seria isso: o sabido é que veio, que resou muito

e refrescou a alma aos pés do seu confessor frei João da Pova que era d'esta casa.

— Este frei João...

— Vae contar-me a vida de frei João?

— Não, senhor. Tocarei de fugida umas especies importantes para a historia. Este frei João foi quem proveu de relogios nove conventos de franciscanos.

— Que noticia!

— Ahi vae o melhor d'ella. N'aquelle tempo em Portugal existia unicamente um relojoeiro. Era frei João da Comenda, leigo d'esta casa. Fez trezere logios, e alguns a pedido do rei. Aqui viveu e morreu. O relógio, que elle aqui deixou, duzentos annos depois, regulava ainda, e pedia á meia noite um *pater* por alma do artifice. Não acha n'isto uma certa poesia? Quantas lendas cuida vossa excellencia que teria feito a raça teutonica d'este frei João da Comenda?

— Eu conheço de relogios allemães umas poucas de lendas, já tratadas tambem por modernos portuguezes acervejados de germanismo.

— Tambem vi isso. Não eram bem lendas; eram lendas que fervilhavam e mordiam nos miolos da gente.

— Leva rumor! Vamos ao frei João da Pova. Que fazia elle?

— Livros illuminados: era o primeiro copista caligraphico d'estes reinos. Foi elle quem escreveu as primeiras chronicas da ordem franciscana e as deu ao convento de Alemquer. A lenda dos santos martyres de Marrocos mandou elle escrever. Recopilou os milagres de nossa Senhora das Virtudes. Era amantissimo de livros, e mandava-os comprar ás feiras de Castella. Nove vezes foi a capitulos geraes por esse mundo fóra, descalço e mendigo. Quando voltava ao conventinho, vergava

carregado de livros. Quando o rei o chamou para seu confessor, o frade tirou a partido que entraria no paço para confessar sua alteza e sairia logo. Elle foi quem escreveu o testamento de D. João II, e quem aconselhou que nomeasse a successão em seu primo D. Manoel, e não no filho illegitimo D. Jorge. Veja Ruy de Pina, Garcia de Rezende e Damião de Goes.

— Não tenho mais que fazer ! Vou agora mesmo ganhar odio á lettra redonda intumecendo-me com esses marmelos crus da sua predilecção !

— Pois não leia, que tem razão ; mas levante o seu espirito e lembre-se que os ossos de frei João da Povia estão incinerados de envolta com a terra que pisamos. Por aqui andam adubando batataes os ossos d'outro que se chamou frei João Pobre — o *hortelão santo da Conceição*, e de frei Bezardo, por cognome a *ovelhinha de Deus*.

Quer saber quem professou n'esta casa e d'aqui saiu para Roma ? O illustre Wadingo. Sabe quem foi ?

— Algum santo, não ha que ver.

— Santo, não me consta. Foi o maior sabio do seu seculo. Era irlandez. Veio estudar a Portugal e professou aqui. Ensinou theologia em Salamanca e Roma, e escreveu, de maior tomo, os *Annaes da ordem dos frades menores* em 22 vol. em folhá ; e os *Escreptores da ordem*, e a vida de Duns Scot. Sabe quanto custam os *Annaes* ? Vinte e tantas libras. Pois aqui se fez, e por ventura se refrigerou á sombra d'esta carcomida arvore, a cabeça do douto Wadingo ! . . . Medite.

— Já meditei. Quem mais esteve por aqui ?

— Estiveram os ossos de João Rodrigues de Sá, chamado o das Galés, de quem Diniz, enfronhado em Pindaró, disse :

Elle entre o fatal risco
 Não deixa a patria amada,
 Brandindo a dura espada
 Da brava guerra horrisono corisco

Elle entre as furias da borrasca escura
 Segue fluctuante
 Até lançar triumphante
 As ancoras no porto da ventura. (1)

Se cavarmos tres palmos, talvez encontremos o craneo do amigo de D. João I. Aqui se perderam tambem as cinzas dos dois Sá-de Menezes, um conde de Matosinhos e outro de Pena-Guião. Aquí estão tambem esperando a trombeta do juizo final os ossos. . .

— Hade ser difficil ajuntal-os. . . Os ossos de quem?

— De duas formosissimas senhoras do seu tempo, D. Maria de Vilhena e D. Luiza Maria de Faro condessa de Matosinhos, e D. Ambrosia. . .

— Ambrosia! queria ver a caveira de uma mulher chamada Ambrosia!

— Profanador! Tema-se da espada de um primoroso galan que pediu na hora final um cantinho d'esta casa para as suas cinzas. Era D. Antonio de Azevedo, filho de um bispo do Porto. Vinha ferido das guerras d'Africa; morreu em Lagos, e de lá o trouxeram para aqui.

— Quem sabe se elle amava a ta! Ambrosia, e quiz convisinhar seus ossos dos da defunta querida!

— Não me parece muito de receber a conjectura; por que ella morreu cincoenta annos depois d'elle.

N'isto, chegam as senhoras do Porto a limpar de obstruidas de pêçegos e maçãs, casquinando com tal feiti-

(1) *Odes pindaricas*, XIII.

çaria de saracoteios que as ossadas subterraneas dos frades estremecem.

E eu, d'ahi a nada, derivando na serena agua do rio triste, vinha repetindo a canção do author da *Malaca conquistada*:

O' rio de Lessa,
Como corres manso !
Se eu tiver descanso,
Em ti se começa.

O meu cahique levava desfraldada uma bandeirola com o nome de um meu filho. Deu-me nos olhos, que se levantavam para o azul do céu de agosto. Vi o nome. Lembrei-me dos anjos e esqueci os frades.

VI

Frei João Lopes

... Mandado ao céu por raiva e engano de uma malvada femea.

FR. L. DE SOUSA — *Chron. de S. Domingos*. T. 3.º, pag. 271.

1

Em 1590, frei João Lopes, natural de Aveiro, era um gentil frade, rosado, d'olhos azues, sorriso aberto de candida alma, mocidade com muita saude; e, como réalce, muitas lettras e grande prégador.

Quiz servir a Deus quanto em si cabia, e para tanto se passou ao convento dominicano de Goa. Quando subia ao pulpito, desbordava o templo; e — singular coisa! — as mais formosas mulheres de Goa concorriam e acovelavam-se defronte da tribuna sagrada.

Uma sobresaía e se avantajava a todas. Era viuva de fidalgo portuguez, rica, mal servida da fama, n'aquella sasão da vida em que o amor é uma espora, e as paixões dão couce na honestidade. Estava entre os trinta

e trinta e seis annos, todavia, succada, bonita, rija, garrida, tafúla, e farejada pelos melhores fidalgos que por lá se andavam nas Indias á piugada de qualquer boa fortuna suja ou limpa.

Esta mulher amou frei João Lopes desatinadamente.

Ouvia-lhe os sermões, ouvia-lhe a missa, andava-lhe no rasto assim que os vigias lh'o denunciavam na rua, saía-lhe de rosto, sorria-lhe, cortejava-o ; e elle, se levantava do chão os olhos, e os enviezava pelos d'ella incendidos e fulminantes, fugia com os seus para o céo, e dizia lá no seu intimo : *Et ne nos inducas in tentationem* — não nos deixeis cair em tentação.

Frei João tinha confessadas suas, as mais guapas moças de Goa. Ouviam-no como a um deus de bella e impollúta carne, cofre de oiro de um brilhante espirito. A dizer dos amores do céo, o frade levantava a mente por taes maviosidades e espirituaes deleitações que era um envolar-se a alma em vaporações de magico enlevo. As confessadas saíam-lhe do supedaneo com os olhos contemplativos e o seio em palpitações ainda compassadas pela voz harmoniosa e cadente poesia das phrases d'elle.

E levavam-no no espirito, e viam-no em sonhos, como a anjo suspenso entre cair ás delicias da terra ou alar-se e sumir-se nas do céo. Mas ellas não queriam que elle voasse tão alto que se lhes escondesse.

A viuva, vencida a resistencia que lhe punha o temor do sacrilego proposito, foi tambem confessar-se a frei João Lopes.

Ajoelhou, benzeu-se, balbuciou a confissão e entrou a soluçar.

— Grande peccadora ! — disse entre si o frade — grande dôr lhe embarga as vozes !

E ella a soluçar.

— Dizei, filha; desafogae... murmurou frei João. N'essas lagrimas de contricção já o mais negro e amargo da culpa vae delido. Que o pejo vos não tolha o impulso da graça. Fallae ao indigno ministro do Senhor das misericordias. Não tendes mais testemunhas que Deus e os seus anjos que descem a festejar-vos as lagrimas. Vae grande alegria no céu, quando o demonio se contorce queimado por cada bagada de peccador que rebenta das fraguas do coração acceso em graça. Fallae, e seja eu quem leve á presença de Jesus, do compassivo, do justo, as vossas lagrimas, embora sejam de Maria Magdalena ou Margarida de Cortona. Que vexames de peccado vos pesam mais na alma? dizei...

— Oh!... meu padre!... tartamudeou a viuva.

— Dizei...

— Os meus enormes peccados...

— Devem ser pequenos em confronto da misericordia do Altissimo... Dizei, rogo-vol-o com instancia, antecipando-vos a certeza do perdão. O rei santissimo da gloria não hade querer que vades desconsolada d'este tribunal. As vossas lagrimas são fel; no logar d'ellas sentireis a doçura da confiança nos thesouros da igreja de Nosso Senhor Jesus Christo.

— Senhor, frei João... balbuciou a matrona. Eu pratiquei a maior imprudencia da minha vida...

E ficou engasgada.

— Pois quê? volveu o confessor.

— Terrivel passo dei...

— Em desprezo de qual mandamento está a vossa imprudencia, filha? Dizei-m'o já e sem rebuço.

— Em qual mandamento?...

— Sim.

— Oh!... e arquejava a dama, tapando com as mãos

brilhantes de aneis, e pulsos alvissimos enroscados de manilhas d'ouiro, a cara enchuta. E proseguiu a vozes entrecortadas : Eu não devia aqui vir... não devia... Mas não pude conter-me... A minha paixão é de morte...

— Se tendes uma grande paixão, accudiu o frade com boa sombra, não vos atormenteis, que as paixões são a marca de que Deus usa no graduar o quilatê do ouro da nossa força para a renuncia do que ellas tem de funesto, e para a conformidade com os preceitos divinos. A igreja santa não se teme de deixar incuraveis as mais canceradas chagas do coração, irmã. Se a vossa paixão é ruim, mal intencionada, imos já cortal-a pela raiz. Ora, dissei, filha... Estaes affeiçãoada de amor muito forte... é isso o que chamaes vossa paixão...

— Sim, padre.

— Não é paixão adultera?...

— Não, que eu sou viuva.

— Nem a homem casado vos aieiçãoastes?...

— Não, padre.

— Nem a parente em gráo que implique incesto?

— Não, senhor.

— Supponho, pois, que cega do vosso illicito amor, haveis faltado ao preceito da castidade...

— Tambem não... Ah!—suspirou a dona.

— Ainda bem, minha filha... Tendes um grande amor a qualquer mancebo... Não vos encareço a grandeza d'essa culpa, que não ha para quê, irmã. Honestae a forte inclinação, santificae esse affecto com o sacramento do matrimonio.

— E' impossivel! exclamou ella com vehemencia de suspiros.

— Pois o mancebo vos regeita? Ahi é o ponto de saírdes por vossa dignidade: esquecei-o, voltae d'elle olhos

e alma para a pureza da virgem santissima; pedi-lhe comigo ferventemente que vos desate d'esses vinculos indignos de quem vos não faz respondencia a tão malogrado amor. . .

— Não posso. . . atalhou a confessada.

— Podereis, filha. Quem não póde ahi furtar-se á contemplação de um canteiro de flores terrenas para se pascer olhos e deleitar coração no goso dos eternos e immensuraveis jardins do céu?! Amores da terra que montam? Tanto como a esperança, hoje verde, amanhã sêcca, nunca mais reverdecida, reguem-na embora lagrimas de saudade. Depois, pó, tudo pó, despojo de chimeras, em que sómente ha de real e verdadeiro o chorar! . . . Quereis vós, minha filha, apagar a vossa sêde de amor em aguas de corrente pura e nunca minguada pelo queimor das paixões, nem empeçonhada por ingratas perfidias? Subi ao monte santo onde está a divina fonte; ahi é o dessedentar sêdes d'alma. Subi: esposae o divino amor, abri o seio aos requebros de que se geram todos os affectos santos e inefaveis ternuras. Amai o meu Senhor Jesus Christo que vos creou e remiu, que de amores de vós e de mim se deixou atormentar e morrer. Ahi o tendes amantissimo com tantas provas de seu amor já dadas de antemão. Saíde-lhe ao caminho, que elle já de vós se avesinha. Ide para elle, e não volteis mais olhos saudosos ao coração duramente humano que vos fez penar indignas penas. Que me respondeis, irmã?

A viuva que levantára olhos, contra o bom costume das penitentes, á face do confessor, abaixou-os subitamente e respondeu gemendo maviosamente. Instou o frade pela resposta:

— Não vos chegam ao coração as minhas adverten-

cias? Não me dará o Senhor vozes que vos commovam a sacudir o jugo d'esse funesto e malogrado amor?

— E' impossivel! . . . disse ella, enclavinhando e estorcegando os mimosos dedos que estalejavam como usam meninas a contar os namoros que hão de ter, contagem que ás vezes regula para os namoros que tem.

— Meu Deus, meu Deus! murmurou o frade, que cegueira a das vossas creaturas! . . . Quando tereis ministros que bem saibam accender a luz de vossa graça em corações escuros e reveis! . . .

E, corridos dois minutos, proseguiu: .

— Ora pois, filha . . . Vejamos o que convem obrar em remedio da vossa melancolia. A' missão do sacerdote marcou Deus afastadas balizas. Convem operarmos nos caminhos travessios dos falsos bens, e aplanar os atravancos que podem volver-se em abysmos quando mãos imprudentes os querem desfazer. Ha casos em que baixamos do nosso altissimo ministerio a entender nos negocios mundanaes. Se vos praz, minha filha, ir-me-hei em demanda do homem que vos desama, e contar-lhe-hei de vossas paixões, a fim de que se elle compadeça e vos recompense com affecto legitimado pelos laços do matrimonio. Isto vos quadra? quereis que eu tome a peito o vosso empenho, já que não vos desceis d'essa pertinaz inclinação?

— O' meu Divino pae do céu! em que aperturas me vejo! exclamou a viuva.

— Pois quê! não vos allivia a minha intervenção? Será inutil que me eu faça vosso medianeiro? . . . não quereis . . .

— Vós . . . senhor padre João! . . . atalhou a penitente.

— Sim, eu, filha; do meu melhor animo e agrado de Deus irei solicitar o vosso remedio.

— A quem?...

— Ao mancebo a quem tamanha afeição ganhastes. A quem irei eu dizer que vos pague com igual amor? Dizei-o...

— A quem o ireis dizer?

— Sim...

— Dizei-o a vós! tartamudeou a viuva, e deixou cair o rosto para o seio.

— Como?! exclamou o frade. Que dissestes, senhora?

— Que vos amo! soluçou ella.

— Santo Deus! murmurou o padre erguendo-se de golpe, e escoando-se para a sacristia.

II

Não desespera ella.

FR. LUIZ DE SOUSA, *log. cit.*

Era paixão damnada de inquebrantavel concupiscencia a da viuva! *Credo!*

Passados mezes, já quando frei João Lopes, presumia ter apagado aquelle luciferino incendio da matrona, o prior do convento, a pedido de um fidalgo bemfeitor da casa, mandou o frade fugitivo d'aquella segunda e peor Hiempsal, ouvir de confissão uma dama illustre, enferma de humores merencorios, e em perigo de morte.

Frei João foi, bem que, desde aquella affronta, lhe repugnasse confessar fidalgas em Gôa, por que já de todas se temia e desconfiava.

Levaram-no a uma antecâmara de palacio, cujos donos

elle desconhecia, posto que de mais sabia que a impudica impenitente, que o affrontara, demorava por aquella paragem da cidade.

Entrou o frade. Viu uma dama quasi no escuro, sentada sobre almadaques, ventilando-se com uma ventana. Não a reconheceu.

— Louvado e adorado seja Nosso Senhor Jesus Christo, disse elle.

— Para sempre seja louvado, murmurou a possessa do peor demonio que leitores conhecem, demonio que ainda hoje todo o oceano benzido não afogaria; demonio que faz cantar o roxinol enamorado e a calhandra sedenta de ninho; demonio que se faz ouvir no rincho dos poldros e na lyra de Anachreonte; demonio que dá convulsões á baleia e abemóla o zumbido da abêlha.

— Enviou-me o nosso padre prior a requerimento de vossa senhoria, motivou o frade.

— Sente-se aqui, senhor padre João.

Disse a viuva, indicando-lhe um tamborete ao pé de si.

Afizeram-se os olhos do frade á luz quebrada da antecamara, e por egual lhe saíram da meia-escuridade as feições da mulher, quando já se havia sentado.

Estremeceu frei João e encommendou-se a todos os confessores, martyres, doutores, apostolos e virgens do reino do céu.

Teve impulsos de erguer-se logo; lançou mão d'elle, todavia, a conjectura de se ter arrependido aquella enormissima peccadora, e ser chegado o ensejo de ouvil-a, dirigil-a, penitencial-a e arrancal-a á legião de demonios sucubos e incubos que a obsediavam.

— Creio, murmurou elle enleiado e tremente, creio que vim a ouvir-vos de confissão, senhora...

— Sim... balbuciou ella.

* — Ajoelhae, pois, se estaes preparada . . .

— Preparada . . . accudiu a impudica, preparada para morrer de amores de ti, meu querido, meu amado, meu adorado Joãozinho!

Aqui, se ha phrase energica com que possamos dar uns longes da situação afflictiva do dominico, é a de frei Luiz de Sousa, relator do caso. Diz elle: «Levanta-se o frade e foge como se dera com vibora.»

Porém, ao levantar-se, já ella se lhe tinha atirado ao pescoço, de maneira, ajunta frei Luiz, «que não pôde ser com tanta pressa que a miseravel lhe não lançasse mão ao capello, e lhe ficasse n'ella o preto.»

Este preto era a parte escura do habito, correspondente ao cachaço.

Que importava o capello? Salve-se a alma e o corpo! Frei João precipita-se pela escada; e, quando chegou ao pateo, viu cair-lhe aos pés a parte do habito pollúta pelas mãos da deshonesta. A fidalga mandara-lh'o atirar á cara, no refinamento de sua raiva.

Oh! que frade! e que homem!

III

Assi acabou o bom Padre feito victima de honestidade e limpeza.

FR. L. DE SOUSA, *log. cit.*

O rancor, novo demonio feito e abrasado nas lavaredas da frustrada lubricidade, passou ao lugar do outro. Vergonha e opprobrio não vingaram abafal-o. Raivava

a ancia da vingança, o desejo atroz de matar aquelle gentil corpo, cuja alma accelerada não podéra manchar.

Fez e desfez planos. Cogitou em mandal-o matar a tiro, a ferro, a páo. Prevaleceu a traça de envenenal-o. Como, com que peçonha e por mediação de quem é que a veracissima historia de S. Domingos não diz. Certo e miserandamente certo é que frei João Lopes adoeceu quatro dias depois, e ao oitavo estava morto, *ficando-lhe*, diz Sousa, *ficando-lhe por todos os membros manifestos signaes della* (da peçonha) *em grossas pintas negras*.

Ao tempo que o martyr da castidade era pranteado, gabava-se a dissoluta da sua protervia, folgando com a vingança.

A ordem de S. Domingos e o genero humano que desaffronta houveram d'aquella perversissima mulher? Suspeito que nenhuma. A dama devia de ser das mais illustres do reino, irmã d'algum dos fidalgos vendidos a Castella. A inquisição de Gôa, sem embargo da sua omnipotencia, não tinha que ver com christans velhas, embora ellas se pendurassem no pescoço dos inquisidores.

Não sei.

O que piamente sei e creio é que o capello despregado nas mãos lascivas foi documento com que frei João Lopes entrou ao reino da gloria; e não menos tenho de sciencia certa que a viuva despejada e fradecida range os dentes no inferno *per omnia secula seculorum*.

Amen.

A vida picaresca

E como o sol é grande e realengo,
Porque lhe dei bordalos de presente
Logo me fez poeta bordalengo.

DIOGO CAMACHO — *Jornada...*

Do nascimento e fim de Diogo de Sousa, ou Diogo Camacho não curaram os tecelões de patranhas, aquelles pançudos que faziam volumaços e sabenças de tudo, salvo de coisas prestantes e serviças. Ver como um chronista de frades contava as voltas que deu moribundo no catre o irmão leigo, os seraphins que lhe assistiram á morte, o cheiro que elle tinha antes e depois, é caso edificativo e para muito carpir-se a gente de ter de acabar sem seraphins: mas não deixa de ser feia e indecorosa a negligencia dos muitissimos lôrpas das academias que sujaram papel capaz de queimar o oceano, e não nos deixaram sequer elementos com que possamos concertar a biographia de poetas que lustraram e emparelharam a patria com as mais lettradas e engenhosas nações.

Do author da *Jornada ás côrtes do Parnaso*, poema singularmente divertido e recheado de bons apodos aos poetas mascavados do seu tempo, sabe-se ou presume-se que nasceu em Pereira, villa visinha de Coimbra, e exercitára n'esta cidade a profissão de advogado. Duas vezes, no *Hospital das lettras*, D. Francisco Manoel de Mello, eminentissimo critico do seu seculo, o nomeia com louvor, dado que, na qualidade de poeta, o author das *Tres Musas*, haja gongorisado sobejamente para in-correr nas censuras de Diogo Cãmacho. D. Francisco Manoel, citando em aggravo de outro poeta o verso de Camacho que diz :

Poeta até o embigo, os baixos prosa,

dá como apontada a satyra a Francisco de Sá de Miranda. A meu juizo, errou o douto fidalgo. Não Sá de Miranda, mas Sá de Menezes foi o alvo do certo tiro. Assenta de molde a critica no estylo espalmado e froixezas metricas da *Malaca conquistada*; ao mesmo tempo que os escriptos de Sá de Miranda, muito philosopho e nada poeta, não consentem que seu author tenha poesia, nem no umbigo nem em parte nenhuma. As prosas metricas do amigo de D. João III são boas para experimentar vocações que propendem á leitura de relatorios.

Quanto ao poema da conquista de Malaca, posto por uns barba a barba com os *Lusiadas*, e por outros no calcanhar das epopeas lusitanas, d'esse direi que ainda se hade crear a santa alma que leia dois cantos sem temer encontrar-se no reino da gloria com semelhante estafador!

A estes e outros da mesma laia, conhecia perfeita-

mente Diogo Camacho; mas o que mais é para assombrar e louvar está no denodo com que o intemerato ver-sejador os ata ao pelourinho e os deslomba, mais face-tamente que Cervantes aos fabulistas de cavallarias.

Quem não tiver lido, regale-se na leitura da *Jornada ao Parnaso*, e diga-me se Diogo de Sousa não foi quem primeiro atirou maior fendente á destragada escóla de Gongora, peorada pelos imitadores portuguezes; e veja se, na historia da nossa litteratura, o vulto apoucado de Diogo Camacho não deve ser posto na vanguarda da phalange que resgatou as boas lettras, ou, quando menos, tornou amaveis a locução lusitana e a fidalga simplicidade de Antonio Ferreira e Camões.

José Maria da Costa e Silva, no *Ensaio biographico*, a que elle tambem presumpçosamente chamou *critico*, podendo a fallar verdade chamar-lhe quanto a seu talante quizesse, diz e lamenta que sómente saísse dos prelos a *Jornada ás cortes do Parnaso*, estando sepultada nas bibliothecas de alguns curiosos a maior parte dos escriptos de Diogo de Sousa.

Costa e Silva ignorava que em 1812, no jornal poetico publicado por Deziderio Marques Leão, appareceu um poemeto em oitava rima assim intitulado: DESCRIPÇÃO DA VIDA PICARESCA DE DIOGO CAMACHO, *author* da JORNADA AO PARNASO. (1)

Estou quasi convencido de que Diogo de Sousa conta os successos primeiros de sua vida n'este poemeto. Abre

(1) A faxada do jornal diz assim: *Jornal poetico ou collecção das melhores composições em todo o genero, dos mais insignes poetas portuguezes, tanto impressos como ineditos, offerecidas aos amantes da nação.* A pag. 209 está a *Vida picaresca*.

o canto, renunciando a Corte Real, a Camões, a Bernardes e a Luiz Pereira a gloria de cantarem façanhas, navegações, amores e desgraças de portuguezes. O poeta propõe o argumento com este desempenho e concisão :

Que eu não canto de amor nem gentilesas ;
Mas chorarei miserias e tristezas.

Começando pelo principio, rela-ta-nos o seu nascimento e destino ás mavorcias lides :

Depois de nascer nu, sendo creado
Em tal pobreza, qual me não convinha,
Passei da vida o pueril estado
Em sarampo, bexigas, sarna e tinha :
Depois ao juvenil sendo chegado
E querendo provar a sorte minha,
O reino desprezando e patria terra
O exercicio segui da dura guerra.

Conta que andou sete ou mais annos, os melhores da vida, sevando esperanças com enganos, affrontando destemidamente perigos e morte ;

Por quanto tudo passa sem receio
Um livre peito de pobreza cheio.

Dá a intrever que por lá o assoberbaram philaucias de algum fidalgo e phantastico escudeiro,

Que tem por honra só na estribaria
Um quasi morto e misero sendeiro.

Carrega a mão nos villanazes que vingaram com torpezas nobilitar-se, e volta a referir o que passou lá por fóra.

A vida de continuo arriscando
Por terra em esquadrões, por mar em frotas ;
Comendo um dia, muitos jejuando,
Ora despido nu, ora sem botas,
Até que de miserias enfadado,
Determinou tomar um novo estado.

○ novo estado foi tal que diz elle :

... fôra-me melhor na sepultura
Estar da humida terra já coberto :
Por que uma fome com moftina pura
Me tem cercado e posto em tal aperto,
Que vivendo todo o homem por que come,
Eu vivo só por só morrer de fome.

Pelos modos, o novo estado, em que a fome parecia ser a qualidade essencial, era a vida de estudante.

E' de crer que lhe escasseassem recursos, por que, em verdade ou contra razão, lhe attribuiam ou assacavam grandes travessuras. Elle mesmo escreve o libello que os inimigos lhe forjaram :

Um jura que me viu forçar donzellas,
E outro que me viu roubar altares,
E meu delicto tem cem mil querellas,
Todas as noites homens mato a pares.

.....

Ainda mais :

Outros me tem por nescio impertinente,
Outros por infame emmascarado,
E juram não ser licito e decente
Emmascarar-se um homem, se é avisado.

Dos condiscipulos ha um que lhe faz grande raiva.
E' um enfatuado em cortezanias, mui prodigo.

... em dar preceitos,
 E só por estudante e bom letrado
 Fallar por geringonças com mil geitos

E acrescenta o bargante :

E' para mim um caso tão pesado,
 Que me tem bofe e figados desfeifos,
 E assim que a fome pura e o tal madraço
 A vida me tem posta no espinhaço.

A fome! a fome é a musa que o inferna, é o estilete
 de fogo que lhe tira gemidos do ventre e versos pouco
 menos de magros da cabeça.

Confrontando-se com o estudante cortêsão e senten-
 cioso que está farto e cheio, exclama :

Se tivera este tal seu aposento
 Qual tenho o meu sem banco nem cadeira,
 E passára, qual eu, com meu tormento
 Servindo-me de cama rota esteira;
 Se lhe faltára em fim o mantimento
 Comendo, como eu sempre lazeira,
 Houvera de fazer mil desatinos
 Corrido a cada passo dos meninos.

E eu a tudo isto ando pairando,
 Mas tudo é por de mais, que quando entro
 Na pobre casa, entro suspirando
 Por não ter que comer da porta a dentro :
 Então com grande angustia vou buscando
 Da engilhada bolça o fundo centro,
 Se topo algum vintem, com alvoroço
 Nas mãos o metto do faminto moço.

O qual com ligeiresa não usada
 Me traz quarto de pão pelo costume,
 Seis d'ovos, com mais dois d'uma sellada,
 E dos ovos se foi um pelo lume:

Comtemple a alma devota em tal jornada,
 E todo que de sábio se presume,
 Que fará com tal pão e ovo e meio
 E um grande ventre de agoa fria cheio?

Outras vezes, diz que vae o criado e pede á taverneira:

.....em puridade,
 Que nenhum dos circumstantes o entenda
 «Dez de carne me dai, senhora minha,
 E enchei bem a tigella da cosinha.

E o estudante de si diz que não tendo por que pou-
 par a vida,

A carne *come* logo da tigella
 E *sorve* a agua chilra que vem n'ella.

Vae comer a casa dos amigos, e qualquer pequena
 conçoada lhe parece um banquete; para elle tudo ser-
 ve, e nada lhe faz mal, nem faz caso da natureza da
 comida,

Pois fome que a outros mata a mim dá vida.

Fatigado d'este viver, delibera fazer-se astrologo por
 uma razão plausivel de medidas. Diz elle:

Os olhos porei sempre no estrellado
 E cristalino ceo sereno e puro;
 La medirei de sol curso e caminho
 Pois ca medir não posso pão nem vinho.

A vida passarei contando estrellas
 Por não ouvir de mim mil falsidades;
 Satisfarei a fome só com vêl-as,
 E com gosar de suas claridades.

Receoso, porém, de que nem, assim os inimigos o des-
infamem, dá-lhes um alvitre com que podem desfazer-
se d'elle. E vem a ser:

A vez primeira que mui bem fartarem
Este meu ventre de comer indino,
Desta presente vida logo parto,
Que eu não posso morrer senão de farto.

E assim acaba a *Descrição da vida picaresca*.

Foi isto phantasia comica do poeta?

Vislumbram n'essas pilherias lanços de uma vida de
todo ou quasi em tudo ignorada?

Pendo a crer que sim, ao menos no tocante á prece-
dencia da vida militar á de estudante, e ás culpas
de que o arguiam, bem pôde ser com algum funda-
mento, como deviam esperar-se de quem, como elle con-
fessa na est. IV, andára por esses reinos *louvando da
vida a liberdade*. Respectivamente á fome, a coisa não
é inverosimil nem nova.

Na *Macarronea latino-portuguesa*, a cada pagina, se
vos deparam lastimas de estudantes famintos. Lá dizia
o outro a D. Carlos de Menezes:

'Sperar da pança o recreio,
E eis que apenas dão as horas,
Vir da ama sem demoras
De máo caldo um pucro cheio:
Vir nadando pelo meio
Deste pélago um só quarto
De galinha, com que farto
A voraz que me consome,
E por disfarçar a fome
A ralhar co'moço parto.

Na Coimbra de hoje em dia já não ha fome.

Graças a Deus!

Ainda no meu tempo, ha dezoito annos, se a mezada se desfazia em creme no *Paço do Conde* ahi até ao dia 15, a gente sentia até ao dia 30 um pedaço de Diogo Camacho nos intestinos pelo menos.

Hoje não.

A Allemanha abriu estalagem *gratis* para todos os famintos no *Penedo da meditação*, no da *Saudade*, e na *Lapa dos esteios*, entre os sinseiraes do Mondego. Um academico vae alli e enche-se de boi ideal, de almondegas *syndereticas*, de *asceses* refugadas com repolho, de timbales de *symbolismo*, de croquetes de *antropomorphismo*, com uma lauta sobremesa de *syntheses*, *hymnologias*, *legendas e genésés*.

Hegel e Vico se chamam os cosinheiros. Um rapaz come d'aquillo á farta, e vae para sua casa fazer uns poemas que ainda hoje sacodem os ossos de Diogo Camacho mais dolorosamente do que a fome lhe tinhá sacudido os nervos.

O bispo e a Misericórdia do Porto

Eu canto o Bispo e a espantosa guerra.
DINIZ — *O Hyssope*, C. I.

Estava o bispo á vista do Porto, no alto da Bandeira, ás 5 horas da tarde do primeiro de maio de 1743. Ia hospedar-se no convento de Val de Piedade. Um regimento de infantaria, depois de abater bandeiras e apresentar-lhe armas, feita a cortezia de espontão pelo coronel e officiaes, rompeu a marcha.

E o bispo atirava incansaveis benções aos infantes, cavalleiros, desembargadores, chanceller, camara, cabido, governador militar, frades, auditorio ecclesiastico, e mais quinze mil pessoas populares que o acompanhavam.

A' portaria do convento de Val de Piedade atropelavam-se religiosos de todos os mosteiros do Porto.

O bispo, á porta da igreja, apeou de seu pacabote puchado a seis urcos; ajoelhou, beijou a cruz que lhe apresentou o guardião, lançou da navicella o incenso no thuribulo, deixou-se defumar, ergueu-se, entrou para

debaixo do pálio, e caminhou até ao altar, ao compasso dos canticos *Te Deus laudamus* e *Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech*.

Recolhido aos seus aposentos, por tres dias e tres noites esteve o bispo recebendo visitas. O Douro n'estas noites era obra de fadas. Cruzavam-no barcas e torreões de fogo, arcos fluctuantès de luminarias, grinaldas fulgurantes de navio para navio, estrellas de luzes de diversas côres nas vergas embandeiradas.

A procissão da entrada do bispo nos seus paços portuenses devia começar á portaria das religiosas de Monchique, seguir até á Porta nova, e ahi receber sua excellencia o anel.

Para o qual effeito, n'este logar se construiu um amphitheatro de cem palmos de comprido sobre quarenta de largo: os panos lateraes eram de raz, e o sobre-céo de variegadas sedas. Sob o toldo erguia-se um throno com seu sitial e docel de damasco branco, com sebástos e sanefas de tesum de oiro vermelho, guarnecido de galões e franjas, primores que o bispo trouxera na sua guarda-roupa comprada em Roma. Lateraes ao throno estavam duas credenciaes, n'uma das quaes resplandeciam seis testeiras de veludo carmezim com seis mythras episcopaes, todás do bispo, uma de pedras preciosas, outra de aljofares e perolas, a terceira bordada a oiro, a outra tambem bordada a oiro em canutilho sobre brocado branco, a quinta de brocado de prata e oiro toda, e a sexta de oiro lisa.

Na outra credencia fronteira, fulguravam os paramentos do bispo: sobrepeliz, amito, alva de rendas finissimas como vapores, cruz de diamantes, capa de asperges de lhama de prata e oiro, formal de joias, anel inestimavel e outra mythra superior ás seis já conhecidas.

O banco de espaldar preparado para o cabido era forrado de raz precioso; nas costas d'este, outro banco sem espalda, pertencia aos quatro fidalgos que deviam servir o bispo á cauda, ao fiador e ás estribeiras.

A' porta da Sé as tarimas e thronos sobrepujavam tanto em sumptuosidade ás já descriptas, que, por min-gua de nossas expressões, ficam por descrever, como inacessiveis ao encomio.

Em Miragaia, uma ponte de cento e cincoenta palmos, primorosamente alcatifada e ladeada de seda, havia de ir encontrar no rio o escaler do prelado; o qual escaler de sessenta e cinco palmos tinha á popa um toldo, firmado sobre seis columnas de seda, renda e oiro, rematando-se em pavilhão da mesma seda, com sete piramides doiradas. O pavilhão era interiormente guarnecido por uma primavera a matiz de prata e oiro, com orlas de galões, franjas e borlas.

O setial, formado á popa, era de prata, com cadeira pontifical doirada. As almofadas circumpostas no camarim eram de damasco azul guarnecido de oiro. Os dez remadores vestiam de encarnado, barretes de veludo verde, orlado de veludo vermelho, com seu cocar de plumas brancas e escarlates.

As ruas do Porto recendiam flores e espadanas sobrepostas a camadas de areia; as tapeçarias das janellas pleiteavam primasias entre si. Turmas de fidalgos estancavam nos quarenta logares em que o bispo havia de mudar de um para outro dos quarenta pálios.

Saiu o bispo do convento de Val de Piedade n'um domingo, 5 de maio, por volta de uma hora da tarde, entre muitas e varias dignidades. Entrou no escaler, e vogou por entre duas fileiras de navios, compostas de oitenta e seis de diversas nações, enbandeirados de fla-

mulas e galhardetes. Fulminaram todos a um tempo a sua artilharia; e logo o Forte da Porta nova, as fortalezas da Foz, Quejo e Mattosinhos augmentaram o pavoroso ribombo. Tres vezes se repetiram as salvas, ao passo que o bispo chegava a designados pontos.

Desembarcou em frente de Monchique. Sentou se n'uma cadeira e foi levado aos hombros não sabemos de quem. Apeou á portaria do mosteiro de religiosas, foi incensado, e levado sob o pálio, e com suavissimos hymnos das freiras até ao altar, d'onde abençoou pontificalmente as multidões.

Feito isto, entrou á sacristia, despiu os trajos viatorios, envergou a sottana e murça, subiu a um throno, e despiu a murça, e consentiu que um seu gentil-homem lhe lançasse a capa; cobriu-se com o chapéo pontifical; desceu do throno, saiu ao pateo, e tornou a entrar na cadeira de transporte. Ao fundo da calçadinha de Monchique, o bispo saíu da cadeira, subiu a um escabello de dois degráos de seda verde e cavalgou uma mulla branca, quadrupede que teve a honra de ser eleito no *Cerimonial dos bispos*. Ao lado da mulla e do bispo, iam dois conegos; atraz d'estes a cadeira de mãos, dois coches a seis cavallos cada coche, e uma rica liteira.

Na vanguarda vae a bagagem do bispo, guiada pelo sota-estribeiro a cavallo. São seis cargas cobertas de reposteiros com seis criados de libré; tres carros cobertos com tres boleeiros de libré e tres lacaios.

Depoz estes ia a nobreza do Porto. Ia bem incravada; porque depoz a nobreza faziam garupadas e galões tres cavallos á destra, um dos quaes era branco e destinado á entrada do bispo na cidade; depois, marchava pacificamente uma mulla com o escabello de montar coberto de seu reposteiro; em seguida o auditorio ecclesiastico

e a Relação a cavallo; depois a sala do bispo também montada com suas librés; atraz da sala um laçaiio com a ombreira; e no remate d'esta secção o decano dos laçaios vestido de capa e volta.

Agora entravam na procissão os officiaes da despensa, copa e cosinha, e outros moços com varias miudezas, como chapéo de jornada, habitos viatorios, *etc.* Depois, os ajudantes da camara e o computista do bispo vestidos á cortezã, e mais quatro clerigos da capella, e oito capellães, e quatro gentis-homens, e o mordomo e o mestre de camara em habito de côrte.

E finalmente o bispo na mulla branca.

Chegaram ao amphitheatro da Porta nova. Aqui orçam por cincoenta os individuos que despiam e vestiam o bispo com cento e cincoenta ceremonias. Depois de que, o prelado, da extrema da tarima, escarranchou-se na sela de um cavallo branco, coberto de nobreza alvissima, golpeada de galão, borlas e franja de oiro. Sustentou-lhe o estribo João de Almada; e dois principaes fidalgos seguraram o escabello.

Chegado fr. José á porta da cidade, o senado ajoeilhou, e o vereador mais velho, em nome da cidade, offereceu ao bispo os corações de todos; o prelado abençoou-o, e os musicos entoaram o *Ecce sacerdos magnus*. E logo os camaristas empunharam o pálio debaixo do qual ia também encaracolando-se o cavallo branco, assustado e inquieto, coisa que alvoroçou grandemente o povo; todavia, o bispo não quiz mudar de besta: e fez o que devia.

Dez mil e oitenta praças; desde a porta da cidade até á Sé, guarneciam as ruas; afóra o regimento de partido que ia dando salvas, repartido em esquadras.

Por entre repiques, coberto de flores e vivas, chegou

o bispo á Sé. As ceremonias ahi deitaram á noite. Com a noite recomeçou um mais estrondoso dia, alumiado por universaes luminarias. A esta seguiam se mais duas noites de cuteiro, encamisadas e cantatas.

Magnifico, esplendidissimo successor de S. Basilio, de S. Silvestre e de D. Julião Domingues na cadeira episcopal do Porto!

11

Agora, leitor, colhamos alguns pedacinhos de oiro de outra descripção, que haveis lido muitas vezes, referindo a entrada de outro prelado na sua igreja:

«A casa e acompanhamento com que partiu fez tão pouco estrondo que não sabemos pessoa de importancia que levasse comsigo mais que o padre frei João de Leiria . . . Mais levou comsigo alguns da ordem que não podia estar sem elles, e seculares poucos. A recamara não passava de alguns livros e não muitos, e uma pobre cama da ordem, sem cousa comprada de novo para fazer aparato, ou ao mence para um pouco de mais gasalhado e melhor tratamento de sua pessoa, do que usava na ordem. Assim fez brevemente o caminho . . . Da camara em que se recolheu e do concerto d'ella mostrou contentar-se, porque era a seu modo e por ordem sua n'esta fórma. Uma cama . . . tres taboas mal lavradas atravessadas sobre dois banquinhos do mesmo lavor. Sobre este leito . . . lançado um enxergão de palha, e em cima seu colchão de lã, coberto com duas mantas brancas de pano grosso . . . Junto da cabeceira, no chão, um vaso de agua que era uma escudella branca . . . etc.»

Este prelado de Braga chamava-se D. Bartholomeu dos Martyres.

O do Porto era D. frei José Maria da Fonseca e Evora.

Um saíra para Braga do pobre convento de Bemfica; o outro viera da faustosa Roma para o Porto.

III

O franciscano frei José Maria da Fonseca tinha ido para Roma com o embaixador marquez de Fontes, e lá se graduou em ambos os direitos. Leu diferentes cadeiras até se distinguir na de prima no seu convento de Ara Coeli. Foi secretario geral, procurador, commissário, e superior geral de toda a familia seraphica ultramontana; visitador e reformador apostolico de toda a ordem; discreto perpetuo, ex-geral e primeiro padre d'ella. Eleito chronista latino da ordem, reimprimiu e continuou os Annaes de Wadingo. Escreveu vidas de santos e fez canonisar sete. Foi orador em todas as linguas e poeta eminente na latina. Foi academico de todas as academias, e deputado da universal inquisição suprema de Roma. Foi examinador de bispos e arcebispos, e juiz arbitro em contendas de França, Hespanha, Sardenha e Polonia, ministro plenipotenciario de Portugal, e mais um centenar de titulos que mais seriam se elle não houvesse regeitado mythras e purpuras italianas.

O jesuita portuense Alexandre Duarte, residente em Roma, escrevendo aos seus patricios, por occasião da vinda do frade eleito bispo do Porto, dizia :

«Figurem vv. mercês um sujeito na flor da sua idade,

de boa presença, com agradavel trato, generoso e magnifico em tudo, de um gosto muito particular na eleição das cousas, com um coração cheio de bondade, de religiosos costumes, verdadeiro no que diz, sincero no que promette, amante da justiça e dos pobres, e este é sem encarecimento algum o nosso bispo. . . *E em fim com todas as condições e requisitos que o apostolo requer em um pastor sagrado.*» (1)

Concorriam em frei José Maria todas as condições do bom bispo, requeridas pelo apostolo, exceptuada uma que outros bispos seguiram no rigor do preceito. O apostolo manda no Cap. 3.º v. 2 da 1.ª a Timotheo:

«Importa logo que o bispo seja irreprehensivel, esposo de uma só mulher, sobrio, etc.

E no v. 4.º:

«Que tenha seus filhos em sujeição, com toda a honestidade.»

Frei José Maria da Fonseca, na grande bagagem com que entrou no Porto, não trazia mulher nem filhos.

Aqui, pois, está o jesuita Alexandre Duarte a estabelecer conflicto entre S. Paulo, que dava uma mulher a cada bispo, e o Espirito Santo, que depois de S. Paulo, deu o inferno ao bispo que tivesse mulher.

A pomba presidente dos concilios, e S. Paulo convinsinhos das doutrinas de Jesus, dado que se contradigam, devem de ser de boas avenças lá onde estão; porém, os bispos, levados pela carne para o santo, e pelo espirito para as decisões ecuménicas, oscillavam e ás vezes clau-

(1) *Collecção dos applausos . . . consagrado a . . . fr. José Maria da Fonseca e Évora*, pag. 38.

dicavam no lapso de se procrearem, á imitação de Pedro e de Timotheo.

Frei José, bispo do Porto, é que não; pelo menos os seus biographos e poetas não no dizem.

Pois elle tinha poetas?

Eu lhes digo quantos, metade dos quaes, se não fosse eu, morriam para ahi embocetados no grosso livro que elles cuidaram lhes seria nicho no templo da memoria, nicho que o meu amigo e douto investigador Innocencio Francisco da Silva não descobriu, ou descobriu só metade.

Tres livros em quarto maximo, impressos a primor nos typos da academia real, saíram em louvor do bispo: O primeiro, quando elle vindo de Roma, chegou a Evora; á chegada a Lisboa outro; e o terceiro á entrada no Porto. Póde dizer-se que as musas das tres principaes cidades de Portugal entreteceram a corôa dos immortaes para o' frente de *um dos maiores homens do seu tempo*, como disse o academico Filippe José da Gama, um dos seus biographos.

Mas, ó pacientissimo Apollo, que corôas! Dir-se-íam compostas de mangericão, alfadega e alcachofas! Que farfalhudos labirintos de versos, redondilhas pungentes como sovellas em ouvidos, endecassylabos traspassadores como espetos ao travez da alma!

Dos poetas de Evora não dou noticia, por que me falta á minha livraria a joia que se imprimiu.

No livro de Lisboa, acho sonetos do conde da Eriçeira, de frei Antonio de S. Caetano, de João Gomes Ferreira, de João Fradique de Mello e Caya, de Francisco de Sousa e Almada, de Serafim Pitarra e de outros. Frei João de Nossa Senhora fez um romance. An-

tonio da Silva Figueiredo um canto heroico. Fazem idéa do que é um canto heroico? Ahi vae amostra :

.....
 Só quero n'este assumpto o riso em prata
 Ou o choro risonho dessa fonte,
 Que do aerio quadrupe a veloz pata
 Lá do cume rasgou do sacro monte.
 Pois o liquido aljofar que desata
 E' bem que no louvor a musa o conte
 Porque seja o meu verso em docil rastro
 Chorada prata em golfos de alabastro.

Quem tiver entendimento de entender que entenda. Eu de mim só percebi que se trata de um quadrupede e de uma pata, cabendo na oitava as quatro á vontade.

Henrique José da Silva Quintanilha escreveu um romance tambem heroico. Sabem o que é? Imaginem pela invocação. Pede o poeta ao luminoso Delio que mande

... rasgar em veas de alabastro
 Da candida Hyppocrene o doce argento,
 Por que possam das liquidas sangrias
 Dimanar a diluvios os conceitos.

O Delio fez-lhe a vontade. Os conceitos inxurram que nem aloques rotos.

Frei Luiz das Neves glosou um soneto, cujos tercetos são assim puchados do sacco :

Brilhai, pois, e luzi, sol soberano,
 Em Roma, em Portugal, e em todo o Mundo
 Nesse habito de sacco Franciscano.

Que se em luzir no sacco mais fecundo
 Se hade ver no juizo o sol e ufano
 Sois vós sol no juizo o mais profundo.

Pude entender apenas que ha ali dois saccos: um franciscano, e outro mais fecundo; tambem ha tres soes: um sol soberano; outro juizo no sol, e um terceiro sol no juizo, que certamente não era o de frei Luiz das Neves.

Frei Manoel de Nossa Senhora do Monte do Carmo fez um panegyrico. E' o mais escoreito dos poetas, e o menos empestado do seu tempo.

O mestre de rethorica José Caetano escreveu um poema latino, embrechado engenhosamente de versos de Virgilio, Ovidio, Juvenal, Ausonio e outros; coisa que n'aquelle tempo denotava talento, e em nossa idade seria testemunho de absoluta inaptidão.

Antonio da Silva Figueiredo tirou do peito ainda uma *Sylva* que é um espinhoso silveiral, e áquella sylva chamou *Suspiros na molestia e parabens na melhora*. Querendo dizer-nos que o Tejo estava sentido da molestia do bispo, escreve o homem: *A triste Elysia*

.... perturbando o liquido socêgo
 A corrente lhe muda em triste rêgo
 Ao claro Tejo, porque a ancia dobre
 Do vidro azul no páramo salôbre,
 Pois a agua quando sem morrer discorre
 Muito mais sente porque nunca morre.

Antonio Felix Mendes latinisou em prosa; Gaspar Simões em verso. Philippe José da Gama escreveu um panegyrico dignissimo de ler-se, perdoados os acrobatismos de locução. Um sr. Ganhoteiro discreteou n'um romance

heroico. Este sim que é poeta capaz de rythmar um rol de lavadeira. Vejam com que musica elle dá conta dos companheiros do bispo :

Acompanham tambem ao sacro bispo
Muitos particulares cavalheiros,
Um Nicoláo de Brito, um Pedro Lobo,
E o nobre João de Sousa e Vasconcellos.

Faz lembrar o soneto do lente da universidade que se auto-biographou e remata assim :

..... E queres saber quem seja?
Bernardino Joaquim Silva Carneiro.

Não foi menos feliz o Ganhoteiro quando cathologou os bispos oriundos de Evora. Ahi vae um quarteto que atixa o desejo de ver os outros :

Dom frel Affonso Pires de Carvalho
E Pataim foi bispo mui perfeito
E o grande dom Martinho Gil de Brito
Viu da cêra o milagre do seu tempo.

No tempo do poeta Ganhoteiro nem já de cebo se faziam milagres.

Deus te perdoe, Ganhoteiro.

O desembargador João de Sousa Caria não se ficou atraz. Ejaculou um romance heroico que põe os outros ás canhas. E' todo aguç este desembargador. Tomem lá este banho de chuva.

Oh ! quanta exaltação cobra no arrojo
Doce a liquida prata do aqueducto,
Que em borbolhões de jubilos inflada
Faz ignea voz do candido suzorro. }

Das ambulans dos jaspes despedido
 O argento doce em tortuosos fluxos
 Alpheo vos beija o pé, justificando
 Do amor o incenso nos humildes ductos.

Estas quadras são o que o desembargador diz no quarto verso da primeira quadra: *candido suzurro*. Aquelle *suzurro*, tirada a primeira syllaba, dava melhora-mente o do fio conceito aos charadistas.

Basta de poetas de Lisboa. Esses lá tem a sua gloria prosperada pela ventura de poetarem alli no centro das letras, na tribuna das academias. Relembremos os do Porto, desluzidos por uma antiga e iniquissima emulação dos lisboezes, da qual até se contagiou o meu amigo Innocencio que não os inscreveu no seu tolerante *Diccionario bibliographico*.

Antonio de Deus Campos, conego magistral de escriptura na cathedral do Porto, escreveu um certamen panyrico, gymnastico e dialogico, no qual Roma e Evora altercam sobre qual das duas hade possuir frei José Maria. Diz elle na dedicatoria ao bispo:

«Ha muito que a minha idéa está vendo com os olhos da raciocinação nos espaçosos CAMPOS do pensamento o presente *Certamen*.»

Poz CAMPOS em versaletes porque elle chama-se *Campos*. O diacho do conego tinha mais engenho que todo o cabido!

Já Lucano tinha dito, e provavelmente vaticinando este conego:

Compicit in planos hostes descendere CAMPOS

O homem sublinhou ainda o *Campos* para que se en-

tenda que o verso era com elle. A Virgilio tambem lhe palpitou a prebendada besta:

O' decor! ó CAMPI duces, ó gloria coeli!

No livro biblico da Judith é tambem previsto o poeta portuense: *Omnes montes et colles et CAMPI in conspectus tuo sint*. E no psalmo 103: *Ascendant montes et descendunt CAMPI*.

Um homem assim não devia esquecer. E' CAMPOS que devem ser adubados por todas as gerações até ao fim e desmancho d'este globo, onde nasceram, renascer e hão de renascer d'aquellas coisas.

Segue-o a pinotes eguaes o protonotario apostolico Manoel de Oliveira Ferreira, com o seu *Museu triphylactico*. No *triphylactico* parece querer dizer *filou tres vezes* as mais desmarcadas asneiras de que teve conhecimento o auctor. Blasphema o padre chamando á cataplasma *Noites aticas*.

Verseja em portuguez, castelhano, latim e italiano, e dá sonetos que tem de cada lingua seu bocado, como em guisado de badulaque. Sentiu o padre uma guinada na consciencia quando na dedicatória ao bispo, escreveu:

«Se bem disse um discrêto que enlouquecer em occasiões diante de principes era mostrar ser sabio, *como está reputada por defeito de juizo a poesia e o parecerá a presente composta em quatro idiomas, mas com um só animo, espirito e valentia, lanço mão da occasião, etc.*»

Não foi lançar mão da occasião: foi atirar-se a ella com quatro pés e esperar que os evos o apozessem ao varal com o seu collega e amigo Campos.

Elles ahi ficam.

A coisa mais bonita d'este volume são as decimas glosadas por José Carlos Pinto de Azevedo, *as quaes*, diz o modestaço, *expõe á censura no prelo, sem que o justo temor da critica lhe usurpe o credito da obediencia.*

Deram-lhe este mote :

Confunde o gosto o conceito.

O poeta, ao cabo de quinze dias, saíu com o seguinte improviso :

Quando pondera o empenho
A grandeza do motivo
Confunde-se o discursivo
Na afflicção do desempenho.
Logo, quando á vista tenho
Senhor, o vosso respeito
Não me noteis o defeito
De suspensão tão notoria ;
Pois pasma o discurso a gloria,
Confunde o gosto o conceito.

Bravo, senhor José !

E que me dizem do senhor Manoel Ferreira Leonardo ?
Não lhes posso dizer nada eu.

Tem aqui oito *labyrinthos*, que se me figuram, em linguagem de alveitaria, oito espravões do Pégaso, complicados com o mormo real do auctor.

Quem andou mais sisudamente foi o conego Martinho Lopes de Moraes Alão. Tem oitavas que pesam como arrobas, e versos contra os quaes se podia descalavrar uma náó da Índia, como dizia D. Francisco Manoel nos *Apologos*.

Ahi vae um pedacinho mais ao humano, de envolta com seu quadrupede :

Continuava o cabido suavemente
 Sempre psalmos e hymnos entoando
 E logo em um cavallo nobremente
 O sacro numen corações pisando.

(O sacro numen é o bispo que ía da Porta nova para casa.)

O Porto com affecto reverente
 Os corações aos pés lhe ia prostrando
 Das ruas pretendendo, com portento,
 Bordar de corações o pavimento.

Que phantasia de fressureira!

Venha agora o nobilissimo Thomaz Antonio de Noronha e Menezes. Temos musas fidalgas de empoadado rabicho. Aqui ha que ver grave e achumbado. O descriptivo é a indole d'este poeta. Quer elle dizer que um Carlos José procurador do senado vae pegando nas borlas da bandeira da camara? Não o assustam atravancos do rythmo. Ahi vae:

Nas borlas, que pendiam, vae pegando
 Carlos José procurador contiguo
 Que acabou, e dos homens principaes
 Da cidade de governo, e natalicio.

Parece que o procurador Carlos José, *que acabou*, deu a ossada na procissão. O entendimento é outro: a meu juizo o Carlos José já não era procurador.

Este sujeito explicava tudo o que sabia, e o que não sabia dizia-o logo. Aqui está um louvavel exemplo:

Desta mesma libré tres cavalleiros,
 Cujo nome não sei nem seus officios,
 Airosamente íam de campanha
 Da propria comitiva no exercicio.

Cabendo-lhe tudo em verso, confessa ainda honradamente que não se arranja com a descripção das ceremonias :

Não me cabem no verso as ceremonias
A cada passo, nem os seus ministros,
Inda que fosse em syllabas mui longas
Que ferissem o pé mais desmedido.

Chama-se isto probidade litteraria.

Para não metter um *cavallo branco* no verso, chama-lhe *animado arminho*. Muito bem ! Não é como os seus collegas que fizeram de cada oitava uma estrebaria.

Aos *lacaíos*, palavra desfrisante em verso heroico, chama-lhe *argonautas*. Optimo !

A's senhoras das janellaõs com requebrada galanteria lisongea d'este feitio :

Parecem as janellas ramilhetes
De rosas, açucenas e de lirios,
Bemmequeres, jasmims e varias flores
Com amores perfeitos enxeridos.

Galantissimo ! Fidalgo ás direitas !

Não me detenho a empurrar para dentro da eternidade a varios poetas e prosadores que se hão de resurgir de seu olvidio, quando renascer o affecto de portuguezes ál atinidade. Mais tarde ou mais cedo todo o mundo hade conhecer o padre José de Sampayo, Luiz de Sousa de Mendonça e o guardião de S. Francisco frei Salvador da Guia.

A minha ternura vae toda aquecer a gélida memoria de sujeitos, que escreveram na lingua lusitana, ameaçada de morte macaca por fados esquerdos e tortos. E

mais me desvelo ainda acariciando o reparo do leitor para um anónimo, que não tem parelha n'esta récova de poetas.

Descreve o povo alvotado á chegada do bispo :

Pela rua amotinada
A gente das casas foge,
E sem ter socego a chusma,
Olha, salta, pasma e cospe.

E cospe! E' boa! A chusma cuspiu de pasmada. Cuspir é a suprema expressão do espanto! Os versos do sujeito fazem tambem cocegas nas glandulas salivares.

Os fidalgos galopam em cavallos ferozes, os quaes, diz o poeta :

Espumando aljofres brutos
E pisando Ofir a couces
Despresam rubis. diamantes
De ouro fino arrastam froques.

Descreve em descida para Villa Nova :

A comitiva que incluye
Seges, liteiras e coches,
Cargas bestas, reposteiros
Com malas, bahus, e alforges.

Este genio não se dedigna de commemorar os seus congéneres no poema: ás bestas chama *bestas*.

E não lhes sabe a gente outro nome senão o da especie.

Agora, serio. Embrulha-se o estomago de anojado de tamanha podridão!

Crer-se-ha que taes sevandijas da nossa tacanha historia litteraria leram Camões e Ferreira, Caminha e Bernardes, Mousinho e Sá de Miranda?

Como se fez aquelle baquear e enxurdar-se d'uma geração tão visinha do periodo aureo, breve sim, mas copiosissimo de exemplares e estimulos com que os bons espiritos avoassem a melhores e mais puras regiões da arte, da belleza intellectiva e do optimo discernir!

Como medraram aqui, sobre as cinzas de Gi Vicente e Bernardim Ribeiro, uns escalrachós chamados Violante do céo, Jeronimo Bahia, Chagas e Barbosa Bacellar?

— Os Filippes, os jesuitas, a inquisição! — conclamam os estafadores dos logares communs. — Quaes historias! Nem inquisição, nem jesuitas, nem Filippes, nem as legiões todas de demonios que andavam d'antes nos sevados da Judea, todos a colaborar na *Fenix renascida* seriam idoneos a tirar tanto á luz perpetua do nosso opprobrio. E' aquillo que pareceu antes um como arêjo de bestidade.

E quem devêra racionalmente esperar que, dobados cincoenta annos, saíssem á luz da redempção Torres, Quita, Francisco Manoel do Nascimento, Diniz, Tolentino, Garção e Ribeiro dos Santos!

Que saltos de gigantes tiveram de dar aquelles benemeritos dos estudos classicos por cima de monturos tão altos!

E, depois, o espantoso n'isto, mais que tudo, é o revoltar das gerações; o fundir da estatua apollinea, que nossos paes idolatravam, para nos sair refundida em monstro bestial que nossos netos hãode reverenciar.

Quem sabe o que está para vir! Os escaravêlhos já por ahí andam a compôr e a torneiar a sua bola. A gente de juízo passa com um elixir desinfectante no nariz; mas os escaravêlhos são contumazes e este paiz é bom para medranças n'aquelle seu officio d'elles. Não durmam os que se pejam de compatriotismo dos Mendes e Ganhoteiros.

V

Revertamo-nos ao bispo do Porto.

Lembram-se das bizarras festas com que os portuenses receberam o seu prelado? O enthusiasmo e devoção com que elles, no dizer do seu poeta, desejavam matisar de corações as ruas por onde ia jogando as sonoras patas o cavallo branco do bispo?

Ora, quem diria que, volvidos tres annos, D. frei José de Santa Maria da Fonseca estaria a ferro e fogo com os portuenses!

Um homem amado de quatro papas, respeitado de seis monarchas, visitado por alguns no seu cubiculo de *Ara cæli*, onde havia de ser defraudado nos respeitos que se deviam ás suas virtudes, lettras e nascimento? No Porto, precisamente no Porto, latibulo especial das feras chamadas injuria e petulancia.

Sucedeu assim.

O bispo impetrou do pontifice dois jubileus plenissimos com absolvição geral de culpa e pena para cada anno, em sete egrejas do Porto.

Santo homem! Elle bem sabia que as almas incardidas d'aquelle gentio estavam carecidas de enorme barrela.

Mandou o prelado aviso ás sete egrejas escolhidas para a visitação. Uma d'estas era a da Misericordia, na rua das Flores.

Em seis egrejas foi o bispo recebido com aparatosas honras e adequadas reverencias. Na ultima, porém, que era a da Misericordia, nem o receberam debaixo do pallio, nem lhe saíram ao encontro os capellães, nem os irmãos da mesa, nem lhe tocaram orgão, nem lhe cantaram *Te Deum laudamus*, nem se quer o acompanharam com tochas estando a igreja ás escuras.

Recolhe-se o bispo á sacristia e desfecha a sua ira na cara do capellão-mór. Depois, vem ao arco da igreja e a declara interdicta pela summa desatenção e offensa feita á sua pontificia dignidade, em não ser recebido n'ella com o respeito que de obsequio se lhe deve.

Os fieis, que desbordavam do templo, escoaram, pallidos e trementes, aos encontrões e de roldão, por quantas portás se offereceram ao seu sagrado pavor.

Ao outro dia, foi afixado na porta da igreja o interdicto, e dobraram a finados os sinos da Misericordia.

A mesa da santa casa escreveu ao bispo em termos brandos pedindo-lhe que levantasse o interdicto. O periodo final da breve carta diz:

«Temos soffrido com paciencia este castigo sem entrarmos a investigar a causa d'elle, só porque v. ex.^a se satisfizesse das queixas que publicamente proferiu da capella-mór deante de auditorio tão numeroso e grave;

porém, esta materia tem em si consequencias tão grandes como v. ex.^a melhor sabe: pelo que se nos faz preciso supplicar-lhe, com o mais humilde acatamento, queira dignar-se levantar o interdicto a esta igreja e a suspensão a uns pobres capellães que firmam toda a sua subsistencia no exercicio das suas ordens, sem que para este favor recorramos mais que á piedade e grandeza de v. ex.^a, esquecendo-nos (como v. ex.^a não ignora) de que nos podéra justificar, pois só queremos seja especial mercê de v. ex.^a a quem novamente pedimos de favor o que da rectidão de v. ex.^a poderíamos de justiça esperar, etc.»

Esta carta que por astuciosa e velhaca faz honra ao senhor Antonio José da Silva, Aranha, Berredo e outros signatarios, foi novo beliscão na vaidade santa do prelado, santa, a meu entender, quanto já tinham sido santas, nas côrtes de Thomar, as philaucias de primazia archiepiscopal de D. Bartholomeu dos Martyres com os arcebispos de Lisboa e Evora.

O bispo responde á mesa com uma carta sapientissima lardeada de notas extrahidas dos praxistas em direito episcopal e confirmativas da justiça com que interdictava e fazia sobreestar interdicta a igreja.

Um paragrapho summaría toda a resposta: «Os procedimentos... já teriam cessado se vossas mercês pela sua parte tivessem logo cumprido com o que deviam, e lhes mandámos insinuar, de que sendo publica e pessoal a offensa feita ao seu prelado, ao seu pastor e mestre, e ao vigario de Deus nesta diocese, igual e correspondente devia ser tambem a satisfação d'ella.»

Os mesarios redarguem com mais aceradas ironias. «Em uma junta (escrevem elles) das que o nosso compromisso chama magna, foi aberta e lida a carta com

que a benignidade e grandesa de v. ex.^a nos quiz enriquecer e auctorisar: e ao mesmo tempo que todos e cada um engrandecia e louvava o amor e piedade com que v. ex.^a paternal e magistralmente nos ensina e admoesta, ficamos trespassados de magoa e dor, vendo-se sem o suspirado despacho a supplica...» Confessam que o não receberam com as honras costumadas por se considerarem isemptos da jurisdicção ordinaria, por que a casa da Misericordia *se orna com o soberano timbre de uma immediata protecção real*. Pelo que, avisam o bispo de que vão representar a sua magestade.

Representaram.

Respondeu o bispo; e se o latim com que vem embrechada a resposta pudesse atemorizar o senhor Antonio José da Silva e outros, a mesa estava encovada.

O procurador da corôa, mandado responder ao concurso, mostrou que não se acovardava sobranceado pelo latim de frei José, sendo de parecer que sua magestade dêsse provimento ao recurso dos mesarios.

Cae o bispo sobre o procurador da corôa e espalma-o debaixo de vinte e quatro *Reflexões*.

Vem carta rogatoria do juizo da corôa ao bispo para que levante o interdicto.

O recorrido responde: «Não podemos nem devemos cumprir a presente carta rogatoria.» E frecha o procurador com dez paragraphos de latim.

O juizo da corôa envia segunda carta rogatoria. O bispo responde com a reserva de praxistas que tinha de sobrecellente para as ultimas, mas não cumpre.

A corôa manda lavrar a derradeira sentença em que ás justiças seculares se ordena que não cumpram sentenças, mandados, nem procedimentos do bispo; nem

evitem os recorrentes nem lhes levem penas de excomungados.

Venceu a santa casa. Não sei o que disse o bispo, nem o que fez. Contentou-se com appellar para o desembargo do paço, e d'aqui para a posteridade? Se foi só isso, aqui estou eu á barra do meu século, pedindo ás senhoras e aos homens que leiam o in-folio que o bispo afflicto mandou imprimir para que vossas excellencias o lessem e dessem a ler á sua descendencia.

O titulo diz tudo isto: *Procedimentos do excellentissimo e reverendissimo bispo do Porto, contra os irmãos da Misericordia d'aquella cidade, por lhe faltarem á reverencia e honras devidas em o dia 12 de março de 1746, indo em procissão e com capa magna visitar aquella egreja para ganhar o santo jubileu. — Recurso dos mesmos irmãos ao tribunal da corôa, e respostas tanto á queixa, quanto ás cartas rogatorias d'aquelle juizo, sobre as quaes se hadê tomar assento no desembargo do paço. A cujos sapientissimos e nobilissimos senadores offerece o procurador da mitra do Porto, em nome de sua excellencia, as justissimas razões em que o mesmo senhor se fundou para assim obrar no caso de que se trata. Porto: na officina episcopal de Manoel Pedroso Coimbra MDCCXLVII. — Com todas as licenças necessarias.*

A alma d'este frade mytrado foi cruelissimamente anavalhada pelos portuenses.

São assim. Quem os visse, tão poucos annos antes, pela boca dos seus poetas, a invejarem a sorte da mula branca, do *animado arminho* que levava escanchado o illustre bispo!... Que mudanças! Bem no dizia o Diniz, cantando d'outro bispo:

O' geração humana, e quanto és facil
No meio da bonança a engrimpinar-te
Sem temer que a pellada; má Fortuna
Lubrica, extravagante, caprichosa
Te vire as costas e te mostre a calva!

A calva ainda não é o peor que ella mostra.

O habito de Frei Diogo

Quem a seu adversario teve em pouco,
Vimos a suas mãos ficar rendido.

JER. CORTE REAL.— *Succ. do Seg.
Cercos de Diu, C 3.*

A provincia da Piedade teve um convento no Cabo de S. Vicente. Aquillo é que era deserto, fome e penitencia.

Alimentavam-se de pão esmolado e algum peixe que pescavam á cana os filhos de S. Francisco. E assim mal comidos e mal dormidos, os pobres homens muitas vezes tiveram de defender, á escopeta e lança, o conventinho das investidas traiçoeiras de herejes e piratas.

Um dia, porém, no anno de 1587, sobresaltou-os corsario de grande porte, nada menos que o bretão Drak, ou Draque, senhor de grossa armada, que á ordem de Isabel de Inglaterra infestava os portos de Hespanha.

O corsario, como não podesse romper a resistencia que o rechaçou de Lagos, voltou sua furia contra as fortalezas de Sagres e S. Vicente. Os capitães combateram em quanto o inimigo os não assoberbou com for-

ças irresistíveis. Os frades fugiram com a reliquia do martyr S. Vicente caminho de Lagos; e quando volveram o derradeiro olhar saudoso á sua casa, viram o roxo negro das linguas de fogo que irrompiam do tecto do convento. Algumas horas depois, o que restava do convento da Piedade e das magnificas casas contiguas, que o bispo D. Fernando Coutinho mandára fabricar, e ampliar el-rei D. Sebastião, era um acervo de cinzas fumegantes.

Esta catastrophe muitas vezes tinha sido prenunciada aos vigilantes franciscanos. Assaltos de piratas e lutheranos, raros annos decorriam sem que elles os soffressem e rebatessem com excommunhões, e balas mais operatorias e efficazes do que as excommunhões. De uma vez, foram sorprendidos tanto de golpe que apenas tiveram tempo de commungar e fugir com a inseparavel reliquia de S. Vicente para a torre do farol, onde se acastellaram e donde saraivaram sobre os lutheranos certas surriadas de espingardaria. Eram frades; mas portuguezes é que elles eram principalmente, digamos isto inflando as bochechas. Tomáramos nós agora para o que der e vier um exercito assim de cinco mil frades!

Advertido por este caso, mandou D. João III robustecer a fortaleza torreado-a por mais alto, e cortando no estreito uma grossa muralha de mar a mar.

Logo adiante se experimentaram os previstos beneficios d'estas novas fortificações. Sete ou oito galés de turcos imbeçaram com a praia de noite, emboscou-se a soldadesca, e ao romper d'alva se foi em magotes á porta do convento sob disfarce de romeiros que iam em peregrinação ao santo martyr. Deu-lhes rebate o coração aos frades quando já estavam com as mãos nas trancas da portaria.

Cairam em si e logo sobre os turcos com arcabusedas de que ficaram mortos muitos e fugiram os vivos. D. João III, mais previsto ainda depois d'este successo, mandou capitão, soldados e artilharia para defensão dos frades.

Sem embargo, os piratas não descoroçoaram. Não sei que lôgro lhes promettia o conventinho tão pobrememente alfaiado! Era em odio da religião que elles se assanhavam contra a santa guarida dos contemplativos capuchos. O que elles mais queriam era espedaçar o sacrario e espesinhar o pão dos anjos; ou, para variar de protervia, roubar os romeiros que confluíam á sepultura de S. Vicente.

N'este segundo proposito, uma galé moirisca despejou em terra o mais dos tripulantes, os quaes se embrenharam nos matos para darem de salto sobre os romeiros.

Acontecera ir fóra do convento frei Diogo, vigario d'elle, a pescar á cana com o capitão da fortaleza.

Os turcos rebentam-lhe de chofre d'entre umas moitas, arrastam-nos á galé, e fazem-se ao mar contentíssimos da preza.

Ora, um moiro, o mais farçola de todos, fez despir o habito a frei Diogo, vestiu-o com grande applauso dos circumstantes, e entrou a dar pinchos e sarabandas, de modo que o proprio frade a custo soffreria o riso, se a sua piedosa indignação não fosse tamanha. O capitão é que sob capa se ria das truanices do turco. N'este comenos, frei Diogo ajoelha, enfia ao céu deplorativos olhos e diz no secreto do peito: «Meu padre S. Francisco, accudi pela honra do vosso habito: Meu padre S. Vicente, vêde que vos levam o capitão da vossa fortaleza, e o vigario do vosso convento!»

O' maravilha !

Palavras não eram ditas, desenhavam-se no horizonte as velas de quatro galés portuguezas. O patife do mouro que, no dizer do chronista, *andava fazendo entremezes com o habito*, em vez de se despir e converter, confuso e alumiado pelo milagre, continuou a foliar com o habito de frei Diogo, e a zombar dos que se temiam das galés. De feito, sem segundo milagre a veleira galé mourisca não podia ser preada. Mas foi-o, graças vos sejam dadas, nossos padres Francisco e Vicente !

Frei Manoel de Monforte, rematando o caso memoravel, escreve: «Os nossos, muito mais cedo do que elles cuidavam, lhe deram alcance, tomando-os a todos e ficando em triste captiveiro os que de contentes pouco antes faziam entremezes.»

O chronista foi modesto na conta que nos dá da vingança. Tenho serias apprehensões de que o farçola foi logo enforcado em holocausto a S. Francisco, e o restante da tripulação esquarterada em desaggravo de S. Vicente.

A visível protecção, que os santos davam aos seus servos em perigo, com o lapso dos annos caiu de moda, e já então os santos tinham suas negligencias, até certo ponto indiciativas de que lá onde elles estão não regulam sempre os mesmos principios de intervenção nas questões internacionaes.

Muitas vezes, eram os mouros que enforcavam frades benemeritos; outras vezes os indios assavam-os e andavam intoiridos com elles nas sacrilegas barrigas. Era conforme.

Frei Diogo foi um dos mais felizes capuchos que caíram em galés turcas.

Os sinceiraes de Coimbra

Ditosos os pastores
 Que em santa emulação, doce porfia,
 Soltam á sombra fria,
 Recostados em flores,
 Bucolicas canções em teus louvores.

MANOEL DA VEIGA — *Laura de Anfriso.*

Tambem os frades e graves chroniqueiros dos tempos graves do carrancudo Portugal, sentiam e celebravam a poesia que recende dos sinceiraes de Coimbra.

E' que por alli passára a mocidade d'elles, a sasão do esperar, do scismar, do crer em mais e melhor que o prescripto na legislação dos concilios.

Tinham sido moços bons e amantes aquelles que já aos vinte annos começavam a envelhecer a dentro dos habitos glaciaes, e das togas e becas, tudo mortalhaes do coração.

Em quanto a falsa religiosidade lhes não seccava no peito as flores e fontes da mocidade, ou a hypocrisia lhes não queimava nos labios os innocentes risos e vezes de saudação á natureza, esposa sacratissima de Deus,

os mancebos, a quem o Mondego contava mysterios e os sinceiraes psalmeavam musicas nos tympanos da alma, bebiãem a tragos aquella poesia, que ao depois, nos claustros e salas de reis empestados dos frades, se esvasiava, para deixar todo o peito á peçonha do fanatismo.

Lá mesmo, em verduras de annos, na Coimbra inspiradora, n'aquelle céo de estrellas tantas vezes contadas pela Castro ao travez das rêchas de sua cella. faz pena ver como a turba de poetas submettia a cabeça á mão esterilizadora do tonsurado mestre, do frade, cujos olhos davam quebranto aos nascentes enlevos da mocidade.

Dois livros, formados em grande parte das poesias de mancebos, que estudavam em Coimbra pelos annos 1625 e 1630 se me offerecem para podermos aquilatar o estro e o levantar-se d'aquellas juvenis musas. Um livro é um certamen poetico dedicado ao nascimento de Balthasar, filho de Philippe III, e mandado imprimir pelo reitor Francisco de Brito e Menezes. (1)

O segundo é outro certamen poetico, dedicado e consagrado á canonisação da rainha santa Isabel. (2)

No certamen de santa Isabel sete poetas portuguezes saíram com suas canções em vernaculo; muitos poetaram latinamente, outros em castelhano, e na lingua de Petrarcha, sem desaire, alguns poucos.

Mas que lastima! que rara invenção, que intanguidos

(1) *Augustissimo Hispaniarum Principe, recens nato, Balthasari Carolo, Dominico, Phelippi hoc nomine III, Lusitanice Regis, Filio expectatissimo, Natalicium libellum dedicat Academia Conimbricensis etc.*

(2) *Santissime Regine Elisabethe Poeticum certamen dedicat et consecrat Academia Conimbricensis.*

engenhos, que atrophia a d'aquelles cerebros com as suas idéas pautadas pelo penhascoso e escalvado sermão de mestre frei Jorge Pinheiro!

Noventa e dois mil réis de premios se arbitraram aos melhores poetas. Os premios adjudicados não houve poeta que os levantasse. Foi uma desistencia conscienciosa que lhes faz honra aos premiados. (1)

Nos louvores do principe, filho do usurpador, cresce o pezar, senão o desdouro. Doze poetas portuguezes balanceiam o thuribulo da lisonja em estiradas canções em pifios sonetos, cousas em que os relevos do servilismo dão realce ao outro não menor indecoro da charra a ingulhenta poesia. Era ainda o prégador afamado, desde o auto de fé de 1620, frei Jorge Pinheiro que lhes afinára os plectros pelo tom do seu abjecto discurso.

Querem uma amostra do engenho d'este dominico?

Diziam que o principe tinha nascido com a mão na barba. Optima clausula para o discurso! O frade não é homem que esconda dos seus discipulos a luz debaixo do meio-alqueire da cevada que lhe atiram os raçoeiros das cavallariças de Castella.

Eil-o ahi está no pulpito:

«E se é verdade o que outros dizem, que vinha este principe com a mão posta na barba, digo que era signal de ira e colera, com que já aos inimigos ameaçava, e bastou isto, para que elles temorisados se rendam ao nosso principe, e se não, diga-o o embaixador de Inglaterra, que já vem a pedir pazes e mui cedo virão os do turco e de toda Africa, etc.»

(1) Veja *Vida de S. Isabel*, pelo bispo do Porto, Fernando Correia de Lacerda.

Tudo isto porque o rapaz vinha com a mão na barba!
Parvo de vinte e quatro quilates! E era este frade
um dos mais graduados mestres da mocidade de 1629!

Ora, por que o principe trazia a mão no queixo, vejam
como um dos laureados poetas remodulou a poesia pela
prosa do mestre :

Vós claro, altivo, forte e valeroso
Dos leões de Hespanha novo leão nascido
Fostes o Gallo real que o leão temia,
Vindo aos leões africanos temeroso,
E em ser de leões e gallos procedido
Não tendes já contraria sympathia
Pois que toda a valia,
De gallo e leão vos deu a natureza
Em extremos de grandeza,
Que em vosso ser, por mais fortifical-o,
Deu um Carlos leão, e um Carlos gallo.

Ahi está o poeta creado pelo frade. Excede o mestre,
se é possível.

Vejam que tristeza de geração aquella! Se aquelles
patriotas entrariam na revolução, que nos deu patria,
dez annos depois! Oh! se entraram!... mas sómente
chegada a hora de pastar com as musas pacificamente
sem os espantos da artilharia. Na primeira noite de de-
zembro é bem de suppor que elles estivessem aguçando
conceitos para fumigarém o nariz ministerial de Miguel
de Vasconcellos...

Mas que tão arredado vou dos sinceiraes de Coim-
bra!

Os mancebos que levavam da princeza do Mondego,
enthesouradas no fundo seio, joias de saudade das som-
bras, das fontes, das ramagens, alli postas como azas

verdes de esperança para espiritos voadores, esses antecederam aquella cancerada geração dos discipulos de frei Jorge.

Os outros chamavam-se Jorge Ferreira de Vasconcellos, Heitor Pinto, Pedro de Mariz, D. Rodrigo da Cunha.

Quer o auctor da *Eufrosina* dar berço alegre, leito de flores, com docel de ramas e estrellas á sua heroina? Lá vae engenhar-lh'o no éden d'onde o coração de moça lhe está acenando, e diz assim: «Na antiga Coimbra, corôa d'estes reinos, á sombra dos verdes sinceiraes do Mondego, nasceu a portugueza Eufrosina, que se interpreta Alegria...»

Quer Heitor Pinto, o honrado portuguez envenenado e morto em Castella, escolher remanso onde dois philosophos placidamente contendam?

Lá vae aos murmurios do Mondego, onde o chamam saudades da mocidade: «Indo praticando pelos sinceiraes de Coimbra ao longo do Mondego dois amigos que saíram da cidade...»

Quer Pedro de Mariz que um peregrino escute de bocca lusitana louvores de Portugal? Colloca-os lá onde a natureza estivesse segredando ao portuguez os termos arrobados do seu patrio amor: «Em uma tarde do calmoso estio um estudante portuguez, versado na lição dos philosophos e historiadores antigos e modernos, depois de satisfazer ás obrigações de seu estudo, se saíu da cidade de Coimbra, e ao longo do rio Mondego (que aquella cidade rega) se foi passeiando por baixo de verdes sinceiraes que da parte do meio dia e occidente lhe fazem alegre companhia com muitas e deleitosas sombras, etc.»

Quer o circumspecto bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha aformosear os motivos que teve o seu antecessor

D. Rodrigo Pinheiro para votar no restabelecimento dos estudos em Coimbra ?

Vale-se das bellezas nativas da localidade :

«... As saídas e frescura do Mondego tão accomodadas ao allivio de cabeças cansadas de estudar; a agua d'aquelle rio de quem se podia affirmar conservava e apurava os engenhos...»

Ó inspirativos sinceiraes, ó ramarias por onde á fronte de mancebos se filtram pensamentos de anjos ! heide eu crer que debaixo de vossos pavilhões um poeta exclamasse :

Deus não pôde durar mais que alguns annos !

O Forra-Gaitas

Perto de quarenta mil processos restam ainda para darem testemunho de scenas medonhas, de atrocidades sem exemplo, de longas agonias.

ALEXANDRE HERCULANO—*Da origem e estabelecimento da inquisição.*

I

O hebreu Francisco Gomes Henriques, mui conhecido, ha dois seculos, em Lisboa, pelo cognomento de *Forra-Gaitas*, e por sua riqueza herdada e augmentada no commercio de sedas, orçava por quarenta annos em 1653. Era solteiro, modelo de vida honesta e bemquisto de toda a gente, sem impedimento da nota de judeu irreconciliavel.

Os fidalgos de mais christão e estremado sangue abroquellavam-no do odio do santo officio, louvando-lhe os costumes inoffensivos em desconto das peças de seda com que se vestiam, sem intento de pagar-lh'as na hypothese racional de que, no dia do juizo, o hebreu não ousaria cital-os ao tribunal do juiz crucificado pelos avós

d'elle. A arraia miuda tambem lhe não queria mal, reconhecida ao animo caridoso de proximidade com que Francisco Gomes a christãos e judeus desvalidos beneficiava.

Liberalmente accudia o hebreu com recursos a uma familia israelita empobrecida desde que o seu principal esteio, Manoel Fernandes Villa Real, consul portuguez que tinha sido em Paris, fôra queimado em Lisboa, no auto da fé de 1652. Era uma franceza e duas filhas menores que o infeliz escriptor trouxera de Paris. (1)

A franceza, fugitiva e amaldiçoada dos seus, não pôde voltar á França, depois que o santo officio, confiscados os bens de Manoel Fernandes, a reduziu á extremidade de acceitar a generosa esmola de Francisco Gomes Henriques. Tinha duas filhas que pediam pão e choravam pelo pae e pela abundancia com que tinham sido creadas. A esmola não a humilhava. Era a franceza nova e formosa; e á conta d'isso a caridade do hebreu corria mal-sinada pela maledicencia dos visinhos.

O bemfeitor desaffrontava-se, entrando á pureza de sua consciencia, onde o bem-fazer medrava de par com a virtude do perdão das injurias.

(1) Manoel Fernandes Villa Real publicara em 1643, em Paris, um livro excellente intitulado *Anti Caramuel, o defença del manifesto del reyno de Portugal* contra D. João de Caramuel. Pagaram-lhe o patriotismo com o supplicio do fogo. Foi este serviçal portuguez. quem fez estanipar cinco livros de uma decada de Couto, com a seguinte fachada: *Cinco livros da Decada doze da Historia da India, tirados á luz pelo capitão Manoel Fernandes Villa Real, cavalleiro fidalgo da casa do serenissimo senhor D. João IV, Rei de Portugal, residente na côrte de Paris, e consul da nação portugueza nos reinos de França. Paris, 1645.*

Um procere da cõrte de D. João IV viu a franceza e gisou no ocio de suas cogitações havel-o como cousa que muito devia gloriar-se de ser pretendida. Solicitou-a por medianeiros que não se envergonharam nem apiedaram das lagrimas da mulher que chorava o pae de suas filhas, assassinado cinco mezes antes.

Francisco Gomes, avisado das pretenções do fidalgo, aconselhou a franceza a saír de Portugal com as filhas, e passar-se á França com a certeza de ser soccorrida. Aprestou-se ella para a viagem. O fidalgo, que, ultrajado em seu orgulho, a espiava, com aquelle amor e odio, infernal mixto, de que, bem informado do coração do homem, fallava o satyrico romano, assim que soube da proxima fuga, ameaçou-a com o santo officio. Tremeu ella; todavia, o protector reanimou-a, e deu pressa aos preparativos.

Enganara-se Francisco Gomes. A' hora da saída, dois familiares da inquisição, pedindo venia ao ricasso hebreu que devia acompanhal-a, intimaram a' franceza a seguir-os ao salão do paço dos Estáos. O amigo de Manoel Fernandes Villa Real apertou a mão da conturbada mulher e disse-lhe: «Vá descançada. As suas filhas ficam comigo.»

Ao outro dia, Francisco Gomes, munido de dois papeis dobrados em cartas, conseguiu entrar á presença do inquisidor geral.

Inquiriu dos motivos justos da prisão de uma estrangeira, que não podia ter offendido nem a religião nem os costumes do paiz onde vivia, ha anno e meio, chorando.

O inquisidor geral ouviu-o com insolita bondade e mandou-o voltar ao outro dia.

O Forra-Gaitas, no intervalo das vinte e quatro ho-

ras, deixou fallar a sua cólera com azedume desacostumado. Os amigos ensinavam-lhe prudencia e cuidado comsigo.

Voltou ao inquisidor que lhe disse :

— Foi denunciada a franceza como herege.

— Como herege, senhor ?

— Sim.

— Como honrada é que seria.

— Não entendo.

— Como honrada.

— A inquisição não castiga honrados.

— Aceita-os quando perversos os infamam. A franceza rebateu as torpes aggressões de um grave e grande fidalgo. Eis aqui a heresia, senhor D. Francisco de Castro. A vossa senhoria, neto do grande visorei da India, póde assim afoitamente o plebeu accusar um desdourado fidalgo. Eis as provas, senhor.

E passou ás mãos do ancião duas cartas escriptas á franceza.

O inquisidor reconheceu a authenticidade d'ellas ; e, lidas, disse :

— Deixe-me rasgar isto, por amor de paes e avós d'este homem, que foram d'aquelles que meu avô mais estimou.

E, rasgando-as com o silencioso consentimento do hebreu, disse :

— Vá e espere em sua casa a presa. O meu secretario irá acompanhal-a hoje mesmo.

Palavra de neto de D. João de Castro. Ao entardecer, as filhinhas de Manoel Fernandes de Vila Real lavavam as faces nas lagrimas de sua mãe.

E, corridos tres dias, a franceza com ellas e com o hebreu velejavam para França.

II

Nunca tu voltasses ao açougue onde tinhas nascido, alma christianissima de judeu !

O fidalgo vexado em secreto por uma reprehensão de D. Francisco de Castro, adivinhou quem fosse o portador das cartas. E' admiravel esta esperteza no estúpido que as tinha escripto e deixado na mão da herege!

Planeou vingar-se.

Mas a victima estava ainda em França.

Voltaria o hebreu a Portugal?

Andava elle, por terceiros, n'esta averiguação quando o hebreu chegou.

As testemunhas estavam vendidas, corrompidas, ansiosas por vomitar, na presença do Christo da sala da audiencia do santo officio, a peçonha em que se convertera o ouro do grande senhor da côrte de D. João IV.

Porém, o inquisidor geral era empêço. Em seguida e tão proximamente do facto da franceza, qualquer accusação seria suspeita ao bispo da Guarda.

Ventou a felicidade ao fidalgo.

No primeiro de janeiro de 1653 morreu o inquisidor geral.

O fidalgo desatou os açames dos seus molossos.

Manoel de Magalhães de Menezes, o mais facinora dos tres inquisidores ordinarios, era um como criado da sua casa, Luiz Alves da Rocha um máo homem, que teria sido carrasco por inclinação, se não existísse o santo officio; Pedro de Castilho um septagenario fana-

tisado, que não deve confundir-se com o doutíssimo bispo do mesmo nome. (1)

Instaurado processo a Francisco Gomes Henriques, as testemunhas eram ás dezenas, uniformes, de vagâr e habilmente instruidas. Os depoimentos d'ellas, melhor do que eu, vol-os dirá a sentença.

O Forra-Gaitas andava estremecido. Incutiam-lhe desconfiança uns amigos; outrós, os devedores, asseguravam-lhe a inviolabilidade de suas notorias virtudes.

Oscillava na determinação de ficar ou expatriar se, quando foi preso na noite de 20 de março de 1653.

III

Saíram por elles alguns amigos desvelados e todavia receiosos.

Intimidava-os a desgraça em que caíram, da côrte e dos frades, os amigos do consul Villa Real.

Muitos dos poderosos, os devedores das peças de seda, acantaram-se, cuidando judiciosamente que o processo mais comeseinho de saldarem contas com o judeu corria no cartorio da inquisição.

A final, uns e outros davam como perdido o Forra-Gaitas.

Correu o anno de 1653, sem a festa do advento, o auto da fé, o canibalismo christão com que a piedade festejava o prineiro domingo dos quatro anteriores á vinda do Messias.

(1) Era sobrinho neto d'elle.

No seguinte anno, aos dez de outubro, ainda Francisco Gomes não tinha visto restea de sol. Viu-a no dia onze, quando o levaram, na procissão do auto da fé, do carcere para a vizinha egreja de S. Domingos.

Feitas as cerimoniaes no templo, e ouvido o sermão do franciscano Antonio das Chagas, que importa não confundir com o varatojano do mesmo nome e de melhor indole, o hebreu ouviu ler a seguinte sentença: (1)

«Accordam os inquisidores, ordinario e deputados da santa inquisição que, vistos estes autos, libello e prova da justiça, a contrariedade e defeza do réo Francisco Gomes Henriques x. n. (christão novo) homem de negocio, de alcunha o Forra-Gaitas, natural e morador n'esta cidade de Lisboa, réo preso que presente está, por que se mostra que sendo christão baptisado, obrigado a ter e crer tudo o que tem, crê e ensina a santa madre egreja de Roma, e a sentir bem do tribunal e ministros do santo officio, e não detrahir d'elle, nem perturbar por modo algum seu justo, recto e livre procedimento: elle o fez pelo contrario, por que houve informação na mesa do santo officio que o réo se jactava de saber seus segredos e *por suas traças e intelligencias tinha desfeito a prova que n'ella havia contra certa pessoa presa por culpas contra nossa santa fé, e para esse effeito tratára falsamente de provar e provára certa razão de inimizade e commettera outra pessoa para fazer o mesmo*; (2) e que, por observancia da lei de Moysés, fazia o jejum do dia grande:

(1) Traslada de uma collecção de sentenças e papeis raros, sob título de *Memorias* de Francisco Soares Nogueira, d'onde já extrahi a sentença de Manoel Fernandes Villa Real, publicada no OLHO DE VIDRO.

(2) Allusão rebuçada ao livramento da franeeza.

«Pelas quaes culpas, sendo o réo preso nos carceres do santo officio, e com caridade admoestado as quizesse confessar para descargo de sua consciencia, e merecer a misericordia da santa madre igreja, disse que as não havia commettido; e por sobrevir nova informação que o réo, depois do novo perdão geral, vivêra apartado da nossa santa fé, tendo crença na lei de Moysés, não crendo no mysterio da santissima trindade, nem em Christo nosso Senhor, não o tendo por verdadeiro Deus e Messias, antes achando-se em certo logar com certa pessoa, e fallando-se nos mysterios de nossa santa fé, com temeraria soltura e ousadia disse que a fé dos christãos era patarata a maior do mundo; que sómente havia Deus de Israel, negando as duas pessoas divinas do filho e do espirito santo.

«E perguntando quem fizera a fé, e sendo-lhe respondido que Christo nosso Senhor e a santa madre igreja alumuada pelo espirito santo, o réo zombava dizendo que Christo Senhor, nosso não era filho de Deus; e que era forte coisa quererem os christãos sustentar ao dito Senhor por Deus e filho de Deus, e que nascera, morrera, resuscitára e subira aos céos; e que todas estas coisas eram coisas como pintadas a respeito do Deus verdadeiro e que era só de Israel; perguntando mais por modo de zombaria quem dizia que elle era filho de Deus: e sendo-lhe allegado o texto do santo Evangelho que trata do baptismo que S. João fez ao Senhor, e da voz do padre eterno que foi ouvida, e figura do espirito santo que foi vista: o réo tornou a affirmar que nenhuma d'estas coisas fôra verdade; e por modo de pergunta, fallando do mesmo Senhor, dizia tambem: «Esse Deus que coi-

sas fez? que sol? que lua? que estrellas? não achou já tudo feito?»

«E tanto aborrecimento tinha o réo a Christo nosso Senhor, que nem olhar queria para as imagens do mesmo Senhor; antes, sendo-lhe mostradas, virava o rosto com desprezo; e com o mesmo, em certa occasião, fallando-se de certa imagem do mesmo Senhor, a que o povo christão trata com particular respeito e devoção; o réo, estando em pé e abrindo os braços e abaixando o rosto, se pôz muito carrancudo e triste, dizendo que tal era a postura e semblante d'aquella imagem, reprovando geralmente a veneração que se costuma dar a quaesquer outras imagens do mesmo Senhor e dos santos; dizendo dos apóstolos sagrados que todos levaram máo fim, tendo particular aborrecimento ao sacrosanto e inefavel mysterio do santissimo sacramento da eucharystia, a respeito do qual dizia: «Deus na Sé, Deus em S. Domingos, Deus em S. Roque, Deus em S. Julião, tantos Deuses! pois Deus não é mais que um só» não querendo adorar ao Senhor nem ajoelhar-se, quando era levado pelas ruas, jactando-se d'isso com dizer, se alguém reparava em elle réo, se não pôr de joelhos, que o não podia fazer pelos trazer apertados com occasião de achaques; e que determinára em certa occasião fingir-se doente para mandar vir o pão, que assim nomeava este mysterio; e que então com fingida devoção havia de repetir aquellas palavras: *qui manducat hunc panem vivet in Eternum*, as quaes o réo disse então por modo de escarneo.

«E querendo certa pessoa na mesma occasião fazer uma devoção em obsequio do mesmo mysterio, o réo impediu e impossibilitou a mesma pessoa, para que a

não fizesse, dizendo mais contra o mesmo sacrosanto mysterio e contra a pureza singular da virgem Maria Senhora nossa tão impias blasfemias e hereticas palavras que causariam grave horror se se referissem e se calam, por não offender nem escandalisar os ouvidos dos fieis :

«E tratando outas vezes os mesmos e semelhantes mysterios por modo de ludibrio, chamava á missa *misca*, e dizendo que elle réo e certa pessoa a não ouviam desculpando-se umas vezes com negocios e occupações, ante as pessoas de quem podia ser notado, e outras vezes de mez em mez ia elle réo á igreja e se detinha n'ella espaço que se podesse dizer uma missa, gastando aquelle tempo em se rir comsigo de tanta gente que vivia enganada, entendendo isto pelos fieis; e chamava á confissão *confiscação*, e dizia que aquella se havia de fazer sómente a Deus e não aos clérigos; e que elle réo se não confessára muitos annos, e que em certa occasião se confessára por certo respeito, fingindo grande compunção de que o confessor ficára muito edificado.

«E fallando-se ácerca da cruz de nosso Senhor, dizia que de certa parte recebia elle réo cartas, e que a melhor coisa d'ellas era não trazerem o signal da cruz nem o da virgem Maria Senhora nossa; e por opprobrio da mesma cruz esgaravatava e alimpava o réo as unhas dos pés com a que trazia nas contas de resar; e quando tomava estas nas mãos o fazia em fórma que com os dedos ficava dando figas á mesma cruz; dizendo mais que o edital da fé que se costumava publicar no primeiro domingo da quaresma era uma coisa do inferno, e por esta causa se saía das egrejas toda a gente quando este

se lia; e que o livro dos evangelhos era um livro que tinha letras negras e vermelhas, mas que não tinha autoridade alguma; e que o juramento para fazer mal não obrigava; persuadindo algumas pessoas com estas falsas doutrinas: a que vindo á mesa do santo officio negassem sempre n'ella aquillo por que fossem perguntados, e que elle réo assim o havia de fazer ainda que lhe tirassem a lingua pelo toutisso; diffamando do procedimento e justiça do santo officio, e dizendo que a ira de Deus e seu castigo havia de vir, por que só a lei de Moysés era boa e verdadeira; e que no outro mundo se veria qual era melhor; e se prezava o réo de lhe chamarem judeu, dizendo que o fôra e era e havia de ser sempre; e que mofinos eram, os que não eram judeus. E que estes tinham palavras certas com que se saudavam e conheciam por taes; e que entendendo ella réo de certas pessoas, por aquella fórma de palavras e saudação, que tinham crença na dita lei, as animava e exhortava a perseverarem n'ella, dizendo-lhes que fizessem como honrados.

«Dizendo mais o réo que elle e certas pessoas professavam a crença da mesma lei, e por sua observancia guardavam os sabbados, como em effeito o réo fazia, começando a guarda d'elles da sexta feira á tarde, vestindo então roupa lavada e estando no dia seguinte suspenso de todo o exercicio, e ainda de fallar e conversar até á tarde, não querendo fazer a barba; e dizendo que aquelle era o dia que Deus fizera santo, e que por cerimonia e solemnidade d'elle fazia que se acendessem na noite de sexta feira maiores luzes das costumadas, e punha então em alguma parte algum ramo verde que queimava na manhã de sabbado.

«Dizendo outrosim que não permitisse Deus que certas pessoas deixassem a crença da sobredita lei e se perdessem; e que tinha grande lastima de certa pessoa catholica por ver que se ia ao inferno, seguindo a crença da igreja romana, porque só na dita lei havia salvação.

«E tratando de persuadir aquella pessoa que se passasse a esta dita crença lhe dizia o réo que muitas pessoas eram de suas opiniões, e que antes de certos annos havia de ser toda a gente de certa cidade professora da mesma lei; e que, se elle réo se achara com aquella pessoa em certo lugar, lhe fizera mais claro que a luz ser sómente verdadeira e boa a lei de Moysés; e que o maior milagre que Deus fazia era sustentar na dita cidade a gente que guardava a dita lei entre bispos inquisidores, familiares e christãos velhos; e tambem era milagre o haver nas occasiões em que se celebravam autos de fé, e que os inquisidores o não queriam assim entender; e fazendo-se em certa occasião procissão de preces para que nosso Senhor fosse servido de dar chuva, disse o réo que melhor podia Moysés só dar a chuva que quantas procissões de religiosos se faziam; e replicando-se-lhe que, pois assim era, pedisse elle réo a Moysés que a desse, o réo respondeu que a não queria pedir, porque não cuidassem os que iam na procissão que elles faziam o milagre, e continuando em instruir a dita pessoa nas ceremonias e preceitos da dita lei dizia que não se resava a oração da Ave Maria, nem a do Credo, mas sómente a do Padre Nosso que o réo resava e os psalmos de David e outros mais, todos vertidos em linguagem vulgar sem *Gloria Patri* no fim; e que se haviam de fazer alguns jejuns em differentes tempos e dias que apontava,

chamando a um d'elles *o do capitão* que se continuava por oito dias, e outro *do dia grande*, dizendo que aquelles eram os verdadeiros jejuns, e que se haviam de fazer com grande pontualidade, porque então estava Deus julgando a cada um conforme o estado em que o achava; e, dando outrosim, instrucção do modo com que se poderiam fazer e os faziam com effeito muitas pessoas sem serem notadas nem entendidas; e o réo os fazia tambem, preparando-se no dia antecedente, lavando sobre a tarde o corpo todo e cortando as unhas dos pés e mãos, e estando desde aquella hora sem comer nem beber até saírem as estrellas no dia seguinte, gastando muita parte d'aquelle tempo em resar a dita oração e psalms na fórma referida, e em fazer outras deprecações como eram: *Adonay, padre nosso, Adonay misericordia com piedade;* e outra na fórma seguinte: *No tempo de então havia exaltação e incurruação (?) e representação; e agora por meus peccados não ha exaltação, nem incurruação, nem representação, se não derreter esta minha carne, este meu cevo, e derramar este meu sangue sobre as costas de Arão, para que seja apresentado este jejum como sacrificio de Abrahão. Gloria seja a vós, Deus de Isaac: gloria seja a vós, Deus de Jacob, gloria seja a vós, Deus de Israel.* Outra deprecação mais, fazia o réo na fórma seguinte: *Poderoso Deus que amanheceis e anoiteceis, e do aia fazeis noite e da noite dia, pesa-me de vos não haver conhecido e de haver zombado da vossa lei, e firmemente prometto por intercessão dos Machabeos a quem tomo por advogados de ser firme em vossa lei, para que guardando seus santos preceitos me deis honra e bens temporaes, com que vos possa servir sem haver mister vossos inimigos e no fim da vida me deis vossa*

santa gloria para que fui creado, á vossa imagem e semelhança, que sois meu Deus.

«As quaes orações e deprecações o réo dizia estando de joelhos ou em pé olhando para o céu, e fazendo algumas vezes zombaias e outros meneios de corpo em signal de reverencia e devoção; e antes de começar a comer, descobrindo a cabeça dizia :

Louvado seja o nome de Deus que creou o céu e a terra e as areas para sempre dos sempre e mais sem fim eternamente em sua gloria que é para sempre dos sempre pois me deu entendimento para o conhecer.

«Dizendo mais o réo que assim como por observancia e cerimonia da dita lei se faziam aquelles jejuns e abstinencias tambem por a mesma causa e observancia em outros dias os professores d'ella comiam carne assada, e ervas amargosas apressadamente e estando em pé; e que, segundo os ritos da mesma lei, o modo de lançar bençãos, era pondo a mão na cabeça da pessoa a quem se dava a benção, correndo-lh'a pelo rosto, dizendo: *A benção de Abrahão, Isaac e Jacob, e a minha te cubra para sempre.* E que elle réo e certa pessoa as lançavam e davam na fórma referida. Dizendo mais o réo que os professores da dita lei, quando morriam, eram amortalhados em mortalhas novas, que para este effeito tinham preparadas, e se lhes mettiam grãos de aljofar na bocca, e eram sepultados em terra virgem e que assim se fizera a certas pessoas que nomeou, e que uma d'ellas estando para expirar no dia em que n'aquelle anno corria o jejum do dia grande, dissera que ia muito consolada por acabar em tal dia; e que então certa pessoa por razão de outras que estavam presentes

advertindo o sentido com que a pessoa enferma dissera aquellas palavras; declarara que a consolação da dita pessoa consistiu em fallecer em sabbado, que então tambem era por ser dedicado á Virgem Maria nossa Senhora, e mostrando o réo ultimamente a aversão que tinha aos christãos velhos dizia d'elles que era gente infame, e que os judeus antes queriam casar com judias orfans e pobres, que com christãs velhas ricas e bem dotadas, e que assim o fizera certa pessoa, e que elle tinha tenção de dotar pelo casamento algumas orfans servas de Deus; declarando que por servas de Deus entendia as que tenham a crença da dita lei; e que eram boas as terras em que cada um vivia como queria, e que para servir a Deus sem sobresaltos determinava ir-se d'este reino para certa parte, e que este intento e tenção declarara aos amigos, e aos que o não eram dava outras causas, jactando-se de que elle e certa pessoa haviam embarcado certas pessoas para as partes do norte, por temerem serem presas pelo santo officio se residissem n'este dito reino.

«E, sendo o réo admoestado na mesa do santo officio, que confessasse n'ella as ditas culpas, arrependendo-se muito de coração de as haver commettido por ser o que lhe convinha para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma e seu bom despacho, por as negar todas e affirmar que fôra sempre firme e fiel catholico: o promotor fiscal do santo officio veio com o libello criminal accusatorio contra elle que lhe foi recebido, e o réo o contestou por negação e veio com contrariedade e defesa que tambem lhe foi recebida, e por ella se perguntaram testemunhas e ractificadas as da justiça na fórmula de direito se lhe fez publicação de seus ditos conforme

ao estylo do santo officio; e veio com contraditas que outrosim lhe foram recebidas e não provou. E guardados os termos de direito, e feitas as diligencias necessarias, seu feito se processou até final conclusão, sendo o réo, no discurso da causa, sempre admoestado que abrindo os olhos d'alma reconhecesse seus erros e os confessasse para assim merecer a misericordia que a santa madre egreja manda conceder aos bons e verdadeiros confitentes: o que o réo, usando de máo conselho o não quiz fazer.

«E, sendo visto seu processo na mesa do santo officio, se assentou que pela prova da justiça estava convencido do crime de judaismo, heresia, e apostasia e por hereje e apostata de nossa santa fé, negativo e pertinaz, foi julgado e pronunciado; e para que o medo e severidade do rigor e execução da justiça obrasse no réo, o que se não havia alcançado por meio da piedade e brandura das ditas admoestações, e confessando as ditas culpas, se arrependesse d'ellas de todo o coração, lhe foi dada noticia do dito assento, e depois notificado para ir ao auto da fé ouvir publicar sua sentença pela qual estava relaxado á justiça secular perseverando o réo sempre em sua negativa e contumacia:

«O que tudo visto e bem examinado a sufficiente prova da justiça, authoridade, numero, e qualidade das testemunhas, e como o réo não quiz confessar suas culpas nem pedir d'ellas perdão e misericordia, tornando-se á fé de Christo nosso Senhor, de que se havia apartado, sendo muitas vezes para isso admoestado, exortado e requerido de que se colhe claramente querer permane-

cer em seus erros e damnada crença da lei de Moysés com o mais que dos autos resulta.

«*Christi Jesu nomine invocato*, declaram o réo Francisco Gomes Henriques por convicto no dito crime de heresia e apostasia, e que foi e ao presente é hereje e apostata de nossa santa fé catholica e que incorreu em sentença de excommunhão maior e confiscação de todos os seus bens para o fisco e camara real, e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas; e como hereje, apostata convicto, negativo e pertinaz o condemnam e relaxam á justiça secular a quem pedem com muita instancia e efficacia se haja com elle benigna e piedosamente e não proceda á pena de morte e effusão de sangue. — *Luis Alves da Rocha, Pedro de Castilho, Manoel de Magalhães de Menezes.*

A justiça secular, bem compenetrada da sinceridade e das sãs entranhas com que os inquisidores lhe pediam instante e efficazmente que se houvesse piedosa com o réo, proferiu a seguinte sentença :

«Acordam em Relação etc. Vista a sentença dos inquisidores, pela qual se mostra ser o réo Francisco Gomes Henriques julgado e declarado por hereje, e apostata de nossa santa fé, e como tal relaxado e remettido á justiça e curia secular : e, tendo obrigação de viver na fé de Christo se apartou d'ella e passou á lei de Moysés, vivendo e guardando n'ella os ritos e ceremonias judaicas, no que incorre nas penas em direito e na ordenação estabelecidas contra os herejes e apostatas. O que visto condemnam o réo que com baraço e pregão, pelas ruas publicas e costumadas, seja levado á Ribeira

d'esta cidade, aonde morrerá morte natural de garrote, e seu corpo será por fcoço feito em pó e cinza para que d'elle nem de sua sepultura fique memoria, a qual damnam com seus filhos e netos, os quaes julgam por infames e inhabeis, e o condemnam em perdimento dos seus bens, para o fisco e camara real, e nas custas. Lisboa 11 de outubro de 1654. A. Soisa, André Vasconcellos, Monterroy, Dias, Azevedo, Domingos Ribeiro, escrivão dos autos.

Francisco Gomes Henriques ouvira ler ambas as sentenças com impassivel semblante. Perguntaram-lhe os ministros de S. Domingos de Gusmão nas escadas da forca, se tinha que confessar e declarar mais alguma coisa. O hebreu sorriu e respondeu :

— Declaro que todos mentistes nas sentenças. Eu não neguei minha fé, e morro convencido de que não tendes nenhuma. Ora, se quereis fazer-me uma mercê em paga do recreio que vou dar-vos a escabujar no garrote, dizei ao senhor marquez de ***, que a honra da mãe dos filhos de Manoel Fernandes Villa Real vale bem a minha vida, e que eu, n'esta hora, o cito para diante de Deus.

Versos a Joanninha e á Lua

No meado do seculo xvii floreceu no Porto um versificador chamado Francisco de França e Costa. (1)

Nada se sabe nem indagaram bibliophilos da vida d'este homem. Pouco ha quem o conheça ou dê noticia do *Jardim de Apollo*, dado á luz em Madrid, e depois em Coimbra no anno de 1658, com as poesias do mais famigerado poeta Paulo Gonçalves de Andrade.

Francisco de França escreveu em castelhano, e no estylo corrompido do seu seculo. Sem embargo, devia de ser um dos abalisados poetas do seu tempo, attenta a camaradagem que lhe deram como auctor da excellente ode ao Ouro. E' a licença do santo officio, assignada por frei Antonio da Espectação. Diz o revedor do livro: «póde servir de uma hora de allivio aos que o querem tomar nas molestias d'este desterro licitamente.»

Não inculco ao leitor como tal o *Jardim de Apollo*. O que era allivio para o frade, avergado sob o pesc de

(1) Ascendente por ventura do general e poeta Paulino da França, avô do actual conde de Fonte Nova e do finado Salva-Fer da França?

bacamartes theologicos, seria carga para leitores versados a volitarem de flor para flor de poetas predilectos. O leitor é mariposa, e o bom do frei Antonio da Espectação era propriamente uma tartaruga.

Da leitura paciente do *Jardim* tira-se a limpo que o poeta portuense amou uma Filis e uma Nize, que lhe merecessem trovas.

Não ha exemplo de equal commedimento e parcimonia! Filis foi-lhe ingrata; a outra fez-se freira carmelita. Elogia mui devoto a segunda, e queixa-se da outra, que provavelmente o immolou a esposo menos do céu. Fez versos a velhos ridiculos, ao *Penedo das lagrimas* nas ribas do Douro, a uma Joanninha e á lua.

Vou tentar, mas duvido que possa dar-lhes na versão a graça hespanhola do romance de Joanninha. O merecimento principal está nos equivocos raro trasladaveis de uma para outra lingua, embora irmãs. Não ha simulcadencias nos romances d'este e dos poetas seus coevos: são em toantes, fealdade que eu desejaria encobrir na traducção. Vá como fôr:

Que linda que és, Joanninha!
Desde que eu te vi, Joanna,
Com febre e ancia contínua
Esta minha alma se inflamma.

Pobresinho sou, mas claro
Como a estrella da manhan;
Se alegre humor não é paga,
Dinheiro não tenho, irmã.

Com mui fino amor te quero;
Mas a dama, em teus apuros,
Muito mais que ao amor fino
Prefere grosseiros *duros*.

Já não se importa Cupido
Do arco mas sim da arca ;
O dinheiro é melhor flecha
Que os sonetos de Petrarca.

Para render-te quizera
Haver mais reinos que um mappa,
E ter mais almas que o inferno,
Mais indulgencias que o papa. (1)

.....

Como a tua cara é linda,
Deixará cara affagar-se ;
Que não ha graça na côrte
Que de graça queira dar-se.

Graças tenho! Da guitarra
Sei tirar divinos sons
Mas os sons da prata e oiro
Isso é que sim, que são bons!

.....

Pedir remedio a teu peito
É diligencia baldada ;
Que nos hospitaes sómente
Se cura sem levar nada.

(1) Em desagravo da orthodoxia e papismo do poeta, confesso que alterei o quarteto por não poder d'outro feitio amañhar-lhe as rimas. Em espanhol diz assim :

*Para rendirte quissera
Tener màs reinos que um mappa,
Màs libertades que Argel,
Y màs que el inferno almas.*

De terceiros me valêra;
 Porém, se a fama não mente,
 Os *quartos* são os terceiros
 Que subornam toda a gente.

As reticencias indicam as partes do romance incompetentes em livro serio, ou desgraciosas na traducção.

Vejamos agora a originalidade dos versos á lua. Nem antes nem depois de Francisco da França a doce amada dos poetas foi tão posta a riso :

A ti digo, Dona Lua,
 Que nos lagos te retratas,
 Pareces olho de cego
 Coberto de cataratas.

Tem paciencia, se o vate
 Taes apodos te arremessa;
 E, se tens vergonha, esconde
 Entre as nuvens a cabeça.

Pois que és tu? candeia enorme
 Que passeias polo a polo
 Servindo brancos e negros
 A' mercê d'esperto e tolo.

Do taful, que ganha e perde,
 E's uma cópia selecta;
 Por que, se agora tens *quartos*,
 Logo não avezas cheta.

Ao alcatruz d'uma nora
 Te comparo, ó lua, quando
 Ora em cheio, ora em vazio
 Vais essa bola rolando.

Se com pouco te contentas
 Do pouco fazes embofia;
 Pois, em tendo quatro *quartos*
 Ficas repleta de basofia.

Ao escrivão cheio e farto
 De roubos feitos ao tolo,
 Te comparo ao ver-te cheia
 Da roubada luz de Apollo.

.....

Faltam-te os *quartos*? tens *pontas* ;
 Como algum marido estás,
 Que tambem, se os quartos faltam
 Em capricornio se faz.

.....

Aquí teem o genero dilecto do versista portuense. Indaguei, quanto pude, o destino d'este sujeito, a linhagem, a descendencia, a figura que elle faria n'aquelle burgo portuense de 1600 a metamorphosear rythimicamente maridos em capricornios. Baldou-se o esforço de quem todo pulso invida na escavação de glorias do Porto.

Nicoláo Antonio, na *Bibliotheca nova*, escreve :

Francesius de Franza, lusitanus, portuenses, scripsisse dicitur: Rimas varias.

Jorge Cardoso diz o mesmo, e' mais nada.

Barbosa, na *Bibliot. Lusit.* chama-lhe *o mais suave cysne do Parnaso.*

O padre Antonio dos Reis no *Enthusiasmus poeticus* encarece em versos latinos de pandas bochechas a fabula do *Penhasco das lagrimas* que França dedicou a D. Anna Sande, *menina de la Reina nuestra señora.* (1)

D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das lettras*, escreve o seguinte :

(1) *Invia blandisono resonat modulamine Montis
 Culmina França, teves calamos instante Thalia
 Quæ caput intextâ Peneide virgine cingit
 Læta sui vatis,*

«*Author*. Não sei se vem a boa hora e occasião Francisco da Costa e França e Antonio Lopes da Veiga a se curar com suas poesias.

«*Bocalino*. Quanto ao primeiro d'esses, deve de ser poeta ethico, segundo a magreza d'esse seu livrinho.

«*Quevedo*. Pois crêde que assim nos ossos como está, apoucado de sonetos e empobrecido de romances, foi um dos mais polidos engenhos do nosso tempo.» (1)

Este dizer *foi* parece indicar que Francisco de França tinha morrido ao tempo que D. Francisco Manoel compunha o *Hospital das lettras*. Posto que o livro foi publicado cincoenta e quatro annos depois da morte do auctor, lá estava o anno de 1657 datando o manuscrito.

N'esse anno, pois, se prevalece a conjectura fundamentada, n'aquelle preterito *foi*, devia já ter fallecido o poeta portuense. Para nos certificarmos de que elle é já morto, não folheemos mais livros.

O meu amigo Innocencio Francisco da Silva, desca- roado com portuguezes que escreveram em castelhano, apenas diz que existem versos do França appensos aos de Andrade.

Meu rico e deslebrado poeta, vem cá. Aquece ao sol d'este seculo a tua cabeça, levanta-a d'essa algidez e escuridade de duzentos annos de sepultura e esqueci- mento. Vem, e sabe que já Thomaz Ribeiro, o poeta de D. Jaime, te recitou, e Antonio Feliciano de Castilho, o grande entre os maiores, o mestre dos futuros sacerdo- tes de melhor altar, ouviu teus versos, riu ás gargalha- das, e assim dardejou um raio de luz na tua obscuridade.

(1) Tambem na Carta I da Centuria IV, D. Francisco Ma- noel o louva de «concertadissimo poeta.»

Aviso aos adúlteros

Discreto pois, e ditoso é aquelle que da ruína alheia faz firmeza propria, e os perigos do proximo converte em cautela sua.

P. M. BERNARDES — *N. Flor.*, 3.º

Os generos que mais importamos da Allemanha são bonecas e philosophia. Isto faz cuidar muita gente que na Allemanha é tudo philosophos e bonecas. Não é tanto assim: tambem ha adúlteros lá.

O padre da congregação Manoel Bernardes leu no *Speculum* do padre João Mayor um caso que os ministros do sacramento do matrimonio deviam repetir aos noivos no acto das benções, e os *D'arios de noticias* deviam reproduzir de quinze em quinze dias, antepondo-o aos incorrectos annuncios de amoríos com que a sã moral se agasta e a grammatica soluça.

Era um soldado allemão casado.

De noite, como estivesse no licito aconchego do toro conjugal, começou a gemer.

— Que tens, homem?! perguntou a esposa sobresaltada.

— Doe-me a barriga. Tens enxundia de galinha na porta?

— Não, menino, esfreguei hontem as cruces com o ultimo migalho.

— Então deixa-me levantar que vou pedir um bocado ao compadre.

— Não vás, homem; eu vou lá.

— Deixa-te estar, menina. Póde ser que me faça bem andar!

— Então agazalha-te, e não fiques por lá a dar aos taleigos.

O soldado vestiu-se, foi, andou por lá meia hora, sem dôr de barriga nem curar de enxundias.

Diga-nos Bernardes o que andou fazendo o impostor por fóra: «Commettida a transgressão do direito divino e humano, e violados os thalamos d'elle com sua consorte, e da sua alma com o Espirito santo, voltou logo para casa.»

A mulher estava já inquieta e receiosa de que o marido, piorando do ventre, se ficasse untando em casa do compadre. Já tinha o saioto enfiado pelo pescoço, quando sentiu passos.

— És tu, menino?

— Sou.

— Vens mais alliviado? Que demora foi essa?!

— Mezinhei-me lá, e estou muito alliviado.

O dialogo correu em quanto elle subja a escada. Assomou ao limiar da alcova, cheia de brilhante luar.

N'isto, a mulher expede um grito estridente, e entra a fugir de um canto para outro, trejeitando esgares de horrorisada, com os olhos cravados no marido.

— Que tens, mulher?! exclamava o adúltero, querendo tomal-a nos braços, que a esposa repellia com recrescente pavor.

Aos gritos e estrondo dos saltos que ella dava, accudiu a familia numerosa.

Entram de tropel no quarto, encaram no homem, e irrompem mais de dez pessoas n'um alto clamor, aconchegando-se uns dos outros, transidos de espanto e medo; até que, cobrados do primeiro stupor, se poderam escapulir, e mais a esposa, a grandes brados.

Que fôra aquillo?

Foi que o adúltero, em castigo de seu peccado, transfigurara-se em bicho. Que bicho? Nem jacaré, nem hippopótamo, nem basilisco, nem animal conhecido desde o orangotango até ao philosopho. Diz o padre Manoel Bernardes que era um monstro infernal.

O homem, como se visse sósinho, entrou a malucar, caíu em si, e disse com os seus botões: «Querem ver que o demonio me poz algum enorme nariz que põe medo a esta gente?»

Apalpava o nariz, e achava um nariz de passaporte, nariz regular, um dos muitos narizes que acabaram com os passaportes, por que tudo que era regular se vae acabando.

— Então que é que eu tenho?! perguntava elle, apalpando-se desde as orelhas até ao queixo inferior, desde a ultima vertebra lombar, suspeitando alguma excrecencia retorcida, até aos pés, receioso de se ter diabolicamente transferido á familia dos bodes.

E como se visse limpo e escoreito, entendeu que todo aquelle berreiro da mulher e da familia era negocio pactuado. N'estas desconfianças, um raio de luz de cima lhe sorpresou o animo, eivado da philosophia da sua

terra. O homem finalmente convence-se de que está medonho, seja lá como fôr. Já lhe quer parecer que o nariz se lhe rebitou, que as orelhas ganharam uma certa lanugem e feitio, que em verdade o não priva de ser ministro de estado ou-bispo, mas também o não dispensa de ser burro, com o devido respeito de quem o ouve.

Isto incommoda-o seriamente. Acocora-se a um canto da alcova, apalpando os pés, já imaginando que as cascarias se engrossam, já cuidando que uma felpuda calva se lhe enrosca ás pernas. E assim passa o restante da noite a chorar os seus peccados.

Ao abrir da manhã, sae de casa em direitura a um convento, no propósito de reconciliar-se e haver das mãos reparadoras de algum frade a sua cara primitiva.

Topa um rebanho de ovelhas que olham contra elle e despedem á desgarrada por aquelles montes a berrar; mais adiante mugem as vacas e desfecham de cauda revolta, e couces a pés juntos pelos almargeaes fóra, que não havia horror para maior encarecimento.

— Isto agora é de mais! disse elle entre si. O diabo pregou-m'a d'aquella casta! Ora deixa estar, cão tinho-so, que eu assim que encontrar pia d'agua benta faço-te o que d'aqui a tres seculos o poeta portuguez Garrett hade contar que te fez um gallego!

Entrementes, chegou á portaria do convento.

A' porta da igreja estava um frade rezando no seu breviario. Repara no homem que chega, levanta-se de golpe, benze-se, quebra as cangalhas, põe as costas aos alizares da portaria e dá com ella na figura hedionda do consternado penitente.

— *Tu, quoque Brute!* — exclama o adultero que sabia isto do seu Suetonio. — Também tu, frade!

E, amargurado até aos tutanos dos ossos, o monstro

bateu com o indescrivível nariz na porta, e levantou uma choradeira tamanha, confessando suas culpas, que o frade condoido, encapellando a cara para não ver o penitente bicho, saiu ao adro, escutou-o, penitenciou-o e absolveu-o. E logo (clama o meu Bernardes) — ó maravilhosa virtude da divina graça — foi restituído á sua natural fórma.

Vêde-vos n'este espelho, meus amigos. Quando vos doer a barriga, não vades fóra em cata de enxundia.

Que Deus se amerceie d'este paiz na hora tremenda em que a sua justiça decretar que os adulteros se transfigurem em bichos. A nossa terra seria um museu vivo de zoologia infernal; e o costume de nos vermos assim monstruosos, a final, faria que nos rissemos uns dos outros, e andassemos por esses montes e valles a espantar cabras e vacas.

XIV

Outro aviso

Hic se præcipitem tecto dedit.

HORACIO — *Saty.* 1.^a, lib. 1.^o, V. 41.

... Estas cosas solo pido a quien las leyere las lea de suerte qui el credito que les diere les sea provechoso para no experimentar ni ver estes lugares.

QUEVEDO — *Las zamburdas de Pluton.*

1

Um dos interlocutores, figurados por Manoel Gomes de Lima Bezerra nos *Estrangeiros no Lima*, falla d'esta fórma, respeito a estudiosos de genealogias: «Não posso soffrer que haja no mundo homens tão desgraçados que se martyrisem com o estudo da arida e fastidiosa genealogia.»

De mim, lavado nas lagrimas do martyrio, digo que sou um d'aquelles desgraçados! Ao principio, lia manuscriptos genealogicos para adormecêr; depois, entreime do goso de saber das vidas alheias; finalmente, paguei cara a curiosidade, convertida em paixão viciosa; e agora, sou chegado ao periodo de martyr. Ando a pe-

dir a toda a gente, que teve avós, o favor de me deixarem saber a vida d'elles, se a escreveram.

O peor é que dos nossos avós, raro foi o que escreveu de si, por que, tirante os nossos avós frades, nenhum sabia escrever; e por cada um que perpetuava sua memoria, graças ao milagre da escripta, outros morriam estupidos e inteiros aos milhares, contra o *non omnis moriar* do lyrico romano.

Conheco muita gente que saíu d'este mundo ha oito seculos, ha seis, ha tres, ha seculo e meio. Converso com ellas e com elles nos recamaras, na lareira, nas batalhas, nos mares, em toda a parte, com os raros escapados do inferno, onde desceram pela escada traiçoeira que tinham apumado ao céu.

E' um pasmar-se a piedade das almas que se perderam nas edades d'ouro, das epopeas christãs, da espada apostolica em pulsos rijos que ladrilhavam de ossadas de infieis a estrada do reino da gloria! E virtudes civicas? e patriotismo? que lances! que milagres de intrepidez! E hei-de eu cuidar que D. Nuno Alvares Pereira, o donato cãrmelitano, vestido de grisé, depois que tinha dado aos ricos uma grande parte do Portugal que sua era, repartindo de sua tença pelos indigentes,

sua sôpa

Mai-la sua rôpa

Mai-lo seu dinheiro.

como lh'o contavam os pobrinhos á porta do seu convento — hei de eu cuidar que D. Nuno Alvares esteja ariscado a não entrar no céu primeiro que os seus netos D. Manoel e D. João I.I!

Estas minhas incertezas geraram-se n'um abscesso d e

philosophia que se me formou nos miolos desde que, de par com as chronicas dos grandes varões, vim lendo e cotejando as genealogias d'elles escriptas e não impressas. E mesmamente as chronicas e epopeas d'elles, ás vezes, fomentam a duvida sobre o destino das almas de seus heroes. Aqui tenho um caso á mão: Quem mais que Francisco Rodrigues Lobo cantou para o alto e para o eterno louvar das gerações o condestavel? Na 2.^a est., do cap. 1.^o vos diz:

De Dom Nunalvres canto, o valeroso
Claro libertador da patria terra,
Que immortal fez seu nome e glorioso
Em armas, em justiça, em paz e em guerra,
E com triumpho mais alto e mais famoso
De todos os que o mundo breve encerra,
Em batalha a si proprio se venceo,
Conquistando depois da terra o ceo.

Avisadamente andou o poeta invocando auxilios celestiaes para dizer de tão estremada personagem. Não se contenta com o favor dos anjos ou dos santos: impetra a graça da virgem Maria; e, na est. VII, allega a justiça de seus rogos, lembrando á rainha do céu quem haja sido D. Nuno:

Este é o capitão que só triumphava
Dos armados contrarios que vencia
Quando ante vossas aras pendurava
Os famosos tropheus que adquiria:
Este o que os altos templos fabricava
Todos ao nome santo de MARIA.

Vae a gente percorrendo pelo poema além; e ora espantado das façanhas, ora edificado das virtudes, chega

ao canto XVIII. E, quando crêmos que não póde haver para a nossa admiração mais proesas de braço ou de virtude, tópa com o argumento do canto que reza d'este theor: «Entra Dom Nunalyres Pereira por Castella: «*queima e rouba* os arrabaldes de Carceres e os gados. «e presos de toda a comarca; *saqueia* Arroio del Puerco e volta com grande preza a Portugal. . . Volta-se o «condestabre *roubando* termos e logares por onde passa, etc.»

Aqui temos o heroe, no curto espaço de treze paginas em quarto, saqueando uma vez, *queimando* outra vez povoados, gados e presos, e *roubando* duas vezes os logares por onde passa. A' primeira vista, parece que seria indiscrição convidar a virgem Maria para inspirar versos dignos do assumpto; sendo que os actos de roubar e incendiar nem eram singulares nem demandavam grande furia sonora. Salvo, se o adjutorio se fazia necessario para que os versos saíssem assim escalavradados:

Entraram o arrabalde no outro dia,
Sem valer aos de dentro resistencia;
Roubaram tudo quanto n'elle havia;
Traz isto lhe poem fogo com violencia;
Em labareda grande a terra ardia,
Que com isto pagou sua imprudencia

.....

E acrescenta :

Não lhes davã ao caminho mais licença
A copia do grão roubo com que vinham,

Ora ahi está como dos ruges-ruges se fazem os cas-

caveis — releve-se-me o plebeísmo em tão sublimado aranzel. A gente, que não rouba nem incendeia, e mesmo assim se teme de ir ao inferno, péga a duvidar que o santo condestavel seja realmente santo. Estas suspeitas não podem defraudar a bemaventurança do justo, é verdade; mas desmoralisam, para assim dizer; e já eu admiro que os causidicos de salteadores, nos tribunaes modernos, não tenham subornado o animo dos jurados com exemplos d'aquelle porte, pedindo não já uma epopea para os seus clientes, mas a absolvição e indulgencia, afim de não offender a memoria dos que fizeram, com as mesmas bulas, farta grangearia de gloria, de poemas e—o que mais é—renome de santos!

11

Voltando ao estudo da genealogia, as minhas cancelas nem sempre tem sido despremiadas. Alguma coisa se lucra, dado que precioso tempo se perca. Historias de amores poderia eu lêl-as mais enfeitadas nas novelas; catastrophes desastrosas, não nas ha tão de serapan-tar o animo como na tragedia; passagens de rir, o melhor é catal-as na comedia, no entremez e nos discursos do palacio de crystal do Porto; historias de roubos, saques e incendios entretem muito mais no *Bug-Jargal* que no *Condestabre* do Lobo. A verdade, porém, a verdade, essa onde está sã e pura — e tal que muitos se empenham em escondel-a — é nas genealogias inéditas, sonegados repositórios dos segredos das familias.

Um grosso manuscrito me veio á mão, com esta fachada: HISTORIA CHRONOLOGICA E GENEALOGICA DA

CAZA DA LEBRE, SUA FUNDAÇÃO, E ADMINISTRAÇÃO PELO SENHOR DOMINGOS DE FREITAS GUIMARAENS — 1680. Li 267 paginas de folha, e suspendi a leitura para contar ao leitor uma historia que lá vem, deixando no secreto outras que implicariam desdouro aos representantes d'aquelles apellidos.

III

Gregorio de Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do santo officio, e moedeiro dos de numero da casa da moeda do Porto, morava n'esta cidade, em 1760, na sua casa da rua das Flores, e mais sua esposa D. Marcellina Antonia Luiza Barreto Cocilho.

Que sumiço levou esta familia de *Cocilhos*, que então eram apellidos de primeira plana? D. Marcellina representava os senhores da antiquissima capella da cabeça santa, sita na egreja de Santo Eloy; a qual se denominava capella de S. Gonçalo, ao tempo que a esposa de Gregorio de Oliveira a possuia como administradora. A meu ver, será tão difficil achar hoje os Cocilhos como a capella da cabeça santa, como a egreja de Santo Eloy. Foi-se tudo.

E', porém, de saber que D. Marcellina descendia de Lourenço Marques, o descobridor da ilha de Madagascar, chamada hoje de S. Lourenço. Nas suas casas da rua das Flores campeava ainda o brazão que el-rei D. Manoel dera ao illustre descobridor: um escudo partido em duas faixas; na primeira uma aguia vermelha em campo de oiro, na segunda um castello de oiro em cam-

po de prata. O quarto avô d'esta senhora, Gonçalo Rodrigues Marques, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do santo officio e capitão de ordenanças tinha ido como procurador dos portuenses ás côrtes de 1680: honra, de que a neta se não desvanecia menos da que lhe dava a bahia de Lourenço Marques.

Tinha ella de seu marido em 1760 dois filhos ambos professos na ordem de Christo, José de Oliveira Barreto e Antonio de Oliveira Barreto; e uma filha de nome Anna Luiza Barreto.

N'aquelle anno, celebrou-se o casamento d'esta menina com Luiz Antonio de Freitas, cavalleiro professo, morador no bairro da Bandeirinha, extramuros da cidade, em suas casas contiguas ao mosteiro de Monchique. A noiva foi dotada com dez mil cruzados em dinheiro, uma morada de casas na rua da Biquinha, as quaes serviam de estalagem, e outra na rua das Aldas, avaliadas ambas em doze mil cruzados, de fóra parte o casal de Campanhã. Um grandissimo dote em summa. O noivo foi dotado por sua mãe, a morgada da Lebre, com duas quintas no Douro, armazens em Gaya, casas na rua do Bello-monte, e miudezas que vinham a sommar um dote igual ao da noiva.

A mãe do esposado pediu de emprestimo seis mil cruzados para festejar o casamento de seu filho, nas suas casas de Monchique. «Assistiram, diz a *Historia genealogica*, mais de setenta pessoas das principaes da cidade a um magnifico jantar, ceia e baile. Nada esqueceu por fazer este festim brilhante e raro. Foi n'esta occasião que a senhora D. Francisca Joanna de Freitas excedeu aquella mesma grandeza e sumptuosidade que lhe era natural, e, com toda a justiça, lhe tinha adquirido o nome da mulher mais generosa do seu tempo.» E' de crêr

que o haja sido, em vista da prenda com que ella brindou a nora: um peito de diamantes! E ao mesmo tempo a menina recebia da mão do noivo um ramo de flores com cinco flores de brilhantes, e quatro flores de pedrarias atadas com uma fita de brilhantes, e uma joia para o peito, a qual se desfazia em doze flores para a cabeça, de preço de um conto duzentos e setenta e quatro mil réis.

Quanto a Gregorio de Oliveira e sua senhora, devemos suppôr que eram sovinas, não tanto por que deram ao noivo um annel que valeria umas escassas citema moedas; mas muito principalmente por que D. Marcelina censurou agrementemente as despezas que D. Francisca prodigalisára nas bodas, e revelou a sua zanga aê ao excesso de não concorrer ás festas. Diz o manuscrito: «Esta celebre funcção e sua desmedida grandeza não foi gostada do senhor Gregorio de Oliveira e de sua mulher que murmuraram; cujos discursos picantes, chegando ao conhecimento da senhora D. Francisca, foram o primeiro motivo do seu desgosto, o que diariamente se augmentou, e lhe fez amargosos os poucos dias que durou.» O certo é que o casamento foi em 18 de maio de 1760, e D. Francisca, na idade de trinta e tres annos, baixou á sepultura aos 16 de novembro do mesmo anno, devorada de continua febre.

IV

Luiz Antonio de Freitas adorava sua mãe e odiava os paes e parentes de sua mulher exceptuado seu cunhado Antonio Barreto. Por submissão de bom-filho casára

constrangido, quer amasse outra, quer lhe não quadrassem as qualidades d'alma ou as graças corporaes de D. Anna Barreto. Como quer que fosse, fallecida a mãe, Luiz Antonio mostrou á esposa o desaffecto que andara atabafado em respeito da consternada e arrependida senhora.

Sem embargo do desamor, em março de 1762 D. Anna deu á luz uma menina, que se chamou tambem Anna Lucinda, a qual foi baptisada pelos condes de Penna Guião, na igreja de S. Pedro de Myragaia. Reserve-se aquella recém-nascida para uma historia n'outro livro, que a tem curiosa.

Luiz Antonio, insensivel ás caricias da menina, procurou pretexto para se afastar da esposa. Até então o contivera seu cunhado Antonio, moço de sua criação, adverso ao procedimento da mãe com o amigo, á qual o rapaz se mostrava tão amavel que não seria absurdo nem desaire d'elle suspeitar-se que apaixonadamente lhe queria. Barreto passava o mais do tempo na casa de Monchique, não tanto por affeioado á irmã como ao cunhado, e muito apezar de Gregorio de Oliveira.

Vencido emfim da inquebrantavel força que o impellia, Luiz Antonio agarrou a occasião pelos cabellos. Declarou-se n'aquelle anno guerra entre Portugal e Castella. O abastado fidalgo offereceu a el-rei D. José levantar e armar á sua custa uma companhia de cavallos, e servir com ella na patente de capitão. Mez e meio depois, Luiz Antonio de Freitas aprestou quarenta e dois cavallos montados por trinta e quatro soldados, quatro cabos de esquadra, um furriel, um alferes e um tenente, que era seu cunhado Antonio.

Do Porto saíu para o quartel general de Thomar, e d'aqui para Bragança. Entrou em batalha junto do Fun-

dão; e com quanto retirasse assoberbado por forças maiores, levou consigo um official francez prisioneiro, agarrado por um de seus soldados, chamado Verissimo, a quem galardoaram com a espada do prisioneiro. N'esta refrega lhe mataram cinco homens e dezeseite cavallos.

Em seguida adoeceu de febres terçãs, das quaes se derivou gravissima doença incognita aos medicos portuenses, que se ajuntaram na casa do fidalgo já restituído á saudade de sua mulher. Quando toda a esperança de salvá-o estava exaurida, appareceu um prodigioso medico, chamado João Hingston, escossez de nação, que o salvou.

Apenas convalescido, Luiz de Freitas saíu para Lisboa, d'onde voltou para Traz-os-montes como ajudante de ordens e secretario particular do general Duarte Smith.

Este general encarregou-o de ir disfarçadamente espiar em Castella o estado das tropas e praças fronteiras. Luiz de Freitas, delatado por desertores portuguezes em Ciudad Rodrigo, fugiu a quarenta cavallos que lhe vinham na pista.

N'este ensejo o foi visitar a Chaves D. Anna Luiza. Saíu a esperá-la toda a guarnição, e salvou o castello com tres salvas de vinte e um tiros.

Presumo que esta senhora curtiu amarguras grandes em Chaves, bem que a *Historia Genealogica* se não declare.

Passados alguns mezes saíram para o Porto os esposos; e tão depressa chegaram, logo o marido se transferiu a Lisboa.

D. Anna deu á luz outra menina em outubro de 1767, e morreu em dezembro, com vinte e um annos de idade.

Diz o manuscripto que «era de estatura alta, côr mo-

rena, grosseira de feições e muito picada das bexigas. Tinha genio credulo, melancolico e secco, e desagradaveis maneiras; mas estes defeitos se achavam recompensados por uns lindos olhos, bom cabello, e corpo gentilissimo e airoso; era modesta, e n'esta virtude ninguem a excedeu; fidelissima a seu marido que ella amava e zelava no ultimo excesso; tinha alma nobre, coração virtuoso e espirito honrado.»

Pobre senhora! com tantas virtudes devia morrer.

V.

Antonio de Oliveira Barreto, inseparavel do cunhado, residia em Lisboa, gastando o avultado patrimonio que liquidara por fallecimento de seu pae Gregorio de Oliveira. Era um galhardo moço, alto, trigueiro, rosto comprido, olhos coruscantes, e com a graça e fatal magia de ser amado. Frequentava a miudo a côrte onde tinha muitas primas, moças da camara da rainha, apellidadas Locios e Seixas Lacerdas.

Luiz de Freitas sabia que seu cunhado, captivo de uns amores inconvenientes e illicitos, gastaria em Lisboa todos os seus haveres, Instou no afastal-o, os perigos e pobreza que o ameaçavam. Antonio de Oliveira renunciou ao amigo, cujos conselhos o importunavam.

D. Marcellina adorava este filho, e toda a sua alma encheu de ternura d'elle, quando maltratada pelo outro, homem de pessimos costumes, foi compellida a fugir para uma quinta com suas netas, filhas de Luiz de Freitas.

Aventurou-se a extremosa mãe a procural-o na capi-

tal, pediu, supplicou que saísse d'aquella infernal perdição de Lisboa. O moço, que não amava sua mãe nem se considerava infernalmente perdido, deixou-se ficar.

A mulher, que o maneatára com as tranças loiras da sua formosa cabeça, era casada com o desembargador do paço, José Fernandes Nunes. Ha nomes que resumem e encerram a mais comprida historia de uma minotaurisação. José Fernandes Nunes! que fatidico destino tem os nomes! mas tambem que más entranhas fermentam e apodrecem em peito de Fernandes Nunes!

Aquelles amorios tinham começado nos corredores do paço, onde D. Margarida Loureiro era moça da real camara, e solteira ainda. Nunes, amigo e escravo do marquez de Pombal, requestava, já avelhentado, a peregrina moça, que o despresava. Soccorreu-se o desembargador do marquez. Margarida obsediada pela princeza D. Maria e por sua mesma parentela, casou, deixou-se algemar áquelle Fernandes Nunes, promettendo a si e á sã moral tacitamente vingar-se.

Com quanto resguardo se podia, continuaram mui secretas intelligencias entre Margarida e Antonio Barreto, as quaes duraram não sei em qual gráo de castidade, desde 1770 até 1777.

Em 24 de fevereiro d'aquella segunda data morrera D. José I.

O desembargador José Fernandes Nunes pernoitava no paço, obrigado de sua posição official, desde o dia da morte do rei; e Antonio Barreto pernoitava em casa do desembargador José Fernandes, fazendo votos pela successiva extincção de toda a familia real, em quanto as praxes obrigassem os desembargadores a pernoitar no paço.

Margarida não tinha sombra de receio a inquietal-a. Da confiança do marido estava segurissima, e Antonio Barreto esse então entrára ao quarto d'ella, na noite de 30 de fevereiro, com destimidez só equal á do desembargador no seu proprio quarto.

E' o demonio, não é Deus que enlouquece aquelles que quer perder.

Caíam as duas horas da noite, quando Margarida correu á porta da sua ante-camara e ajustou o ouvido ao reposteiro.

— Oiço passos! diz ella tremente.

— Serão as criadas... observou Antonio Barreto.

— Ouves? tornou ella, ouves meu marido a tossir? E' elle!... Estamos perdidos... foge!

— Para onde?

— Para onde?... Não sei... Para o telhado... e já, já, que elle já sobe as escadas do terceiro andar.

E Fernandes Nunes subia esbofado e asmathico.

Bateu á porta da ante-camara com força, e ouviu correr uma vidraça.

Margarida, fingindo-se estrouvinhada do somno inteçrompido, abriu a porta, e viu o esposo com duas pistolas aperradas; e ao mesmo tempo cuidou ouvir um ai cavernoso seguido ao baque de um corpo e ao quebrar das telhas.

Ouvira bem. Antonio Barreto escorregára do telhado humido da chuva, na altura de tres sobrados ás lages da rua.

O desembargador, relançando a vista aos cantos da alcôva, descobriu uma espada. Sorriu-se e murmurou:

— O rei da Suecia mandava a bota; cá este rei dos mariolas cuidou que lhe bastava deixar a espada...

E voltando-se á perfida, disse:

— A'manhã, convento, mulherinha. Arrange a bagagem... Em vez de convento, devia ir para uma ilha; mas... quero respeitar o meu nome e os apellidos de seus avós.

Margarida tiritava, e fitava o ouvido: cuidava estar ouvindo gemidos e rumor de vozes.

Assim que o marido saíu da camara, abriu ella subtilmente a janella. Escutou. Vinha de longe a toada de passos e vozes.

Debruçou-se no peitoril, chamando Antonio a meia voz. N'isto, abre-se a porta do quarto, surge-lhe Nunes debaixo do reposteiro, expede uma gargalhada bruta e regouga :

— las dar-lhe a espada? Dá-lh'a, e que entre!

E, atizado por impeto de raiva, cresceu para ella com as pistolas engatilhadas, vociferando :

— Faz o acto de contricção!

— Mate-me, mate-me! exclamou Margarida.

— Queres, infame?

— Quero, algoz, quero! Mate me que eu perdoe-lhe a morte!

— Muito obrigado... disse o sarcástico selvagem. Pois não te mato! Has de morrer hora a hora n'uma rigorosa prisão!

— Pois mato-me eu! bradou ella, atirando-se ao peitoril da janella.

O desembargador repuchou-a pelas tranças, e bramiu :

— E' cá para dentro!

E levou-a de rojo até uma sala, chamando criadas a quem a entregou com responsabilidade.

VI

Isto é que é marido com dignidade e figados!

Pois ainda os houve de maiores brios. A joia de maridos, a nata, a quinta essencia de maridos pundonorosos achei-a tambem n'um livro de genealogias. Vem nas *Linhagens* do conde D. Pedro. Chamava-se elle D. Rodrigo Gonçalves de Pereira, que por tal signal morreu aqui meu visinho ha mais de seiscentos annos, na quinta de Pereira de Esmeriz. Hade ser o conde D. Pedro quem narre o caso:

«Este dom Rodrigo Gomçallves foy cazado com dona Enez Sanchez. Ella estando no castello de Lanhoso fez maldade em huum frade de Boyro, e dom Rodrigo Gomçallves foy desto certo e chegou hi e çercou as portas do castello e queimou ella e o frade e homeens e mulheres e bestas e cães e gatos e galinhas e todas cousas vivas, e queimou a camara e panos de vistir e camas e nom leixou cousa mouill. E alguns lhe preguntarom por que queimara os homeens e mulheres, e el rrespondeu que aquella maldade avia XVII dias que sse fazia e que nom podia seer que tanto durasse que elles nom emtendessem alguuma cousa em que posessem suspeita, a quall sospeita elles deverom descobrir.» (1)

Isto sim! Horrendissima façanha que se resgata com

(1) Trasladei da magnifica edição da Academia real das sciencias dirigida pelo senhor Alexandre Herculano, e publicada entre outros escriptos infeixados com o titulo *Monumenta historica*.

a magestade do espectáculo! O castello de Lanhoso a vomitar lavas, coroadado de fumarada negra. O frade a correr de sobrado para sobrado com o lume já no habito venerabundo! Os gatos assanhados a saltarem e a miarem de encontro aos cães. As bestas raivejando a couces com as ferraduras em braza. As gallinhas esvoaçadas a cacarejarem. Os homens e mulheres á pilha do frade, pedindo o milagre da extincção do fogo; o frade bebendo a impiedade no fumo e vociferando blasfemias. E, á primeira luz do quadro, D. Ignez Sanches, a castellã, estendendo os braços eburneos ao céu como para suster o ruir do travejamento esbraseado. Sublime inferno peiorado com as exultações satanicas do marido cá fora!

Ora, em comparação de Rodrigo Gonçalves Pereira, avô do fundador da casa de Bragança, o desembargador Nunes foi um marido quasi ridiculo.

VII

Antonio de Oliveira Barreto foi transportado a casa por dois alabardeiros da ronda. Levava ambas as pernas quebradas e um braço tambem. Não disse d'onde caíra, e comprou aos soldados o silencio sobre terem-no encontrado.

Ao outro dia, mandou chamar Luiz de Freitas, que demorava em Lisboa. Contou-lhe o successo, pediu os sacramentos, porque sentia a morte, e ditou um breve adeus a Margarida.

Luiz de Freitas, levou-lhe frades para a alma; e em seguida os cirurgiões mais entendidos em soldar fractu-

ras. Não havia cural-o. Estava entranhadamente espedaçado. Tres dias se debateu em excruciant'issimas dôres. Ao quarto, expirou nos braços do cunhado, pedindo segredo inviolavel ao amigo e recommendando-lhe que fizesse constar a saída d'elle para França.

«Seu corpo foi sepultado no mesmo dia em que falleceu» diz a *Historia* e acrescenta: «Assim acabou seus dias o senhor Antonio de Oliveira Barreto, professo na ordem de Christo, na primeira flor da sua idade. Este cavalheiro tinha muita bondade, e excellentes qualidades...»

Pelo que respeita á excellencia das qualidades, o desembargador não concordava com o Plutarco de Antonio Barreto, nem provavelmente o leitor catholico.

Margarida quatro dias depois da catastrophe, entrou no convento á hora em que o seu cumplice entrava na sepultura. Os desmaios consecutivos impediram-na de ir mais cedo. Ignoral-o-ia ella? Chegou a receber o adeus do moribundo? O manuscripto não o diz nem eu o inventarei.

Está, porém, certificado que a inclausurada no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição e Carmo, a Rilha-folles, debalde rogou á rainha, cuja moça de camara fôra, a transferencia para menos rigoroso carcere. A fanatica D. Maria I poderia reprehender-se de ter ordenado o casamento da bella fidalga com o repulsivo desembargador; mas, ainda assim, não iria despenar a adultera das agonias, que a Providencia abreviou com a morte, dentro em poucos annos.

José Fernandes Nunes, por intermedio da intendencia, informou-se indirectamente do destino de Antonio Barreto, e soube a hora pontual em que morreu. Callou-se como lhe convinha, e ria-se por dentro quando

ouvia dizer no paço, que o fidalgo portuense fôra para França dar cabo dos ultimos cruzados da legitima paterna.

VIII

D. Marcellina, mãe de Antonio Barreto, levára para si as duas netas, filhas de D. Anna. Luiz de Freitas, inimigo da sogra a quem, segundo dissemos, elle attribua a morte de sua mãe, tirou-lhe as meninas e confiou-as da vigilancia e virtudes do seu capellão residente na quinta da Lebre. Marcellina, resentida e rancorosa, bandeou-se com os inimigos de seu genro, e promoveu perante o regedor das justiças do Porto uma prova de perdulario e dissipador contra o genro, dando como em risco a honra da sua neta Anna Lucinda, menina de doze annos, em companhia do capellão desmoralizado.

Conjunctamente, a viuva de Gregorio de Oliveira planejou casar o filho Antonio Barreto com a sobrinha arriscada em companhia do capellão, induzindo a isso o moço com muitas considerações attendiveis, começando na riqueza e formosura de Anna Lucinda e rematando com os minguados bens da fortuna que restavam ao filho.

A carta de Marcellina a Barreto, foi dar á mão de pessoa que devia remetter-lh'a para França, onde a mãe e todos o imaginavam, exceptuados Luiz de Freitas e Fernandes Nunes. A pessoa, encarregada de transmittir a carta, levou-a a Luiz de Freitas para que a remettesse.

Já o pae de Anna Lucinda sabia que sua sogra re-

querêra ao regedor das justiças, e o regedor mandára informar o chanceller do proceder e moral de Luiz de Freitas. Suspeitoso por isso de que em tão volumosa artac viessem especies que o esclarecessem sobre os projectos de sua sogra, abriu-a e leu o convite para o casamento com a neta, convidando o filho a desfazer-se do funesto amigo, que lhe dera exemplos de prodigalidade e o contaminára de seus vicios.

Deu-se pressa Luiz de Freitas em accudir ao Porto a destramar as traças da sogra. A urdidura era já tal e tão habilmente intrigada, que Luiz de Freitas, conhecendo-se fraco para a lucta, curou de buscar entre os sujeitos mais grados da justiça do Porto, marido para sua filha de doze annos.

O indigitado foi o desembargador João Mendes da Costa e Freitas, cujo trigesimo segundo avô tinha sido D. João Affonso Pimentel, senhor de Bragança e conde de Benavente.

D'este casamento, diremos n'outro livro.

Contrariada pelas justiças do Porto, D. Marcellina Barreto Cocilho deliberou ir a Lisboa queixar-se aos secretarios de estado e propriamente á rainha.

Foi e de primeiro consultou as suas parentas do paço, que a enviaram com cartas ao desembargador José Fernandes Nunes que valia muito com José de Seabra, desde que se prestára a jurar contra o desterrado marquez de Pombal, seu antigo protector e casamenteiro.

José Fernandes leu as cartas e dos apellidos da apresentada inferiu que uma parenta de Antonio Barreto lhe vinha implorar seu valimento.

Perguntou-lhe de má sombra o que pretendia. D. Marcellina expoz diffusamente as razões que tinha contra o genro. Ditas poucas palavras, de sobra sabia o desem-

bargador com quem fallava. Proseguiu a fidalga contando os seus intentos, e chegou ao ponto de mostrar a vantagem de um casamento entre sua neta e seu filho Antonio de Oliveira Barreto.

O desembargador fez-se amarello, proferido aquelle nome. Guinou d'uma cadeira para outra ; assoprou vaporadas do incendio que lhe ia lá na caverna do peito, levantou-se e exclamou :

— Onde está seu filho ?

— Está em França.

— Está no inferno ! ululou o magistrado.

— No inferno? accudiu espavorizada a velha. Benza-me Deus ! Pois meu filho . . .

— Está no inferno, já lhe disse ! Seu filho era um infame !

— Santo nome !

— Não me interrompa, senhora ! Seu filho prostituiu uma mulher casada, e despedaçou o peito do marido que amava a esposa do seu coração ! Seu filho, aquelle villão, ao fugir da casa que deshonorou, caíu de um telhado á rua e morreu !

— Ah ! exclamou D. Marcellina levantando-se, com as mãos afincadas na cabeça.

— Morreu ! volveu o irado ministro, batendo o soalho com ambos os pés a um tempo. Morreu ao fim de tres dias de dôres horrendas, e d'estas passou ás dôres eternas do inferno ! Que quer de mim agora ? proseguiu elle escabujando vertiginosamente com os braços. Que quer ? deixe-me ! deixe-me ! A mãe, que deu tal monstro ao mundo, deve metter-se n'um covil de feras, e não andar a lembrar á gente que teve tal filho !

Marcellina tinha desmaiado. O desembargador cha-

mou dois criados espadaúdos que pegaram da senhora e a transportaram á liteira.

A mãe de Antonio Barreto, quando, passados nove dias, se apeou á porta da sua casa da rua das Flores, deu nos olhos da familia com extravagantes visagens e meneios, risos e desenvoltura de palavras. O capellão, que a tinha acompanhado, acercou-se da familia, e, limpando as lagrimas, disse :

— Indoudeceu em Lisboa.

— Por quê? exclamaram todos.

— Dizia que lhe mataram o filho; mas depois que insandeceu, está sempre a perguntar quando elle chega de França.

IX

Doida viveu ainda oito annos D. Marcellina. Desamparou-a o filho unico e odiavel que ella tinha. Experimentou as tenazes da fome; faltava-lhe, porém, o entendimento para enxergar a profundidade de sua miseria.

No termo da vida, accendeu-lhe a Providencia por poucas horas, a luz da razão. Então disse que seu filho tinha sido assassinado; pediu perdão ao genro que a não viu agonisar, e morreu amaldiçoando o filho que a deixava morrer n'uma alcôva esmolada por uma bemfeitora, sua antiga criada. A senhora da capella da santa cabeça foi sepultada no carneiro da sua familia na igreja de *santo Eloy*. Luiz de Freitas narrou da-lhe uma

mortalha, por lhe dizerem que a mãe de sua mulher ia ser sepultada no involtorio de um lençol.

Assim acabou a representante de Lourenço Marques, descobridor da ilha de Madagascar, a senhora portuense mais rica do seu tempo.

Um sermão de Santa Maria Magdalena

IGREJA. Venha a primeira iguarria.
GIL VIC. — *Obras de devoção.*

I

O dominicano Diogo Ximenes Arias de Alcantara, hespanhol de nação, estava no convento de S. Domingos, em Lisboa, aos 10 de maio de 1552, dia em que datou a dedicatoria a D. João III de um livro em 8.º, intitulado *Enchiridion. o Manual de doutrina christiana*, impresso em Antuerpia no anno de 1554.

Escrevia e prégava em castelhano galhardamente este frade; e posto que frei Luiz de Sousa, historiador minucioso da ordem dos dominicos, omitta na lista dos prégadores celebrados o frade hespanhol, ahi ficou, digno de vida eterna, um seu sermão de Santa Maria Magdalena, adjunto ao *Manual da doutrina christã*.

Na carta dedicatoria, acha o leitor elegantemente descriptas as virtudes de D. João III, se as não conhece. «Quem ha ahi (escreve frei Diogo) que lhe não saiba da humanidade e mansidão como de homem de povo e

authoridade mais que de rei? Aquelle propiciar a todos e não impecer a ninguem? Aquillo é que é ser principe ás direitas! A clemencia que mais que tudo faz amado os principes! Ouvidos, bolsa e entranhas tão abertas ás miserias alheias! Zelo tão incendiado na honra de Deus e divino culto! Tão soberbos edificios e custosas reparações de templos, mosteiros e sustentação de pessoas a elles dedicadas! Reformação de costumes no secular e ecclesiastico do seu reino! Aquella sua paz tão armada e armas tão pacificas quando não são precisas! Aquella concordia e lealdade de matrimonio! Justiça tão misericordiosa e misericordia tão justiceira! Amor ás lettras e favor aos que as cultivam! Aquelle rastrear a virtude, por mais que se ella esconda no virtuoso, para apremeal-a! O' principe nascido para Deus e homens, e digno de nunca morrer!»

Lido isto, o senhor Alexandre Herculano, em assumptos de historia, perde a confiança da gente. Quem acreditaremos? Alexandre Herculano que nasceu hontem, ou o frade que tratou de viva voz com o rei piedoso? O primeiro aguazil que o auctor da *Historia da inquisição* hade encontrar no vestibulo do tribunal do ultimo juizo, será frei Diogo Ximenes, com o primeiro tomo d'aquella impia obra na mão, aberto a pag. 172, e lerá: «O que é certo é que, ou por distracção ou por incapacidade, nunca pôde (D. João III) aprender os rudimentos das sciencias e nem se quer os da lingua latina... Fosse resultado do curto engenho e da ignorancia, fosse vicio da educação, D. João III era um fanatico.» E, quando isto succeder, com que pesar e lagrimas, nós, os portuguezes pios, veremos ir filado por frei Diogo, de abysmo em abysmo, o poeta do *Eurico* e o sublimado prosador da *Harpa do crente!*

II

A joia litteraria do dominicano é o *Sermon muy devoto, y de provecho de la benditissima Magdalena*. Basta dizer-lhe que frei Jeronimo d'Azambuja um dos mais sabios varões do seculo XVI, cognominado *Oleaster*, examinou o sermão, por ordem do cardeal infante, e disse d'elle maravilhas.

Vamos quinhoar do prazer que deliciou nossos avós no templo de S. Domingos de Lisboa, no de Portalegre, em muitas egrejas portuguezas; que frei Diogo, onde quer que ia, prégava o sermão de Magdalena. Elle o diz na dedicatoria, gabando-se de o ter prégado em muitas partes.

O sermão tem sessenta paginas em 8.º, não faiadas, character meio gothico!

Ahi entra o leitor a assustar-se! — Irá o homem dar-nos a versão da cataplasma concionatoria? — perguntam vossas excellencias.

Não, senhores. Deus me defenda. Vou dar-lhes tão sómente umas passagens tão cheias de graça do céu e flores de linguagem que, se desagradarem, não sei quem possa apimentar-lhes o gosto insensitivo. Isto é um verdadeiro perrechil para paladares botos e saudavel espora de prégadores rameraneiros.

Ahi vae.

Do nascimento e costumes da santa, diz frei Diogo :

«... Foi Maria Magdalena irmã de Lazaro e Martha, filha de bons paes e bom sangue, senhora de rendas e vassallos, pois que era d'ella o povo de Magdalo, d'on

se chamou Magdalena, mulher moça, sem pae nem mãe, bella mulher, e tão valente de corpo e entroncada quanto agora o estão mostrando os ossos de seus braços e cabeça que se mostram em Marselha. Consta que era peccadora na cidade. Porventura, sel-o-hia em Jerusalem ou outra da Galilea. Crê-se que Magdalena era mulher namoradiça, amiga de dar trela a todos, que fazia anatomia de corações, que principiaria por pouco, dando prazer a um ou dois, os quaes o contaram a outros; e assim foi de mão em mão até perder-se e perder a vergonha do mundo, e andar em boccas de toda a cidade; posto que *no fue ramera delas del partido*. (1) Dizem que viveu doze annos n'esta infame vida. O' riquezas, liberdade, nobreza, mocidade, formosura como costumais precipitar!»

Aqui se abre o frade em moralisações tiradas da funesta formosura de Magdalena.

«Quería eu, exclama, que as mulheres que usam espelhos tomassem o conselho que Socrates dava aos seus discipulos: e era que, se se vissem feios, entendessem em recompensar as falhas do corpo com formosuras da alma; e, se bonitos, procurassem que no bello corpo não estivesse alma, que o afeiasse. . . A muitos desvaneceu e perdeu a nobreza da carne: não attentaram em que vale mais uma onça de espirito do que dez quintaes de carne e sangue. . . A honra e fama é nas pessoas o que a casca é na pêra; que sendo coisa tão delgada conserva a fruta em quanto está n'ella; e, tirada, a fruta apodrece em tres horas. . . Quando vestis um fato novo, nos primeiros dias andais muito acautelado, remirando

(1) Os delicados ouvidos da côrte de D. João III.

onde vos sentais, e fugindo de toda a suidade; mas, assim que elle principia a surrar-se, já se vos não dá de assento sujo ou limpo, tanto faz que seja estrebaria, como cozinha. Assim, quando trazeis a consciencia limpa, tudo são cuidados d'ella; eil-a suja, e logo tanto vos fazem oito como oitenta. *Item*, quando garrocham um tôro, doem n'elle muito as primeiras varas; mas, quando o carregam, já não sente nenhuma.

Tornando á biographia da santa, continua:

«Quatro coisas agravam a culpa d'esta peccadora: primeira, por ser culpa vilissima de peccados carnaes, que, posto não sejam da máxima culpa, são da máxima infamia; segunda, por que foi a culpa mui notoria, na cidade, e pelo tanto escandalosa; terceira, por que peccou muitas vezes; quarta, por que tinha sete demonios no corpo, os quaes formavam uma universidade de peccados.»

Depois, vem o frade com a peccadora constricta á porta do pharizeu que hospedava Jesus, e clama:

«Entra por meio de todos, vencido o pejo. Coisa por certo, segundo o mundo, affrontosa esta mulher comete! Mas, como diz o anexim grego: «A quem precisa, a vergonha não serve de nada.»

Aqui, invectiva frei Diogo contra os peccadores que, de envergonhados do mundo, recalcitram na culpa.

«Oh! — bradou elle — quantos a gritaria do mundo afugentou da virtude! que o mundo a gritar é peor de soffrer que o martyrio. Dizem uns: «Fulano é uma mosca morta!» Outros: «Anda a roer santos e não jura senão como frade! etc. Que forte peito se precisa para rebater a grita do mundo!»

Acompanhemos a formosa arrependida:

«Entra de roldão, tremente, espantada, e sem saudar

ninguem. Tinha já perdida aquella desenvoltura que usava de ter entre homens. Não traz presente algum a tão insignes convidados: o Senhor do céu com os senadores da terra. Não cura de saber quem está nem o que ha no banquete, cura só de saber como ha de convishar de Jesus. Nada pergunta, nada lhe perguntam. Porque esta chagada traz unguentos com que sarar a alma; e por que de peccados enormes e publicos já fede mais que seu irmão Lazaro, traz aromas... Christo e os outros comiam, ao modo judaico, recostados sobre certos estrados levantados do pavimento em redor da mesa, aos quaes subiam por degrãos... Assim, pois, estando Christo voltado á mesa, com os pés sobre a escaleira, Magdalena, soltando o dique das lagrimas, lavou-lhe os pés. Doces lhe eram quando corriam, e a Jesus agradaveis pela causa d'onde manavam. Não confessa a culpa senão com lagrimas, e estas são mais que muito eloquentes. Palavras enganam; lagrimas não. O' chuva de prantos! A outra chuva baixa do céu e rejubila a terra; tu vais da terra ao Senhor e alegras o céu! Ha ahi fogo que com agua se apaga; e fogo que mais com agua se inflamma. O' agua de lagrimas que estás matando o fogo infernal, e despertando o do amor! Esforça-te, pois, ó santa mulher que choras! por que o amador das lagrimas, Jesus Christo, prometteu consolar-te!»

No meu entender ha ahi imagens que modernamente enfeitariam os discursos dos mais celebrados oradores sagrados. Não são vulgares nos mais famosos sermões d'aquelle seculo, passagens d'aquella energia e belleza.

Figura frei Diogo Ximenes a peccadora enchugando as lagrimas com cabellos, olhos e labios.

Optimo ensejo para admoestar labios, olhos e cabel-

dos das suas ouvintes: «As mulheres vãs e perdidas principalmente offendem de tres modos, attrahindo a si os perdidos e vãos: com olhos, cabellos e bocca. Com os olhos, guinando (1) e fazendo senhas, e amando luxuriosamente; com os cabellos, enfeitando-os e curando-os para máo fim; com a bocca, beijando e proferindo seus costumados requebros.»

Respeito á postura de Magdalena aos pés de Christo, vem o frade com umas comparações boas para rir:

«Acontece terdes muitas vezes um jubão de terciopêllo, do qual, depois de muito usado, fazeis uns bons sapatos ou chinelas. Assim tem Deus muitos, os quaes, usados com peccados, logo que não podem servir de innocentes, pois perderam o lustro da graça, os faz andar pelo chão humildes como sapatos. Tal foi a mulher que se está agora aos pés empoados de Christo.»

Outra comparação ao mesmo caso:

«Perdeu-se-vos um cavallo de feição; e quem o achou ou furtou poz-lhe albarda e cilha, e trouxe-o ao carroto; quando vol-o restituiram, vinha escangalhado; e não podendo já servir-vos para outra cousa, ponde-l'o a uma nora de alcatruzes para que regue a horta. Assim faz Deus com os homens. Tinha um justo que era o seu cavallo de sella; o diabo levou-o, e pôl-o a carregar peccados. Volta para Deus; e já que para innocente não serve, serve para penitente. Põe-lhe Deus uns entrolhos com que lhe cega a tendencia carnal, e áta-o á roda da obediencia dos seus mandamentos. Tira agua da nora das entranhas pelos alcatruzes dos olhos com que rega o jardim da consciencia para produzir flores de bons

(1) Imaginosa, propriissima e excellente palavra!

desejos e fructo de boas obras. Tal era esta santa peccadora occupada em sacar agua e fazer outros pios officios. O' conversação de enamorados melhor do que a passada! O' pés do meu bom Jesus mais dignos de ser beijados que os do papa...!»

Jesus devia honrar-se muito com esta primasia dos pés! Gósto do frade invectivando o phariseu desgostoso do atrevimento da peccadora :

«Que fizeras tu, se esta mulher te cahisse aos pés supplicante! Temo que lhe desses tamanho pontapé que a atirasse a meia legua de distancia, e te lavasses muitas vezes para te limpares do seu contacto contagioso!»

E acrescenta, inspirado de christã caridade :

«Ha muitos parecidos com aquelle, hoje em dia, os quaes se alguma coisita boa fizeram, ainda que contaminada e desmerecida por algum peccado, andam com uma campainha por todo mundo. Isto reina principalmente em mulheres que timbram de castas, quando inxergam os erros das outras; e prasa a Deus que não entrem n'esta dança as religiosas que se gabam de justas. Grande remedio será, para não olharmos as faltas manifestas dos outros, reparar cada um nas suas escondidas. Dos manifestos e grandes peccados mais depressa se arrependem os homens do que outros mascarados e com visos de sanctidade...»

Jesus Christo volta-se para o accusador de Magdalena, e diz :

«Simão, vês esta mulher que chamas peccadora? Vêl-a chorosa, desgrenhada, prodiga de seus aromas, prodiga de seus beijos e prostrada...? Ahi tens provas do grande amor que me ella tem. Quanto mais a si se aborrece mais me ama. Peccadora veio; mas sarou ao

contacto do medico. Olhas de resto a culpada; estás de ti contente como justo; pois olha, a piedade desta peccadora leva grande vantagem á tua justiça. Vim a tua casa; não me lavastes os pés com agua; e ella m'os lavou com lagrimas e limpou com seus cabellos. Não me beijaste; e ella, desde que entrou, não cessa de beijar-m'os. Nem com azeite me ungistes a cabeça; e ella verteu-me unguento sobre os pés. Em tua casa nem sequer o vulgar beneficio de me lavar os pés com agua me fizeste, sendo ella tão facil de haver; e esta, lavou-me os pés com lagrimas tão caras de chorar! . . . Pelo que, te digo que muitos peccados lhe são perdoados por que muito amou. Não examines quanto ella ha peccado: senão considera quanto ama. Não é por que resou muito, nem jejuou muito, nem observou muitas leis dos phariseus; amou-me muito, e por isso lhe são perdoados muitos peccados que a caridade logra encobrir.»

Louvando a soledade que santa Maria Magdalena procurou para penitencia, diz:

«Grande bem é a solidão e fortaleza de seguro para almas dedicadas a Deus; e algumas vezes é mais seguro fiar-se o homem das feras no deserto que dos homens em povoado. Todo o tempo que Adão esteve sózinho, esteve em paraiso, querido de Deus, e temeroso ao demonio; logo, porém, que lhe deram companhia, relacionou-se com o diabo, e perdeu muito.»

Este argumento a favor da solidão não é máo, e apregoa a castidade de frei Diogo Ximenes.

Está o leitor ancioso por chegar ás tres Ave Marias finaes da sacra parlenda, e zanga-se por ter pago sermão que não encommendou ao dominicano nem a mim. Tenha paciencia. Deus lh'o descontará na falta em

que tem incorrido menospresando os apóstolos do seu tempo.

Tenho para mim que o padre inquisidor frei Diogo Ximenes queimaria alguns prégadores meus contemporaneos, se os ouvisse.

Ø que são os ventos ?

Ora vá féra de pulha!...

JORGE F. DE VASC. — *Eufrozina*.

Aos 15 de outubro de 1732 passou sobre Portugal um formidável furacão. No pouco tempo que se deteve sobre a praça de Monte-mór, conglobando nuvens e inflammando-as de coriscos, arrasou oitocentas e trinta e duas casas, feriu duas mil pessoas e matou trezentas e trinta e seis. De tamanha tempestade encontra o leitor larga noticia, em estylo tambem tempestuoso, no 9.º vol. do *Gabinete historico* de frei Claudio da Conceição. Observo-lhe, porém, que o atabalhoado frade lhe dá a tempestade em setembro, falsidade desmentida por um escriptor coevo. Frei Claudio, rabiscador do principio d'este seculò, se não está perdido nas trevas eternas por causa do muito que mentiu, salvou-o a ignorancia da lingua e de tudo, a sua muita pobreza de espirito que é recommendação para os bens temporães e para os eternos igualmente.

Sciencia astrologica idonea e capaz de tratar de fundamento a causa d'aquella ingentissima tempestade, um homem unicamente a possuia em Portugal no seculo passado. Nem sequer lhe mingou exemplar modestia

a sobredourar-lhe o talento. Este homem, que bem pôde deixar-nos o nome para desaffronta de injurias de estranhos, não quiz, atirou ás rebatinhas o ouro da sciencia com a mão escondida, fulgurou cegando-nos, e foi-se.

Ninguem que eu saiba ainda vingou desvelar ao certo o nome occulto no anonymo que deu á estampa um folheto com o seguinte titulo :

A FENIX
DAS
TEMPESTADES
RENASCIDA

No dia 15 de outubro de 1732

Com um discurso sobre a

origem dos ventos,

composta e ordenada

POR UM ANONYMO

Lisboa occidental

Na officina de José Antonio da Silva

Impressor da Academia Real.

M. DCC. XXXII

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real

A primeira parte d'este opusculo, cuja raridade plausivelmente procede da saída que teve para os gabinetes scientificos e laboratorios europeus, discorre acerca das principaes tempestades, começando no diluvio universal e acabando na de Portugal em 15 de outubro de 1732.

Não cuidem, porém, que o anonymo historia seccamente sem intrometter alguma passagem edificativa ou curiosa. Assim é que, descrevendo a inundação de Palencia, no anno 450, nos conta que as heresias dos priscilianistas, amaldiçoados por S. Toribio, attrahiram a vingança do Senhor n'aquella tempestade; por maneira que todos se afogaram. A gente lê isto, commove-se, e sente vontade de pedir a Deus que disponha alguma vez de tempestades que afoguem os tolos.

Relativamente á grande tempestade de Veneza em 1339, nos conta o anonymo um succedimento bonito trasladado do *Ramalhete espirital* de frei João Bautista.

Foi o grão caso que tres mancebos, ao parecer venezianos, entraram, durante o maior da tormenta, no barquinho de um pescador e saíram ao mar aparcelado. Não queria o barqueiro affrontar os vagalhões; mas os mancebos vingaram resolvê-lo com promessas. Levada a barquinha de abysmo em abysmo, rompeu mar dentro. Então se mostra á vista pavidá do pescador um quadro horrente: era uma náó carregada de demonios, da qual saíam todos aquelles ventos e tormentas. D'isto se convenceu o velho, quando deu tento de se irem benzendo os tres sujeitos, e imprecando os demonios a que se retirassem d'alli. Os tratantes, porém, resistiam ás cruces e conjuros, ao passo que os mancebos se afevoraram em exorcismos e signaes. Até que os demonios amedrontados levaram ancora, fugiram, e o mar ficou

de rosas e a atmosphera serena e limpida. Vae a gente a saber quem eram os tres individuos, primeiramente imaginados tres ousados paraltas da rainha dos mares, e encontra nem mais nem menos que o evangelista S. Marcos, o glorioso S. Jorge e S. Nicoláo.

Entre varias tempestades nocivas a Portugal conta o anonymo a peste de 1438, da qual morreu el-rei D. Duarte. E entre as tempestades de Hespanha menciona uma praga de gafanhotos em Toledo no anno de 580. Não sei se este meteorologista incluiria nas tempestades um andaço de dôres de barriga. Das tempestades intestinaes seria rasoavel adjudicar os effeitos a tão conspicio astrologo.

Em seguida, entra na segunda parte dando a razão do titulo: *Fenix das tempestades*. Diga o homem: . . . «Se conforme Plinio, no liv. 10, cap. 2, fallando na ave Fenix, diz que nasce no oriente na Arabia Felix, e que vive seiscentos e sessenta annos, depois dos quaes, entre balsamos, mirrhas, cinnamomos, gomas, incensos, hervas, e outros odoriferos lenhos, batendo as azas, acendendo os aromas, agonisa entre as chammas abrazada do sol, e que depois renasce das mesmas cinzas, servindo-lhe a pyra de berço e o tumulo de thalamo; esta de que tratamos, nascida no occidente, que consta de de-soito seculos, acabando n'este anno de 1732, no dia 15 de outubro, deixando por cinzas n'aquelle dia os vapores condensados na região ethera . . . etc.»

Para clareza já basta. A propriedade da analogia não só nos salta aos olhos, senão que nos escouceia o entendimento.

Entremos na parte scientifica. Agora nos apparece o seareiro que andava lançando á terra sementes para pro-veito dos Gay-Lussac e Aragos.

O que são os ventos?

Ventos são uma exalação cálida e secca sem nenhuma viscosidade, que a faça incender. Quando o movimento d'elles excede o natural são espiritos malevolos que os agitam. Permite a Providencia que estes espiritos excitem furacões, pelo que a egreja ordenou contra elles especial exorcismo. (1) A serva de Deus, Marianna de Jesus, da terceira ordem de S. Francisco, viu os espiritos, concitadores dos ventos, em figura de besouros e moscões. Um religioso exemplarissimo tambem affirmara que, no dia 15 de outubro de 1732, vira o Tejo cheio de bois e sobre cada boi um macaco ás cavalleiras. Estes casos condizem com o asseverado por S. Francisca Romana, a qual relatou ao seu confessor que os espiritos que seguiram a Lucifer por malicia propria foram fechados no inferno, do qual nunca saem senão quando alguma vez por disposição divina se ha de fazer no mundo alguma notavel ruina ou calamidade por causa dos peccados dos homens, e aquelles demonios são pessimos e por extremo malvados.

Vejamos agora como se espalharam no ar os scelerados que sopram os furacões. Começou d'este feito a patifaria:

Terminada a formidanda batalha com o dragão, descripta no apocalipse, foi expulso do céu o dragão com os seus parceiros, e caíram no espaço, ou «pelo ar» como diz o anonymo. Uns demonios ficaram voando e houveram nome de *aerios*; outros estancearam entre os planetas e chamaram-se *celestes*; outros caíram cá em baixo, e dizem-se *terrestres*; os que entraram no seio

(1) Assim temos a egreja a impeter ás ordens da Providencia. Feia acção!

da terra são *subterraneos*; d'elles não tem paragem fixa, e chamam-se *vagos*; os que vivem nas casas são *caseiros*; os que apparecem de dia, *diurnos*; de noite, *nocturnos*; se accomettem ao meio dia, *meridianos*; se andam na agua, *aquatiles*; se nos montes, *montanos*, *sylvanos*, *faunos*, *satyros*, *egypanes*, *lamias*, *onocentauros*, *hypocentauros*, *onocrocalos* e *vellosos*. Tambem ha demonios *penates* e *lares* por que presidem nas cosinhas e chaminés. Ao todo fórma esta canalha dez classes desde o limbo até ao centro do inferno. Lucifer está no centro, e á volta demoram os luxuriosos, gulosos, iracundos, avaros, soberbos, traidores, preguiçosos e vangloriosos.

Como operam estes malandrins nas tempestades? E' assim: o officio dos demonios *aerios*, com licença de Deus, é levantar ventos, arrojar pedras, fingir cometas, formar exercitos e dar pelo ar grandes vozes e alaridos.

Os *aquatiles* alborotam, emborrascam e redemoinham os mares para confundir e sepultar os navegantes; e, quando mais não podem, para os enganar, de que ha muitos exemplos.

Os *subterraneos* fazem terramotos e outras bregeirices.

Os *terrestres* andam comnosco fazendo-nos caretas e molestias, phantasmas e pirraças de toda a casta.

Aqui tem, pois, minha mais que todas dilectissima leitora, uma noticia que deve inquietal-a. Fica sabendo vossa excellencia que ha uns demonios que fazem aquellas ventanias de que a sua pudicicia se afflige, quando o pé breve se descobre debaixo da barra do vestido enfunado; e se o demonio, feito com a curiosidade peccaminosa dos peralvilhos, sopra um pouco mais rijo, lá se escurece a belleza do pé deslumbrada pelo espectaculo

de outras bellezas. Isto sim; creio eu deveras que é traça de demouio; e já observei que o anjo da guarda, n'estes lances, para afugentar o vento endiabrado, aconselha ás damas a cruzarem, quanto possivel, «as lisas columnas» de que falla o épico. Não me benzo em defeza de outras diabruras; porque, em comparação d'aquella, todos os naufragios e terramotos são brincadeiras.

Como quer que seja, aqui deixo no altar das glorias litterarias da minha terra um punhado de incenso a fumer nas ventas anonymas do auctor da *Fenix das tempestades*. Chego á ultima pagina do folheto, e vejo com alêgria que o nosso portuguez teve portuguezes contemporaneos que o comprehendessem. Entre varios sabios que licenceiam o opusculo avulta o guarda-mór da Torre-do-Tombo João Couceiro de Abreu e Castro. No tocante á parte scientifica do folheto, diz que é «scientifico por fallar na astrologia, na astronomia, e de seus primeiros inventores, e não menos por definir os ventos, e descrever suas causas, materia tão difficultosa como ignorada: e catholico (accrescenta o academico censor) porque, reconhecendo de tudo as causas segundas, confessa que os seus effeitos são influidos da causa primeira, e que muitas vezes as grandes tempestades são movidas pelos espiritos diabolicos aérios, em observancia do que Deus lhes ordena para castigo dos peccados dos homens que sem duvida são mais enormes onde são mais repetidos os estragos.» Estas poucas linhas do guarda-mór da Torre-do-Tombo delatam a corpulencia bestial dos antigos guardas d'aquella Torre!

O anonymo da *Fenix*, em todo caso, é um elo da cadeia que principia em Aristoteles e por ora termina em Humboldt. No tempo d'elle, a sciencia meteorologica

das academias europeas não ia muito adiantada á nossa. Depois de 1750 é que Demaison estudou os phenomenos da congelação e Saussure escreveu as suas observações sobre as nuvens, chuvas e formação de vapores. As auroras boreaes, o raio e a electricidade foram tambem depois examinadas por Franklin e Mairan. Dufay e Volta estudaram o orvalho e a saraiva.

Apezar d'isto, sejamos lisos e modestos: o auctor da *Fenix das tempestades* foi o asno mais desmedido do seu tempo.

NOTA

O ancioso desejo de descobrir o nome do astrologo, pôde tanto comigo, que me fez entrar em novas averiguações para maior satisfação do leitor e minha. Na licença concedida pelo guardamór da Torre-do-Tombo, encontro que a licença é requerida por *Antonio Corrêa de Lemos, impressor de livros e gazeteiro do Reino*. O requerente, porém, não diz que é auctor: déclara que quer imprimir.

Recorro ao meu douto amigo Innocencio Francisco da Silva, e acho a pag. 115 e 116 do 1.º vol. do *Dicc. bibliog.*, Antonio Corrêa de Lemos, supposto auctor de umas noticias de precisões de turcos, do almanak de 1731, este sob o pseudonimo de Fabião Francez, e aquellas em nome de João Carlos Antonio.

E'lhe tambem attribuida a *Fenix*. Este inspirado escripto suggeriu pelos modos ao beneditino Victorino José da Costa o aborto de outro folheto, intitulado *Pennas que cahiram de uma das azas ao celebrado «Fenix das tempestades»*, que *podera servir de segunda parte*. Não tenho esta segunda parte; mas vou jurar que não desmerece da primeira. Dão-n'o tambem ao tal gazeteiro como auctor do *Systema politico da Europa*.

Se foi elle, não me cabe o coração no peito a pinotes de alegria! Eu, que tambem fui gazeteiro, poderei ainda atirar á cara dos infamadores d'este officio com o meu ex-collega que definiu os ventos, e dividiu em dez familias os diabos... que provavelmente o levaram.

Mephistopheles e Maria Antonia

I

Na aldeia do Seixo, comarca da Villa da Feira, vivia ha cento e cincoenta annos um abastado lavrador, Manoel de Oliveira chamado. Assim que a barba lhe pintou e o coração lhe pediu seio de mulher que lhe temperasse o calorico impertinente, casou com a sua guapa visinha Maria Antonia, moça de boas manhas e pura como as estrellas.

Davam-se como Deus com os anjos. Os bens cresciam a olhos vistos. Raro anno se passava sem que Manoel de Oliveira comprasse cortinha, lameiro ou montado. Por feição que o primeiro lavrador do Seixo era elle, apesar da inveja de seus visinhos que murmuravam, sem poderem atinar com o segredo d'aquelles rapidos augmentos.

Sabidas as cousas desde a raiz, o segredo era facil de achar. Manoel trabalhava e Maria economisava. Dormiam e comiam pouco. Antes da luz da alva já elles moirejavam nos campos; e por noite fóra, em quanto elle enchia as canellas do fio do novêlo, estava Maria

tecendo a teia, com que as suas arcas se iam enchendo de alvissimo bragal.

Vividos dez annos de doce vida, Maria, sem quê nem para quê sabido ao menos, caíu n'um ar triste, a scismar, a desgostar-se do marido, a não fazer caso do governo, a deixar ir tudo pela agua abaixo. Manoel andava como areado, a resar por egrejas e a consultar frades e mulheres de virtude, bem convencido de que invejosas lhe tinham inguiçado a companheira.

Esta certeza lhe abonava a mulher com a sua repugnancia em ir a egrejas, em resar contas e as costumadas saudações á Santissima Trindade, dizendo que não tinha fé nas tres pessoas divinas nem nos padres.

De mal em peor, apesar de benzedeyras e exorcistas, Maria Antonia deu em bater no marido. A paciencia do pobre homem foi-se. Por fim, já elle tambem por sua vez lhe ia batendo n'ella com o cabo da sachola. Aquillo tornou-se um inferno, depois de um paraizo terreal de dez annos. Os á-del-reis rara noite se não ouviam n'aquella casa. Maria Antonia fugia para os parentes e voltava ao outro dia com o proposito de atanzar o emparvecido homem. Por fim, depois de alguns annos de semelhante vida, a justiça interveio na desordem; e, como não houvessem filhos, Manoel ficou em sua casa e Maria levou o seu dote e sua parte nas beme-feitorias para onde quiz.

Affastou-se a mulher a viver n'uma choupana que fez á raiz de um monte, com sua horta espaçosa que ella cultivava por suas mãos. Ninguem a via fóra d'alli, nem á missa, nem ás feiras, nem romarias.

Um dia, certa pessoa de boa vida e incapaz de infamar alguém, foi ter-se com Manoel de Oliveira e disse-lhe:

— Tua mulher tem outro homem. Ao dar da meia noite na torre, um sujeito vestido de jubão preto até aos pés, abre a cancella da horta, e vae lá para dentro.

— Quem viu? accudiu Manoel engrifhando os dedos.

— Eu, com estes que a terra hade comer.

— Todas as noites?

— Umas por outras.

Logo na seguinte, Manoel de Oliveira carregou um bacamarte com zagalotes, e ao dar das onze estava embuscado por detraz de uns espinheiros, com a boca do bacamarte apontada á cancella.

A' meia noite, fitou a orelha e esbogalhou os olhos. Soava a ultima das doze pancadas, quando claramente viu um vulto avisinhar-se da cancella, á distancia de quatro passos d'elle.

Desfechou sem pavor nem rebates de consciencia. O pundonor enfurecera-o. Correu ao logar onde devia estar o moribundo ou o cadaver. la contente, jubilava ferozmente na esperanza de conhecer o fidalgo do solar visinho, ou quem sabe se o reitor da freguezia! . . .

Ó' assombro! não viu nada! viu as buxas da clavinha que fumegavam ardendo no logar onde estivera o vulto!

Os cães, de tres aldeias, alvoroçados pela detonação do tiro, latiam e remetiam aos caminhos. O lavrador emergiu do seu atordoamento; e, sem saber dar-se conta do que lhe succedera, fugiu amedrontado como se no encalço lhe fosse um avejão.

Já a distancia, ao transpor um comoro insilvado, ouviu um cascalhar sêcco e rispido. Estremeceu e quedou-se traspasado da morte.

Era Maria Antonia, que lá em baixo branquejava na horta, saltando e batendo as palmas.

Que zombaria infernal diria aquelle rir ao animo estonteado do marido?

II

Manoel de Oliveira contou de madrugada o successo á pessoa que o tinha avisado. O amigo foi de caminho ao sitio onde morava Maria Antonia, e viu cravados na cancella seis zagalotes. Voltou e disse ao lavrador:

— Os balotes lá estão mettidos na cancella. Não lhe acertaste, e, em quanto déste volta por detrás dos espinheiros, quem quer que era fugiu, e tua mulher apupou-te por ver que lhe não feriste o amigo. Deixa passar alguns dias que havemos de ir lá ambos.

— Que os leve o demo, accudiu o lavrador, que lá não torno eu! Olha que fiquei tolhido, homem! Alli ha marosca do diabo, Deus me perdôe!

— Não é máo diabo o que lá vae... Eu te mostrarei os pés de cabra e mais ao pontas d'elle... Fia-te em mim...

O sujeito era destemido.

Foi como promettera e levou tres homens que poz de vigia á volta da casa em sumidouros diversos.

Deu a meia noite. Todos quatro viram chegar á cancella um vulto negro de muita galhardaria e meneios afidalgados.

Entenderam que era um fidalgo de apellido de Pereira Forjaz, senhor da Feira.

O amigo de Manoel teve dó de matar o supposto fi-

dalgo. Atira, não atira, deteve-se irresoluto, e deixou-o entrar á casinha de Maria Antonia. Reuniu os companheiros e consultou-os. Todos á uma convieram em que o melhor era assustal-o e ameaçal-o de o matarem, se elle tornasse a casa d'aquella mulher.

Esperaram que saísse. Maria Antonia atravessou com elle a horta, uma hora antes de repontar o dia, e despediu-se á cancella.

N'isto os quatro membrudos correm para o vulto, e o vulto esperara-os.

— Fidalgo! disse o amigo do lavrador, isso não é bonito! Essa mulher é casada. Vossa senhoria, se aqui volta, não vae por seu pé para casa.

E o vulto quêdo.

Um dos tres companheiros, chegou-se ao ouvido do zelador das honras dos seus visinhos e segredou-lhe :

— O fidalgo não é.

— Então quem diabo é?!

— Isso agora!... O melhor é botar-lhe as unhas, e depois saberemos.

— Vá dito e feito! E' agora, rapazes!

Remetteram todos ao vulto com foices no ar e clavinhas apontadas.

E o vulto immovel!

— Diga quem é, ou atiro-lhe já!—bradou um.

Nem palavra.

O mais possante dos quatro arrojou a fouce e cresceu sobre elle com os braços abertos; mas ao fechal-os, como quem cuidava entortar-lhe as costellas, não achou nada,

— Jesus! exclamaram todos.

E, á palavra Jesus, ouviram um como grunhido abafado, e sentiram uns vapores fedorentos de enxofre.

Fugiram, resando o credo. E, quando principiavam a puchar ao peito um ar menos sulphuroso, ouviram a gargalhada asperrima de Maria Antonia.

— Tua mulher tem pacto com o' diabo! foi dizer o amigo a Manoel de Oliveira. Trata de a metter no santo-officio, se lhe queres salvar a alma.

III

O lavrador não aceitou o' conselho. Tinha pena da mulher e medo do demonio, o mais respeitavel rival que póde ter um marido.

Calou-se de envergonhado, aterrado e tambem compadecido. O homem tinha amado deveras a ingrata que lhe preferira o cão tihoso, aquelle maldito que parecia saborear-se no infernal prazer de passar ás pessoas honestas os adornos de precito com que os pintores catholicos lhe infamaram a cabeça. Não importa. Accusala á inquisição, elle, que tão feliz e amado tinha sido, não podia. Além de quê, Manoel de Oliveira antes queria ser enxovalhado do demonio que do fidalgo ou do reitor. Mal por mal, traído por traído, antes pelo espirito fétido do demonio que pelo corpo odorifero do fidalgo. Por que em fim, espirito, bom ou ruim, sempre é espirito. O corpo é que é dois diabos a um tempo, um por que é carne, outro por que é espirito.

Entretanto, começou Maria Antonia a ganhar creditos de benzedeira, sem embargo de correrem á conta d'ella funestas atoardas. Muita gente não passava de noite á porta d'ella sem levar um ramo de louro ou mur-

tas embebido em agua benta; mas de dia, era um correr continuo para casa d'ella.

Uns iam cortar o bixo. Outros levantar o queixo. Alguns a espinhela. Muitos pedir rezas ou chamal-a para assistir a partos perigosos. Bastantes familias desavindas para se conciliarem. As mães com seus filhos a pedir-lhe remedio para a molestia da moleira e lombrigas. Molestias de bois e outros animaes tudo curava. E ministrava tambem segredos para homens seduzirem moças e moças homens. . .

O que ella fazia ou dizia no acto de suas curas prodigiosas não infundia suspeitas de pacto diabolico. Eram palavras santas acompanhadas de gestos inoffensivos da sã religião dos seus doentes. Ainda assim, as pessoas que ella curava, em prova de seu reconhecimento, diziam cá fóra que a mulher tinha agulheiro de bizouros.

Se Belzebuth lá ia ou não á meia noite, como d'antes, ninguem affirmava, porque ninguem se affoitava a espreitar a tal hora tamanho facinora.

As curas prodigiosas de Maria Antonia chegaram á noticia dos inquisidores de Coimbra. Um dia foi ella notificada para comparecer na sala do santo officio. Respondeu que iria voluntariamente apresentar-se confiada na sua innocencia.

Foi.

Das portas do tribunal a dentro não sei o que passou, a não o inferirmos da sentença de sua condemnação.

Entre o leitor na egreja em que lhe vae ser lida a sentença e escute: (1)

(1) E' trasladada das *Memorias de Francisco Soares Nogueira*.

«Accordão os inquisidores, ordinario e deputados da inquisição que, vistas as culpas, actos e confissões de Maria Antonia casada com Manoel de Oliveira, lavrador e natural da freguezia de Valega, morador no logar do Seixo, comarca da Villa da Feira, bispado do Porto, ré preza que ao presente está: porque se mostra que sendo christan baptisada, e como tal obrigada a ter e crêr tudo o que tem, crê e ensina a santa madre igreja de Roma, e execrar o demonio como espirito de maldade, e a detestar seus venenosos enganos, e não usar de feitiçarias, sacrilegios, e superstiçoens encontradas á pureza de nossa fé e religião catholica e de nenhum modo adequadas para os fins que pretendia; ella o fez pelo contrario, e de certo tempo a esta parte esquecida de suas obrigaçoens com pouco temor de Deus, damno de sua alma e ruina total de sua consciencia, sem saber lêr nem escrever, nem aprender sciencia alguma, curava todo genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outras indemoninhadas espiritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados; levantava os queixos da bocca aos que lhes cahiam, e fazia parir com bom successo as mulheres pejadas; observando para os effeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por os ter por mais proporcionados para os fins que procurava, usando para elles sómente de palavras, oraçoens, benção, agua benta, terra de adro, de nove ervas, de cruces que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma cousa dos mesmos estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma quarta de agua, afim de que vasadas as oito servisse a nona para remedio dos ditos males. Para a cura dos quaes primeiro estremecia e se espi-

guiçava e fazia visagens com a bocca, cobrindo-a. Dizia que em ella tomava os males e ar dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava cartas a que chamava de tocar para fins torpes e deshonestos, mandando-as metter primeiro escondidamente debaixo da pedra de Ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoçens armando uma mêza de tres pés para cima, pondo em cada um sua vella ou candeia acêza, e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quaes logo visivelmente lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como havia de fazer as ditas curas, e, dada a resposta, desappareciam.»

Até aqui as denuncias contra Maria Antonia, anteriores ao libello offerecido pelo promotor do santo officio.

Vejamos agora como a ré se defendeu no primeiro interrogatorio.

IV

Prosegue o arrasoado da sentença.

«Pelas quaes culpas estando a ré delatada na meza do santo officio, se apresentou n'elle voluntariamente. E, sendo com caridade admoestada quizesse dizer toda a verdade d'ellas para descargo de sua consciencia e remedio de sua alma disse e confessou que para effeito de fazer as ditas curas, depois de fazer trez cruces em os braços dos infermos, dizia as palavras seguintes: *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; eu pec-*

cadora indigna com muita humildade benzo e cerco este bicho e bichoso sem razere (?) sarna e fogo com que o corpo de. . . (nomeando o enfermo por seu nome) seja são e salvo como á hora em que foi nado, pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Thiago.

«E para levantar o queixo de qualquer pessoa dizia: *Braz brazino, Padre Filho e Espirito Santo e Abrahão te levante o teu assimilão.*

«E que para parirem, unir vontades e desfazer discórdias entre casados, dizia: *Eu te desato e desligo pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Thiago.*

«Mandando se lavassem trez vezes com agua benta, lehs ensinava dissessem em quanto se lavavam as palavras seguintes: *Desato-me, desligo-me, dezencancho-me, desinfetiço-me pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Thiago.*

«E que, para curar do achaque da moleira a qualquer pessoa, tomava um pucaro de agua fervendo e o deitava em qualquer vazilha, e, pondo-a na cabeça do enfermo, dizia: *Que te ergo?*² O enfermo respondia: *Moleira com seu miôlo.* Então dizia a ré: *Pelo poder de Deus e de S. Pedro moleira e miôlo te levanto.* E, dito isto, tornava a perguntar a ré: *Que te alço?*² E o enfermo respondia: *Moleira, terregido e vago.* E então tornava a dita ré: *Pelo poder de Deus e do Espirito Santo, moleira e miôlo te levanto.*

«E, para curar os que tinham a espinhela cahida e ventre, dizia: *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, Jesus, Jesus.* E, ditas por trez vezes estas palavras, continuava dizendo: *Assim como as ondas do mar fóra vão saliar (salgar?), assim torne o teu ventre, rosca e taboleta a seu logar para serviço de Deus, Amen.*

«E, para effeito de curar bois e quaesquer outros animaes, usava de ervas dos adros e de terra de logares sagrados, e fazendo com estas coisas um cosimento e lavando com elle o boi dizia: *Assim como te lavo com esta terra e erva de sagrado, assim te desato, desligo, desencanho e desinfeição, pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Thiago.*

«E, para curar os meninos de lombrigas, dizia: *Bichos que te talho pelo poder de Deus e de Santo Inofre e de S. Gualdofre, que tu sejas são e salvo como á hora em que foste nado para serviço de Deus, Amen.*

«As quaes curas feitas em a sobredita forma e por meio das ditas palavras confessou outrosim que produziram os effeitos que pretendia, e com ellas saravam todos os doentes os quaes para este fim a procuravam, e que ella não tinha feito pacto com o diabo, nem por virtude d'elle fazia as ditas curas, porque as obrava só por meio de palavras santas e virtuosas.»

Até aqui o summario do primeiro interrogatorio. Maria Antonia foi conduzida ao carcere, e volvidos dias ou mezes, consoante a grande ou pequena ceifa dos inquisidores ceareiros do céo, voltou a ré a perguntas, que lhe foram feitas em presença do apparatus instrumental da tortura.

Com referencia a esta segunda sessão, continúa a sentença :

«Porém, resultando d'este extraordinario modo de curar, e da prova da justiça, a presumpção que elle procedia de ter a ré pacto com o diabo, a cujo diabolico poder se haviam de attribuir os effeitos, quando os remedios não são adequados para o dito fim nem as palavras instituidas para elle, antes quanto mais santas são

e mais chegadas ao auctor da santidade, fica a dita pressumpção sendo maior, pois o demonio procura com ella ser honrado com a semelhança de Deus; e outrosim se confirmar com a ré as proferir sobre cousas dos ditos enfermos, os quaes tambem saravam estando elles distantes — o que não podia ser sem o auxilio do mesmo demonio, pois todo o remedio para curar com effeito se deve applicar por contacto formal ao dito enfermo, e não a cousas suas estando elle distante, e que a ré maliciosamente encubria o dito pacto. Foi preza em os carceres do santo officio e veio o promotor da justiça com libello criminal accusatorio contra ella, e lhe foi recebido; e a ré com sua defeza; e se lhe fez publicação da prova da justiça, a qual veio com contradictas, e uma e outra cousa se lhe recebeo, e a ré deu sua prova.

«Em estes termos sendo benignamente admoestada em a meza do santo officio, pois Deus Nosso Senhor por sua infinita misericordia a trouxera adonde podia tratar da descarga da sua consciencia e remedio de sua salvação, para o que só com paternal affecto em ella se desejava.

«Disse e confessou que para fazer as curas que tem declarado sempre precedia a devoção, que chamava de Santo Arasmo, a qual fazia com a forma seguinte: Punha e armava a dita mêza de trez pés que ficassem para cima, e em cada um, em signal de culto e veneração, punha uma vella accêsa, e em meio d'esta mêza uma tabua em a qual estava pintado Santo Arasmo, e aos lados do mesmo dois demonios, e, ornada d'esta forma a dita meza, resava a oração seguinte: *Santo Arasmo, bispo, arcebispo, capellão e confessor do meu Senhor Jesus Christo, papa em Roma, por esses ardores e fervores que tivestes em vosso santo coração quando*

vistes estes crueis inimigos ás vossas ilhargas para as vossas tripas vos tirarem, e em um caneleiro as encañelarem, e em o mar salgado vól-as botarem, assim, santo, fazei isto que vos peço.

«E que, dita assim esta oração, da qual também usava em casos graves e urgentes, declarou lhe apparecia ás vezes uma pêga preta e branca, e, em outras, dous ou trez pintãos pretos ou pardos, os quaes, ás vezes, vinham voando pelos ares até á porta da casa em que a ré vivia, e por ella entravam por seus pés até o lugar onde a ré estava; e que então lhes perguntava ella como havia de fazer a cura que intentava; e então a dita pêga ou os pintãos lhe respondiam com voz humana e intelligivel, mas não muito clara, a forma em que a ré a devia fazer; com esta differença que se a pêga lhe apparecia era signal de que o mal havia de ter remedio; e, se os pintãos, era signal de maior difficuldade. E que, feita a pergunta e dada a resposta, tornavam logo a desaparecer as ditas aves, voando da mesma sorte, mas com vultos maiores, como transfigurados em outras cousas, que a ré nunca pôde comprehender; e que sempre o successo das ditas curas era aquelle que a pêga ou os pintãos lhe tinham ditó.»

N'este ponto, o fiscal do santo officio requereu a tortura para a ré, visto que os meios doces, brandos e benignos não conseguiram que ella dissesse a verdade inteira. Maria Antonia ouviu o requerimento, e logo foi conduzida ao carcere.

Ao fim de algumas semanas, reconduzida ao salão dos tormentos, a feiticeira do Seixo, antes de ser aposta ao cavalete, disse o que nos vem informado no processo da sentença por este theor:

«E, sendo outra vez com a mesma benignidade admoes-

tada, em a meza do santo officio, que pondo de parte quaesquer humanos respeitos que a podessem impedir, abrisse os olhos da alma, e, pondo-os só em sua salvação, confessasse inteiramente suas culpas, toda a verdade d'ellas, vista a prova da justiça e os urgentes indicios que contra ella resultavam :

«Disse ultimamente e confessou que haveria o tempo que declarou em a meza do santo officio, estando em certa parte que tambem declarou, lhe appareceu de repente um mancebo bem afigurado, vestido de panno preto, comprido, o qual lhe disse que logo havia de passar por aquelle logar um doente, o qual ella curaria fazendo-lhe certos remedios que declarou e com elles sararia. E perguntando ella ré ao dito mancebo quem era, elle respondeu que era um homem que por ali passava. E com isto se foi, e não passou então mais nada com elle. E que o dito doente com effeito logo viera, ao qual curou e sarou com os ditos remedios que o dito mancebo lhe ensinára. Depois de passados alguns dias, sonhou umia noite na cama que fallava com o demonio. Levantando-se de manhã e saindo fóra de casa, lhe tornou a apparecer o dito mancebo do proprio modo e mesmo vestido que da primeira vez lhe rinha apparecido, e em elle advertiu então que cobria os pés; e estes não eram como os de homem, mas como de bode ou cabra. E então lhe perguntou o dito mancebo se curára aquelle doente e como se achára; e ella ré lhe respondeu que sim curára e com effeito sarára, e elle disse então que era o demonio e se chamava Belzebuth; e que, se ella ré quizesse fazer curas, sarar enfermos e fazer outras cousas preternaturaes e extraordinarias, impossiveis ao poder humano, elle lhe ensinaria o modo de as poder fazer; porém em signal de sujeição

lhe havia de dar uma gotta de sangue seu tirado de uma mão ou dedo e que por sua conta e louvor desse uma esmola a um pobre e que sobretudo havia de crêr em elle, e não em a fé de Christo Nosso Senhor, a qual havia de deixar de todo o coração, esperando em elle que lhe appareceria em figura de pêga ou pintão para a aconselhar as vezes que o invocasse por meio da devoção de S. Arasmo, que havia de fazer em signal de veneração e culto seu.

«E que persuadida ella ré com o dito ensino e desejosa de fazer extraordinariamente as ditas curas, cega e precipitada respondeu ao dito demonio que estava em tudo pela convenção, excepto dar-lhe seu sangue; e, com esta resposta, se fôra o dito demonio, e observou-lhe os pés e então viu mais claramente serem como de bode ou cabra, não obstante fazer elle, ao parecer d'ella, alguma deligeneia pelos encubrir. E que com effeito em virtude do dito pacto e convenção deu a esmola ao pobre em louvor do demonio, creu em elle e não em a fé de Christo Senhor Nosso, a qual detestou e abnegou de todo seu coração, e em o dito tempo o invocára quando fazia a devoção de Santo Arasmo; e elle lhe apparecia em figura de pêga ou pintão, em virtude do pacto, para a aconselhar o verdadeiro modo com que havia de fazer as ditas curas, e que esta era a razão por que ellas tinham seus compridos effeitos. E que em aquelle tempo não cria outrosim em o mysterio da Santissima Trindade, nem em Christo Senhor Nosso, nem cria tambem em os sacramentos da egreja, nem os recebia, nem fazia as mais obras de christan por não deixar o sobre-dicto pacto e amisade que tihha com o demonio, perseverando em estas trevas até o tempo que declarou na meza do santo officio.»

Maria Antonia, encarcerada outra vez, esperou o dia do resgate e perdão, porque vira no aspecto dos inquisidores um sorriso de santo jubilo, como de homens que tinham desatado os vinculos do demonio com aquella alma arrependida. Chegado, pois, o dia do auto de fé, Maria Antonia, ouviu lêr, em remate da longa exposição de suas culpas confessadas, a sentença, que dizia assim :

«O que tudo visto com o mais que dos autos consta, declaram que a ré foi hereje e apostata da nossa santa fé catholica, e que encorreu em sentença de excomunição maior, e em confiscação de todos os seus bens para o fisco e camara real, e as mais penas de direito contra as semelhantes estabelecidas. Visto, porém, como a ré, usando de saudavel conselho, confessou as suas culpas em a meza do santo officio, com mostras e signaes de arrependimento, pedindo d'ellas perdão e misericordia com o mais que dos autos consta e resulta :

«Recebem a ré Maria Antonia em o gremio e união da santa madre igreja catholica romana, como pede, e lhe mandam que vá ao auto da fé na forma costumada com carocha e rótulo de feiticeira, e em elle ouça sua sentença; que abjure publicamente seus hereticos erros em forma; e em penitencia d'elles lhe assignam carcere e habito penitencial perpetuo, e será açoutada pelas ruas publicas d'esta cidade, *citra sanguinis effusionem*, (1) e a degradam para sempre do logar do Seixo, e por tempo de cinco annos para o reino de Angola. E será industriada nas coisas da fé necessarias, para a salvação de sua alma, e cumprirá as mais penas penitenciaes e es-

(1) *Sem que lhe façam sangue.*

spirituaes que lhe forem impostas; e mandam que da pena de excommunhão maior em que incorreu seja absoluta *in forma ecclesiae*.»

V

Chegou á comarca da Feira a noticia e cópia da sentença. As freguezias convisinhas do Seixo reuniram-se á volta da cabana em que Maria Antonia tinha vivido, com o fito de a queimarem, arrazarem e sumirem o ultimo vestigio d'aquelle prostibulo de Satanaz. A maior parte das pessoas inflammadas de tão santo zelo tinham sido beneficiadas por Maria Antonia em si, nos seus affectos, nas suas enfermidades, nas dos seus filhos e nas do seu gado.

Dois rapazes mais affeitos acercaram-se da choupana com fachuqueiros accesos para incendiar o colmaço do tecto. A chamma devorou depressa a cobertura do pequeno quadrado de paredes toscas.

Alguns homens com alavancas derruiram os muros, e logo um sacerdote exemplar accudiu com aspersões de agua benta a enxotar algum demonio pequeno que se escondesse no entulho.

Estava o povo apinhado á volta do exorcista. Um mais destemido da chusma subiu ao pedregulho, e exclamou:

— Lá está a mão de Satanaz!

— Credo! Anjo bento! — exclamaram centenaes de vozes.

O padre demonifugo subiu com o hyssope provido, á beira do denunciante da mão diabolica e disse:

— Aquillo não é mão de Satanaz, é de gente!

De feito, era uma ensanguentada mão humana que saía d'entre as pedras derruidas.

— Vamos tirar pedras, até descobrir o que é—ajuntou o padre, dando o exemplo ao gentio que se não movia de aterrado—Vinde comigo, moços!

Alguns o seguiram, e em seguida todos contra vontade das mulheres que se afastavam benzendo-se e resmungando suas orações.

Removidas algumas pedras, desentulharam a porção posterior de uma cabeça esfacellada, aposta ao braço pertencente á mão que tinham visto.

O sacerdote, vencido o horror de tal espectáculo, tomou entre mãos a cabeça, e voltou-a de lado o bastante para lhe ser vista a face.

Viram e bradaram todos:

— E' o marido da feiticeira! E' o tio Manoel!

— Como assim?!—clamou o padre—foi então o demónio que para aqui o arrebatou e aqui lhe tirou a vida!

E, dizendo, despejou a panella da agua benta sobre a cabeça do cadaver, e recitou a brados esta apostrophe: «Fornalha infernal! Lucifer soberbo! Apresenta-te alli com todos os que em tua cauda trouxeste do céu! Traze-os alli logo em tuas entranhas! E com elles posto em cima d'esta cabeça, adora o Deus Espirito Santo! Não me ouves? Sim, ouves! Mas para que obedeças sempre, rebelde espirito! e sempre preso sem vontade, para sempre, obedece á minha!... O' cães! por todos! Pizae aqui bem esta cabeça! Fazei-a em cinza, se tendes para isso ordem! *Ignem sui amoris, accendat Deus in cordibus nostris.*

— Amen !—disse o povo traspassado de religioso terror. (1)

Continuaram a excavação. Todos disseram á uma set o cadaver de Manoel de Oliveira, o qual ninguem mais vira desde que chegou a nova de ter sido condemnada a açoutes e degredo, com habito perpetuo, sua mulher.

VI

Foi, pois, a saudade, a paixão, a demencia que levou para a choupana de Maria Antonia o homem que dez annos com ella gosára a summa felicidade d'este desterro. Para alli entrou, porventura, a morrer de fome, apoz as longas agonias que o incendio e o ruir das paredes lhe abreviou, se já não estava morto, quando as pedras lhe esmagaram o cadaver queimado.

Assim me quer parecer isto ; que o demonio, pactario de sua mulher, não sei eu por quê nem para quê o fosse alli matar !

A idéa que eu fórmo do mancebo galhardo que seduziu Maria Antonia, com quanto não seja tão boa que recomende aos maridos, é até certo ponto abonatoria do seu character.

Um demonio que ensinava a levantar queixos caídos e espinhelas, a cortar o bicho e a facilitar partos, a ma-

(1) A oração está a pag. 37 do *Jardim ameno* de frei José da Purificação, leitor jubilado, qualificador do santo officio, etc., ediç. de 1752.

tar lombrigas e a amistar esposos discordes, a curar moleiras e a doença dos bois: um tal demonio, sobre ter sciencia não vulgar, era sujeito de caridade, com uma gentalha, que lhe andava sempre a fazer figas, cruces e arremeços de agua benta á cara. Quando os queixos me caíssem e o bicho entrasse comigo, não se me dava de receber em minha casa um tal facultativo, que opéra sem ajuda de boticario, nem me incommoda a explicar-me as articulações da mandibula inferior, nem o que seja em grego aquillo que nós, em vernaculo, chamamos bicho.

Além de que, são tantas as virtudes do rival de Manoel de Oliveira, contadas por pessoas de insuspeita virtude e indeclinavel auctoridade, que eu me dispeno do peccado de juiz do diabo, abundando no testemunho de graves e santos historiographos. Um caso, analogico do presente assumpto, vou referir, e o leitor, se quizer, benza-se :

O cura de Bargeta, em Castella, foi grande magico. Mephistopheles levava-o onde elle queria. Um dia, lhe contou o diabo que o papa Julio II, amancebado com uma senhora casada, ia ser inevitavelmente assassinado por um irmão da dama, vingador da honra de sua familia, visto que o marido, empregado prosperamente no palacio pontifical, transigia com a collaboração do successor de S. Pedro.

O padre pediu ao seu infernal amigo que o levasse a Roma para assistir ao enterramento do papa adultero. O diabo entende a velhacaria do padre e mesmo assim leva-o. Ora, se elle não sabia que o intento do manhoso era avisar o papa! Pois levou-o! E o papa foi avisado pelo cura, e escapou-se da emboscada do irmão da sua dama, e absolveu o padre das culpas de endiabrado, e fez que

os inquisidores de Logroño o mandassem livre e em paz quando lhes caíu nas garras ! (1)

E o demonio riu-se do cura, do papa, e dos inquisidores; mas riu-se com um ar de bondade, que não deixava nada a desejar. E Julio II foi-se embora de Roma para a celestial Jerusalem sem ter canonisado o diabo, pelo menos aquelle que lhe levou a Roma o cura ás cavalleiras !

Entretanto, do bom porte do anjo rebelde, em verdade, é licito duvidar no modo como elle procedeu com Maria Antonia ! Deixou-a açoitar em Coimbra e morrer em Angola, podendo e devendo leval-a a um paiz sadio, florente e expurgado de inquisidores. A meu vêr vingou-se como amante zeloso e atraído. Maria Antonia foi revelar aos frades a palestra que tivera com elle, e expôl-o a ser mal tratado na sentença em pessimo estylo n'uns periodos engulhosos e suffocativos. Satanaz que, no seu genero, é conciso, correcto e bem fallante, anjou-se, deixou a mulher de Manoel de Oliveira á descripção das bestas-feras, e reservou para si o vingar-se dos insultadores signatarios da sentença, obrigando-os no inferno a lerem-n'a todos os dias do infinito dia chamado eternidade.

Eu, de mim, se pequei, estou absolvido pelos meritos e heroismo da paciencia com que trasladei a sentença.

(1) LLORENTE. *Historia critica da inquisição de Espanha*, tom. 2.º, pag. 48 e 49.

O meu condiscipulo

I

Ha vinte e dois annos !

Lembranças da minha vida de ha vinte e dois annos !

Isto é que é um triste e verdadeiro cavar em ruinas!...

Estudava eu chimica na academia do Porto.

De dois condiscipulos sómente me recordo bem. Um era o melhor estudante; o outro, ultimo da lista, seria o peor do curso, se eu lá não estivesse.

O primeiro era pharmaceutico: chamava-se Francisco Pereira de Amcrim e Vasconcellos. O outro era alferes de infantaria, filho de gente notavel do Porto, duelista, paralta, galã de muito boas tretas: chamava-se Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel. O seu mais amigo condiscipulo devia ser o mais inimigo da chimica: era eu. O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto, nunca teve o gosto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tinhamos vis-

to o compendio, que por signal se chamava o *Lasagne*, parece-me que era: pela orthographia do nome não fico. Fugiamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando á rebellião. Com que tristeza eu via o sol e invejava a minha vida lá das serras d'onde viera a estudar o sesquioxido de ferro e o bicarbonato de soda n'aquellas frias salas do convento da Graça! O meu condiscipulo Passos abundava nas minhas idéas lyricas ácerca do sol. E por isso fugiamos ás recuadas, quando o nosso condiscipulo pharmaceutico tinha absorvidas ás attenções com a sua eloquencia recamada de *protos*, de *deutos*, de *bis*, de *sesqui*, de *pilhas*, de *retortas*, e varias coisas com que os homens entretem a vida para não morrerem de tédio.

Ainda me lembro d'outro condiscipulo, homem feito, já medico-cirurgico n'esse tempo, sujeito grave que não nos dava importancia como quem receiava pegar-se da gafa de nossa vadiagem e rapazice. Era o senhor José Barbosa Leão, hoje jornalista, já duas vezes secretario geral do governo de Moçambique, pessoa de muito juizo, muita prudencia, e bom amigo de toda a gente, segundo entendo.

Não me lembra já se o alferes fez acto de chimica. Eu fiz! O meu ponto era o *Kermes mineral* e não sei que mais. Tirei-o com outro infeliz da minha tempera em chimica. Fui para um quarto andar onde eu morava na rua dos Pelames. Do quarto andar subi ao telhado com o compendio e uma viola. A mulher, que eu amava, vivia n'uma trapeira da rua do Souto, e estava lá a mondar manjeriões. Vi-a, sentei-me na espinha do telhado, e, ao arpejo da viola chuleira, cantei-lhe umas trovas, que eram a negação de toda a chimica, ou se pareciam com as theorias da sciencia em formarem no telhado o polo

positivo com que as correntes electricas se haviam de estabelecer, dado que a vizinha se constituísse pelo negativo: como de facto.

Assomou ao telhado o estudante emparelhado comigo para a hecatomba do dia seguinte: ia estudar, commu-nicar-me os seus conhecimentos e participar dos meus. Que chalaça! Traduziu pessimamente os prologomenos do compendio, e foi-se convicto da sua perdição e da minha.

Ao anoitecer, ainda eu não sabia a que pagina do livro estava a materia do ponto. Deliberei ás nove horas da noite não fazer acto, e fui ouvir a musica á porta do quartel general.

Estava eu embevecido na aria da Norma, quando senti no hombro pousar-se-me amigavel mão.

— O senhor por aqui?! perguntou-me alguém.

Voltei-me e vi o meu sabio condiscipulo Amorim de Vasconcellos, o estudante premiado, que, n'aquelle tempo, devia orçar pelos seus trinta annos, e já era administrador da botica do hospital da Trindade, se bem me lembro.

— Por aqui em vespera de ponto?! tornou elle.

— E' verdade...

— Já estudou?

— Nada.

— Então?!

— Não vou fazer acto.

— Por que não sabe o ponto?

— Justamente.

— Venha comigo, que eu ensino-lh'o. Venha, que é uma desgraça perder um anno!

E levou-me pelo braço.

Escutei-o até ás duas da madrugada. Quando saí,

sabia o ponto, sabia os rudimentos da chimica, sabia a historia e a philosophia da sciencia, conhecia Berzelius, Gay Lussac, Orphila e não sei quem mais.

Adormeci como um justo e acordei com a cabeça mais pesada que uma igual porção do kermes do ponto.

Souo a hora do acto. Já de antemão os condiscipulos me davam pêsames: dizia-se que eu, além de ser um parvo chimicamente fallando, tinha quarenta e oito faltas, afóra vinte e duas abonadas, sete *negas* e cinco *fugidas*.

O senhor Santa Clara estava na presidencia com ar funebre. O meu consocio do holocausto entrou como moribundo que não podesse morrer sem fazer acto de chimica. Eu ia alegre com a minha sciencia e trez calices de licor de canella.

Que acto eu fiz! Desenruguei a fronte do lente, enchi de jubilo os arguentes, espantei os condiscipulos e fui approvado *nemine discrepante*. E o que mais é, salvei o meu condiscipulo, que tinha sido menos boçal do que eu, e frequentára exemplarmente . . . os bancos da aula. Se eu não fui reprovado, fôra escandalosa a reprovação do outro. Deram-lhe um *r*, que elle agradeceu com o coração nos labios, não maculados de uma só palavra escorreita em materia de chimica.

Amorim abraçou-me, levantou-me á altura da sua optima cabeça e disse-me:

— Se não fossem as *negas* e as *fugidas*, o premio devia ser seu!

Radiava de alegria o bom homem! Tinha razão: fizera-me elle o assombro de todos; creara-me a reputação em quatro horas, com a sua linguagem tersa, clara, insinuante e amena como devêra ser o methodo de quem ensinasse chimica a senhoras.

II

Dois annos depois, cursava eu as auias de Coimbra, e soube que tinha morrido thysico o meu condiscipulo Passos Pimentel.

Amorim e Vasconcellos não tornei a vê-lo senão cinco annos depois. Consultei-o sobre as minhas precoces enfermidades de velho, e achei-o esquisito, assim com umas divagações incoherentes por coisas de telhas acima, com o rosto amarello como crestado ao reverbero das retortas de Paracelso, desvariado por espiritualidades e methaphysicas onde eu cuidava que ninguem podia ir sem passaporte para o reino da sandice. O sandeu, não desfazendo em ninguem, verdadeiramente não era elle. Hoje em dia, vão tão altaneiros os tolos que já é modestia não dizer a gente que é tanto como elles.

Interpunha-se anno e mais sem que nos vissemos.

Fundou se em 1853 a creche de S. Vicente de Paulo no Porto. Fizeram-me vice-presidente, fiscal ou não sei que governança d'aquillo. Achei-me com Amorim de Vasconcellos, eleito secretario da creche. Conversámos. Estava elle com uma febre cerebral de homœopathia. Explicou-me lucidissimamente as theorias hannemanicas e facil gloria grangeou em converter-me. Amorim entendia o mysterio das dynamisações infinitesimales. Não duvidava assegurar-me que dez gotas de nux lançadas das Berlengas ao mar podiam converter o oceano n'um remedio bom para dôres de estomago, de cabeça e outras. As demonstrações saíam-lhe claras e irrecusaveis como uma operação algebrica.

Por ocasião da cholera-morbus, em 1857, Amorim escreveu judiciosas considerações sobre as epidemias, e polemicou virulentamente nos periodicos com os contradictores de suas doutrinas. Escreveu tambem sobre homœopathia na gazeta especial d'aquelle systema. Era violento nas refestas: qualidade inseparavel dos apóstolos incendiados na sua fé; todavia, pugnava com engenho e cerrada dialectica.

Em 1858 abundavam-lhe os bens de fortuna. Começou então a amartelal-o o pensamento de casar-se. A idade já não era muito para lyrismos conjugaes; além de que, o pharmaceutico, desangrado pelos vampiros do spiritismo, estava feito um grande osso envolto em peliculas.

A mim, injusto apreciador das damas talvez, pareceu-me que a mulher dedicada áquelle sujeito assim nú de tecidos vitaes, levava em mira desarticular-lhe os ossos e apanhar-lhe o peculio. Argumentei contra o matrimonio, dadas certas circumstancias, e gabei-lhe as nupcias com o ideal, as deleitações misticas do intellecto com a sciencia. Não affirmo que estas farfalhices o desandassem do intento matrimonial; é certo que não casou.

N'este tempo, bem que serodiamente, andava elle ainda scismando com as mezas de pé de galo movidas pelo impulso magnetico dos dedos. Explicou-me a todas as luzes o phenomeno, que eu fiquei percebendo perfeitamente.

Passados dois annos encontrei-o afanado em experiencias de sonnambulismo. Tinha elle achado uma sonnambula lucidissima. Era uma actriz do theatro de S. João, chamada Jesuina, criatura que orçava pelos qua-

renta, se não boa para magnetisação, optima para dormir tanto quanto havia feito dormir as platéas. Tres vezes assisti a sessões de somnambulismo de Jesuina, magnetisada pelo sujeito que era de si um grande tubo de fluido electrico, um electróphoro, uma pilha voltaica, um enorme agulheiro de coriscos e faiscas.

Jesuina, por não ter coisa melhor que fizesse, adormeceu refestelada n'uma poltrona. Chamada á região da psyche pelo impalpavel pharmaceutico, não deu rumor de si. A primeira e unica prova, que me ella deu de sua lucidez somnambula, foi ressonar pelas fossas nasaes entupidas de rapé vinagrinho. D'ahi a pouco espertou atarantada, fallou á orelha do magnetisador, e este communicou-me á puridade as causas impeditivas do somnambulismo. Quando seja preciso, heide dizel-as tambem ao ouvido do leitor.

Inferi d'este irrisorio espectaculo que o meu pobre Amorim era industriosamente logrado pela actriz, peccado que, a meu ver, lhe não será carga no outro mundo, onde está, nem n'este lhe deve marear a memoria. D'aquella verdadeiramente póde dizer-se que viveu do seu espirito, quando a materia pertencia já aos paradoxos anatomicos.

Entretanto, Amorim de Vasconcellos, cada vez mais subtil e etherio, começava a descrer da existencia da molecula corporea, e a dar-se tacitamente como exemplo da veridicidade de sua abstrusa opinião.

Em 1859 encontrei-o triste, recolhido e translucido. Trocámos curtas phrases, das quaes apenas me lembra duas das suas. Foi isto:

- O logar dos espiritos não é aqui.
- No Porto? perguntei.
- Não: no globo sublunar.

Apertou-me friamente a mão e caminhou.

Volvidos poucos dias, Francisco Pereira d'Amorim e Vasconcellos debruçou-se n'uma janella do terceiro andar da sua casa na rua do Bom Jardim, inclinou-se o bastante para destruir o equilibrio do corpo sobre o peitoril e deixou-se cair. Minutos depois estava morto.

Tinha feito o seu testamento muito de espaço e judiciosamente.

Parte de seus bens legou á botica homœopatica, parte á creche de S. Vicente de Paulo e parte aos parentes.

Entre os legados menores deixava duzentos mil réis á sua somnambula Jesuina.

Depois é que entendi cabalmente o sentido das palavras: «o logar dos espiritos não é aqui.»

Amorim era doutissimo na sua especialidade, e, sem favor, o primeiro chimico experimental do Porto. Era disertissimo e correcto; bemfasejo, liberal com os pobres, e comsigo, austeramente economico e abstinente. Devo á sua memoria esta noticia em paga de me elle ajudar a fingir uma vez que eu sabia chimica.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

- | | |
|--|--|
| 1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas. | 15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino. |
| 2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado. | 16 — Esgotado. |
| 3 — Carmen, trad. de M. Level. | 17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel. |
| 4 — A Feira de Paris, por Iriel. | 18 e 19 — Esgotado. |
| 5 — O direito dos filhos, por George Ohnet. | 20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves. |
| — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas. | 22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas. |
| 7 — Esgotado. | 23 — Esgotado. |
| 8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas. | 24 — Contos, por Affonso Botelho. |
| 9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas. | 25 — Esgotado. |
| 10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel. | 26 — Esgotado. |
| 11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas. | 27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas. |
| 12 — Esgotado. | 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita. |
| 13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho. | 29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo. |
| | 30 e 31 — Esgotado. |
| | 32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel. |

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

- | | |
|---|--|
| <p>33 — Contos, por Pedro Ivo.</p> <p>34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.</p> <p>35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.</p> <p>36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.</p> <p>37 — Obras primas, por Chateaubriand</p> <p>38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.</p> <p>39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.</p> <p>40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.</p> <p>42 e 43 — Espelho de portuguezes, por Alberto Pimentel.</p> <p>44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.</p> <p>45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.</p> <p>46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.</p> <p>47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.</p> <p>48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.</p> <p>49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.</p> <p>50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.</p> <p>51 — Esgotado.</p> <p>52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.</p> <p>53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.</p> <p>54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.</p> <p>55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caêl.</p> <p>56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.</p> <p>57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.</p> <p>58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.</p> <p>59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.</p> <p>— Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.</p> <p>— Insulares, por Moniz de Bettencourt.</p> <p>62 e 63 — Historia da civilisa-</p> | <p>ção na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.</p> <p>64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.</p> <p>65 — Retalhos de verdade, por Caêl.</p> <p>66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.</p> <p>67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.</p> <p>68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.</p> <p>69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.</p> <p>71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.</p> <p>72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.</p> <p>73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.</p> <p>74 — Individualidades, por Henrique das Neves</p> <p>75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.</p> <p>76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.</p> <p>77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.</p> <p>78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves</p> <p>79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.</p> <p>80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.</p> <p>81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.</p> <p>82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.</p> <p>83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.</p> <p>84 — Um drama de ciame, por Maria O'Neill.</p> <p>85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.</p> <p>87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.</p> <p>88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.</p> |
|---|--|

OUTRAS OBRAS

Azevedo

Dicionario
raneo fra
2.^a edicã
extrema
Grammatic
Grammat
aprender
tre.
Lições pra
franceza
Ollendor
aprender
(2 vol.).

Carvalho

Ao correr
Arte de v
Aventura
mes).
Cerebros
Chronicas
Coisas d'
Contos e
Em Portu
Figuras d
Heroismo
Impressõ
No meu
Nossas fi
Pelo mu
Raphael,
(ed. de

LPor
C3493c

347892

Castello Branco, Camillo
Caver en ruinas. Ed.4.

NAME OF BORROWER

DATE

**University of Toronto
Library**

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

PARCERIA

ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA - EDITORA

50-52.Rua Augusta. 52-54

LISBOA